Manuela Nogueira

O MISTÉRIO

do Mundo dos Sonhos

(50 sonhos contados a pedido e outros da autora)

«O que há de mais reles nos sonhos

é que todos os têm.»

Bernardo Soares,

Livro do Desassossego

1 — Introdução

Os sonhos são fenómenos tão antigos como o próprio homem. Não surpreende, portanto, que durante séculos muitos se tenham dedicado à sua interpretação.

Deixando de lado a simbologia popular dos sonhos — que interpreta, por exemplo, os sonhos com figos frescos como êxito e alegria, e os sonhos com figos secos como problemas —, pode dizer-se que ao longo do tempo as interpretações místicas ou sobrenaturais deram lugar aos ensaios de leituras científicas, no quadro da psicanálise. Apesar disso, os sonhos continuam a ser um campo aberto de indefinições, sujeito a enorme controvérsia.

Na época dos egípcios, os sacerdotes, que interpretavam os sonhos e faziam a sua gravação em hieróglifos, eram muito considerados, acreditando-se que tinham poderes especiais.

Na Bíblia, há cerca de setecentas referências a sonhos. Para os cristãos, talvez o mais importante seja o sonho que tiveram os Reis Magos, para não revelarem a Herodes o local onde nascera Jesus[1].

No tempo dos gregos e dos romanos, os sonhos eram vistos como sinais dos deuses ou das almas dos mortos. As pessoas valorizavam o contexto dos sonhos, e até os chefes militares se faziam acompanhar nas batalhas por intérpretes de sonhos, que os ajudavam a decidir a estratégia mais apropriada.

[1] Evangelho segundo S. Mateus.

Aristóteles acreditava que os sonhos resultavam de funções psicológicas do indivíduo, e também de doenças silenciosas. Com esta atitude mostrava a grande sabedoria que o distinguiu na sua época.

Os intérpretes dos sonhos ajudavam a fazer diagnósticos na medicina de então.

Na antiga cultura chinesa, dizia-se que os sonhos eram uma viagem ao passado e que nunca se devia acordar uma pessoa, porque ela podia perder a alma. Por essa razão, alguns asiáticos menos esclarecidos rejeitam relógios com alarme.

Certas tribos de nativos da América do Norte e do México achavam que os sonhos lhes davam oportunidade de contactar com os antepassados. Essa crença levou a rituais de muitos géneros, alguns deles macabros.

Na Idade Média, os sonhos eram considerados tentações diabólicas, e as referências mefistofélicas na literatura da época ofereceram matéria para muitas formas de expressão artística.

No início do século XIX persistiam as preocupações metafísicas, mas começou uma era interpretativa diferente. A ciência evoluía e as causas dos sonhos passavam a ser atribuídas a estados de ansiedade, a problemas digestivos e a acontecimentos da vida quotidiana. Na segunda metade do mesmo século XIX, o interesse pelo estudo e pelo significado dos sonhos proliferava em livros, em conferências e em reuniões do foro intelectual e místico. Psicanalistas e outros estudiosos debruçavam-se sobre este tema.

Para um melhor esclarecimento, a título de condição necessária, abordamos primeiro o sono[2].

Num sono de oito horas reconhecem-se, em geral, quatro a cinco estádios, que podem assumir duas características ou fases:

- O NREM (*non rapid eye movement*) ocupa a maior parte do tempo em que se está a dormir, cerca de 75%.

- O REM (*rapid eye movement*), a que alguns autores chamam sono paradoxal, é uma fase durante a qual há intensa actividade (observável num eletroencefalograma EEG) e é muito importante para o equilíbrio físico e

[2] Parte da informação sobre o ciclo dos sonhos foi recolhida em *www.dreammods.com*

psicológico. Dura aproximadamente 20% a 25% do tempo em que decorre o sono.

Segundo os estudiosos, ao longo das normais oito horas de sono repetem-se ciclicamente as quatro fases seguintes:

- Na primeira fase (NREM), os olhos quase não têm movimento, há um arrefecimento corporal e os batimentos cardíacos são mais suaves. É a preparação para o sono; estado sonolento.
- Na segunda fase (também NREM), a situação anterior é acentuada, mas ainda não se dorme profundamente. O EEG denota frequências mais lentas. Diz-se que o organismo está em reparação dos efeitos do *stress* do dia anterior; as glândulas endócrinas recompõem-se e entra-se em sono quase profundo.
- Na terceira fase (continua-se em NREM), os sinais metabólicos estão extremamente baixos, vagarosos. Dura entre 15 e 20 minutos. É difícil acordar nesta fase.
- Na quarta fase entra-se num período REM, a tensão sobe, o coração acelera, a respiração oscila erraticamente, os músculos involuntários ficam imobilizados, a função cerebral acelera e revitaliza-se. As emoções manifestam-se (dura 15 minutos aproximadamente).

É neste último estádio que, geralmente, os sonhos aparecem. Se o sonhador for acordado, é provável que se lembre do sonho. Mesmo quando acorda sem interferências, pode ter, por escassos segundos, a visão do sonho que estava a ter ou de algum pormenor com ele relacionado. Geralmente, não o valoriza.

Há quem defenda, depois de vários estudos, que a fase de REM (quarto estádio) dá equilíbrio ao sonhador, que, se for acordado nesta fase, se sentirá irritado durante parte do dia. Pode até mostrar agressividade, apetite em demasia, dificuldades de concentração e perda de memória. Para alguns estudiosos, os sonhos ajudam a combater o *stress*, a recarregar a mente e a revigorar o corpo.

Para filósofos como Sigmund Freud, Alfred Adler, Carl Gustav Jung e Friedrich Perls, os sonhos são um patamar de acesso à realidade do homem, uma espreitadela para o inconsciente, através da qual se vislumbram misteriosos símbolos que podem ser analisados. A ciência diz-nos que é uma interrupção da consciência, mas há quem defenda que os sonhos são a descarga necessária de desejos, medos, frustrações e ambições. Para os espíritas, como Allan Kardec (pseudónimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail) e Djalma Argollo, entre outros, os sonhos são manifestações da alma, que emigra dos corpos durante o sono, e têm uma realidade extrafísica.

Sigmund Freud (1858-1939), considerado o pai da psicanálise, no livro *A Interpretação dos Sonhos*[3], pretendeu mostrar que nos períodos de sonho-inconsciência, a personalidade humana é desvendada. Desse modo, estudou os sonhos como a perspectiva de compreender o comportamento humano. Defendendo que o sonho pode expressar uma libertação pela via do inconsciente, que é composto por uma linguagem simbólica, chegou mesmo a sugerir que por vezes os sonhos revelam verdades ocultas. Esta perspectiva abriu a porta a vários campos de simulação, deformação, bruxaria, etc.

Freud refere-se a três categorias da mente:

- Id (identidade) — centrada nos impulsos primitivos, nos prazeres e desejos, nas ambições frustradas.
- Ego — respeitante ao consciente, ao racional, à moral, ao controlo da mente.
- Superego — censor do Id, que também se responsabiliza pelos códigos do Ego, extrapolando o seu eu.

Quando se acorda, os impulsos e desejos do Id são controlados pelo Superego. Através dos sonhos, vislumbra-se o Id e visionam-se os desejos camuflados. Na luta entre o Id e o Superegto, as imagens do sonho aparecem confusas. Ao querer lembrar-se um sonho, essa luta afirma-se, e assim se constroem estranhas imagens.

[3] Publicado originalmente em 1899. Existe uma versão portuguesa, publicada em 2009 pela Relógio D'Água.

Alfred Adler (1870-1937) sustenta que há uma correlação entre o sonho e a vida. Assim, quanto mais se sonha, mais provável é existirem problemas na vida do sonhador; quanto menos se sonha, melhor é o estado psicológico. Este autor contrariou Freud ao defender que a consciência e a inconsciência se harmonizam e que a vontade e o controlo das atitudes são um processo saudável. Adler entende que os sonhos podem expressar desejos não concretizados e compensar agressões da vida real.

Karl Jung (1875-1960), tal como Freud, acredita na existência do inconsciente, embora não o caracterize como animalista, instintivo, sexual. Considera-o mais espiritual. Por essa razão, divergiu de Freud. Jung apresenta o Ego como o sentido de si próprio e como a pessoa se apresenta aos outros e ao mundo.

Na teoria de Jung, tudo pode ser visto como pares de opostos: macho/fêmea, amor/ódio, bondade/maldade. Assim, em oposição ao Ego há o «contra-ego» ou a «sombra». A «sombra» representa a parte de nós próprios que a nossa mente rejeita, é a nossa faceta primitiva, inculta, que se deseja ocultar. É talvez o «selvagem» que queremos dissimular.

Friedrich Perls (1893-1970) é o fundador da Terapia Gestalt, uma técnica para preencher os vazios do ser, e acredita que nos sonhos esses rejeitados «eus» aparecem. Perls aconselha a que se tente dialogar na primeira pessoa com os elementos do sonho, mesmo os inanimados. É um modo de exorcizar o conteúdo dos sonhos e de reconhecer sentimentos que se deixaram sepultados e não valorizados. Perls não reconhece uma linguagem simbólica nos sonhos. Cada sonho é único para o sonhador, e foi a partir desta premissa que construiu a sua terapia.

Só um estudo aturado da posição destes psicanalistas permitiria tirar ilações mais profundas sobre matéria tão volátil como os sonhos. Permito-me, ainda assim, avançar com as minhas conclusões, que são apenas um simples ponto de vista.

Embora os estudos de Freud tenham aberto portas, considero a sua interpretação demasiado materialista. Por outro lado, concordo com Adler quando diz que há uma correlação entre o sonho e a vida; um campo onde se entra e do qual não é preciso fugir, devendo antes enfrentar-se. Foi com base nesta convicção que fundou a sua terapia. No entanto, a explicação de Jung enquadra-se melhor na forma como entendo o sonho. Jung considera que há uma via espiritual na qual o homem se escapa, e até lhe dá o nome de «sombra». A ideia de «sombra» que é o «outro eu» em nós possível, sempre me fascinou - aliás, já antes escrevi sobre este tema. Somos aquilo que vamos construindo de nós próprios e nos é grato apresentar aos outros. No entanto, há o «eu-sombra» que tenta plasmar-se em nós em diversas ocasiões e que afastamos com maior ou menor eficácia. Essa nossa «sombra» manifesta-se, protagonizando alguns dos nossos sonhos. Muitas vezes, incomoda. Esquecemos o sonho rapidamente, por efeito de um processo de rejeição, ou talvez porque o organismo esteja em défice hormonal. Como disse no início, o sonho é um campo aberto de indefinições.

A análise «científica» não explica que um sonho possa decorrer num ambiente desconhecido, que nele surjam personagens nítidas que nunca antes vimos e que o mesmo sonho se possa repetir em intervalos distanciados no tempo. Assim, porque muitos sonhos são incompreensíveis e sem qualquer sentido, há quem diga que não têm lógica. Mas há também muitos que resultam de vivências, ou têm ligação a essas vivências, e outros que antecipam factos da vida real (sonhos premonitórios). Por isso, apesar de vir descobrindo que a vida real nem sempre tem muita lógica, prefiro deixar em aberto a questão de os sonhos terem (ou não lógica) lógica.

Os sonhos devem ser contados no momento imediato ao acordar, quando ainda temos dúvidas sobre se o que acabámos de viver realmente aconteceu. Passados poucos segundos, tudo se dilui, como água que escorre veloz pelo ralo de um lavatório. Há pessoas que nunca se lembram dos seus sonhos, outras não os consideram, por diferentes razões. Os pesadelos ficam mais vincados na memória.

Estes fragmentos que aqui registo têm um horário instável e só interessam a quem se interrogue sobre o significado dos sonhos.

Cerca de um terço da nossa vida, passamo-la a dormir e a sonhar. Mesmo quando esquecemos os sonhos, eles fizeram parte da nossa consciência ou da nossa inconsciência. Talvez eles sejam mais importantes, embora não lhe atribuamos o relevo que merecem!

Propositadamente, não fiz leituras muito extensas sobre a origem dos sonhos. Queria que este livro fosse um relato simples, embora inquisitivo. Queria que a minha própria análise não ficasse presa a ideias feitas. Gosto de escrever contos, e os sonhos são um bom material narrativo.

O tempo corre desde o início (?) até ao presente, sem nos pedir licença. A noção de *tempo* é matéria de trabalho para físicos, matemáticos, filósofos. A história dos povos, as descobertas arqueológicas, vão-nos dando a noção de tempo e de espaço.

Os agricultores têm outra imagem: são as sementeiras, as colheitas, o *tempo* do pousio. Na época do meu avô, «esta quinta dava de comer a todos», «no meu *tempo* as meninas eram mais recatadas»...

Afinal, percorremos a vida aceitando a nossa pequenez perante vários mistérios. Os materialistas procuram atribuir os comportamentos humanos ao desempenho das células, rejeitando a existência do espírito. Os sonhos talvez sejam a sala de recreio onde os crentes brincam com os descrentes e onde de vez em quando acontecem pesadelos.

Para a descrição dos sonhos que a seguir se apresentam contribuíram as minhas avaliações e considerações e, naturalmente, os relatos dos contadores de sonhos, a quem estou muito agradecida, e sem a ajuda dos quais este livro não podia existir. Chegamos à conclusão de que o real, o sonho e as interligações são factores que não conseguimos dissociar.

= Sonho 1 =

— Este sonho — disse ela —, escrevi-o imediatamente, como me pediste que o fizesse. Eram cinco da manhã e acordei com a memória tão fresca que, antes que murchasse, escrevi os tópicos. Depois tu escreves o que quiseres. Eu fiz o meu papel de sonhar, tu farás o teu serviço de escrever. «Somos fadados para destinos diferentes e aptidões distintas» — é o que dizia a minha avó, que tanta sabedoria levou com ela.

Era uma cidade fria e monumental. Parecia-se um pouco com alguns lugares de Paris sem a sua alma. O local por onde andei no meu carro tinha ruas largas e prédios de pedra dignos, altos, imponentes. Passei por um monumento similar ao Arco do Triunfo, mas em vez de isolado da confluência das avenidas estava rodeado de outras construções com o mesmo porte e estilo.
Guiei por um trajecto predefinido, num labirinto de encruzilhadas onde os altos edifícios projectavam sombras nos arruamentos laterais. Ninguém nas ruas.
A sensação é que tinha um destino, mas estava isolada. Ia no entanto alegre, com aquela alegria das pessoas ingénuas e um pouco tontas, que têm a virtude de não avaliarem o seu desempenho.
Dirigia-me a um museu de pintura. Estacionei o carro num espaço vazio. Lá dentro, no museu, havia muita gente. Esse paradoxo não me espantou.
As pessoas deambulavam pelas salas e nunca passavam os olhos por mim. Natural. Vinham apenas ver as belíssimas pinturas de mestres antigos. Os seus olhos pousavam muito acima, porque os quadros estavam dispostos a uma altura invulgarmente elevada.
O estranho público, essencialmente mulheres jovens e crianças, vestia-se como se fora convidado para uma festa. A maioria parecia conhecer-se, ou talvez apenas pertencesse ao mesmo estrato social, por isso podiam sorrir entre si, porque faziam parte do mesmo meio. Eu não pertencia a meio nenhum e não conhecia ninguém.

Percorri, rente ao cordão vermelho, o limite dos visitantes, sala a sala e ninguém percebeu que eu era gente e que também me deliciava com aquela arte inimitável, de uma perfeição que me maravilhava. Estava numa zona de retratos e fascinavam-me os efeitos de luz, os cambiantes de cor das roupagens, as expressões do olhar dos retratados. Arte e sabedoria. Aquela sabedoria apenas detida por quem se dedica em absoluto ao que faz. Ali estavam as provas.

Duas crianças, mais desligadas da família sorriam para mim e percebi que afinal existia. Então, apontei para aquele quadro mágico onde estava representada uma senhora de vestido azul. Os miúdos, numa voz que se sobrepunha ligeiramente ao murmurinho dos educados visitantes, perguntaram-me: — Gosta deste quadro? — E antes que respondesse alguém os chamou, e eu tornei a ficar no meu normal isolamento.
Então, fiquei ali parada. Aquela senhora de vestido azul, de flores pousadas no regaço, que ela amparava com as suas mãos delicadas, quase saindo da tela, era um chamamento. O pintor trabalhara os cabelos castanhos do modelo até ao inconcebível. As sombras das pregas do vestido azul traziam o pintor até mim. Só esta perícia podia extasiar os olhos que quisessem ver. Já não me sentia só. O autor deste quadro, por uma força não explicável, prendia-me ao seu quadro — estaria ele lá, de longe, a gozar o impacto que a sua obra produzia?
Talvez em vida vivesse pobre e fosse pouco conhecido. Mas que interessava ser conhecido entre cegos?! Quantos dos seus colegas nunca lograram estar num museu, apesar de tão bons como ele... (pensava eu no meu sonho, porque sonhar pode ser uma vida paralela).
Eu estava no espírito do pintor. Poderia ser seu familiar, até a sua mãe... porque as mães acham que muitos dos seus filhos nunca têm a fama que merecem. Ali estava eu a apreciar toda a estrutura do desenho, a proporção, a mistura de cores. Para mim, aquele quadro era toda a exposição.
As crianças passaram de novo por mim, e uma perguntou: — Ainda está aí? Há outros quadros bonitos, mas eu também gosto mais deste, da senhora do vestido azul.

Lágrimas banharam o meu rosto, talvez porque alguém partilhasse comigo a exaltação do que eu sentia... e era uma criança. Ser uma criança era a recompensa máxima. Voltei a atentar na fauna estranha dos visitantes. Todos tão bem vestidos, à la page*. Moviam-se na esfera dos que sabem o que se veste e como se sorri.*

Com a cara húmida, acordei*.*

Já estou acordada há algumas horas e fiz o que te prometi. Nunca visitei nenhum museu com aquelas características, nem reconheci a cidade por onde andei. As crianças pareciam meninos bem-educados, filhos de gente que também dá o «berço». Eu, ou aquela que sonhou, não tinha presença real. Quando acordei senti que verdadeiramente só aquelas crianças me conferiram uma presença autêntica.

= Sonho 2 =

Aqui vai o sonho-relato que a Clara me transmitiu.

Vivi os meus primeiros dez anos de vida numa moradia cuja arquitectura era igual a muitas outras. Jardim à volta da casa, degraus de acesso à casa, corredor e divisões de um lado e de outro e pouco mais.

Saímos dessa casa porque teve de ser demolida para se construir um prédio igual a tantos outros. A infância ali vivida não foi das mais enternecedoras, já que passava a maior parte do tempo em casa de minha avó, que foi uma grande referência na minha vida. Nada de especial em tudo isto.

A casa já não existia, mas sonhava com ela sempre num clima de ansiedade. Isto começou na minha adolescência, talvez de três em três meses. Era um sonho recorrente. Estava sempre no seu interior quando sonhava. Desejava mudá-la a meu gosto. Olhava à minha volta, estava no corredor, dava uns passos e fixava os olhos dentro de outro quarto. Não sei que papel estava a cumprir. Queria que alguma coisa mudasse, mas não tinha verdadeira percepção do que havia de mudar. Aqueles recantos vazios onde as sombras caíam e davam aconchego ao espaço eram uma espécie de abraço nostálgico. Às vezes crescia em mim a ansiedade, uma vontade de tudo arrasar para me libertar daquele peso, da memória que me condicionava. Seria eu uma intrusa que vinha de longe? Se tudo, mesmo tudo, mudasse dentro daquela casa, podia voltar... mas ao acordar ficava confusa, porque sabia que a casa havia sido demolida anos antes.

Passei vários anos a ter esse sonho cíclico. Sempre o mesmo tema. A casa era um fantasma que me perseguia.

Na vida real, quando fiz cinquenta e quatro anos, comprei uma casa velha, em ruínas. Tinha dois séculos. Orientei toda a sua reconstrução e a decoração do interior.

Nunca mais sonhei com a outra, a da minha infância.

Pensei: «Que bom! Finalmente livrei-me desse enfadonho sonho que me acompanhou tantos anos.»

Engano meu. Passados talvez dois anos, comecei a sonhar novamente com a antiga casa, mas agora era do exterior, da rua, a olhar para ela, para o jardim, e sem ansiedade. Porquê tantos anos a sonhar com o interior e depois passar para o exterior, exactamente na altura em que adquiro a outra?

E novamente os sonhos são cíclicos...

A Clara contou-me então outro sonho, que aqui relato com algumas pequenas achegas.

= Sonho 3 =

Minha avó, aquela referência da minha infância e adolescência, vivia sozinha quando eu não estava com ela. Lembro-me da casa como um refúgio, onde sonhava acordada e também a dormir. Era o bastião dos meus sentimentos, dos segredos e também das lágrimas, que podiam correr sem ter de explicar.

Tive então um sonho premonitório.

Tinha uns dezasseis anos sonhei que *minha avó tinha em sua casa um rapaz que ali vivia como hóspede* (no sonho não classifiquei a sua ligação à minha avó)*. Ocupava um dos quartos, que identifiquei perfeitamente. Eu não sabia quem era o rapaz. Não éramos amigos nem conhecidos.*

Foi tão estranho este curto sonho que resolvi escrevê-lo no meu diário de adolescente. Meu Deus, que disparate de sonho. Minha avó com um rapaz em casa, uma senhora que, no seu horizonte mais próximo, não tinha ninguém que pudesse eventualmente ir viver com ela... e ainda por cima um jovem!

O sonho foi tão real e marcante que fiquei com ele impresso na memória.

Passados dois anos, uma nora da minha avó que tinha um sobrinho em Angola pediu-lhe que ela cedesse um quarto ao João, o tal sobrinho, que queria vir para a Metrópole, para a Força Aérea na Ota, e que não tinha onde ficar nas vezes em que viesse a Lisboa. A minha avó cedeu-lhe o tal quarto...

Mais tarde, conhecemo-nos e passámos a namorar. Que sonho estranho! Afinal, tive um sonho premonitório, quando julgara sempre ter sido pura especulação.

= Sonho 4 =

Tínhamos entrado numa casa da qual só me lembro do interior, de seus quartos e corredores. Ouvia-se uma música. (No dia seguinte, bem acordada, identifiquei o Concerto n.º 21 para Piano e Orquestra de Mozart, que ouvira na véspera do sonho num CD que meu marido pusera a tocar enquanto líamos os jornais.) *Mituca e eu estávamos empenhadas activamente em procurar qualquer coisa importante nas gavetas de duas cómodas no meio de roupas desalinhadas. Ela dizia que seria pouco provável que encontrássemos, mas eu, com um afinco de cão de caça, persistia incessantemente, pois, embora sabendo que a procura seria em vão, não desistia. Havia um certo cansaço nesse afã de uma procura sem esperança.*

A jóia desaparecera e minha mãe sempre escondera tudo de importante em sítios inusitados. Por exemplo entre cuecas, sutiãs, lenços e meias.

Alguém cantava lá fora e eu sabia que era a Joaquina, que lavava a roupa no tanque de cimento ao pé do alpendre. Essa toada monocórdica afastou a música de Mozart que ouvira no início. (Não havia tanque para lavagens na minha casa há mais de trinta anos.)

Lembro-me do casaco de malha que a Mituca vestia. Era de lã grossa, de tons misturando o cinzento e o carmim. Era do género que ela usava, mas nunca lhe vi nenhum assim para que o estivesse agora a recordar. Dela, retive o sorriso paciente, bondoso, e um certo humor, e o movimento das mãos no torvelinho das gavetas desarrumadas. As peças que se retiravam das gavetas remexidas caíam no chão ou eram postas em cima da cama num grande alvoroço. Procurar era sempre alvoroço. Depois, eu própria, encontrava agendas de páginas rasgadas que se iam amontoando e me despertavam a curiosidade de as investigar no final da procura. O interesse pelo conteúdo das agendas começou a prevalecer em relação à procura da jóia. Então já procurava sem nexo, sem cuidado, porque queria refugiar-me no cadeirão do meu quarto analisando as agendas antigas onde iria reviver um pouco do passado, avivando as lacunas da memória. Mituca parecia não prestar atenção ao que eu fazia; ela distanciava-se de mim aos

poucos, talvez para uma zona nebulosa onde eu já pouco a via. Parecia alguém que se esfumava na linha do horizonte e que, nada dizendo, me excluía do seu convívio. Isso era doloroso, muito doloroso, porque eu desejava vê-la por mais tempo e com o meu desleixo afastara-a. Sempre o meu desleixo ao querer fazer várias coisas simultaneamente, sempre…viver em dois mundos…

O grito de Joaquina foi o ruído que me levou a acordar, mas antes ainda a ouvi dizer:

— Ora esta! Vejam lá o que encontrei no bolsinho deste colete do Senhor Doutor... O alfinete de brilhantes que as senhoras procuram...

Mituca era uma cunhada muito amada que nos deixara grande saudade. Talvez a minha não-desistência de procurar a tal jóia, de cuja forma ou valor eu nem me lembrava, visasse apenas prolongar a presença da Mituca junto de mim. Depois, num ápice, vi agendas e logo a esqueci.

E assim voltei à realidade do meu quarto e, por momentos, tentei fechar de novo os olhos para visualizar a jóia que não cheguei a reconhecer e a presença da Mituca que desaparecera bruscamente do meu convívio. Ter a companhia dela, mesmo por um tempo indefinido — cinco segundos ou *meia hora*? (escrevi involuntariamente *meia-morta*... depois, corrigi, mas como é um sonho procuro uma certa fidelidade).

Alguns sonhos deixam rastos. Este deixou.

Allan Kardec diria que as nossa almas continuam uma amizade que a morte não separa, e assim o sonho proporcionou o encontro. Talvez dissesse de outra forma, mas nenhuma explicação me poderia clarificar a dúvida.

= Sonho 5 =

Não sei quantas vezes tive este sonho. Sei que tinha um pouco a ver com uma casa na linha do Estoril onde vivi com meus pais. A casa, de dois pisos, foi construída num declive e tem por isso vários planos. Durante muitos anos, não havia nenhuma construção a sul e via-se o mar. Havia, sim, um terreno íngreme, fora de muros, por onde eu corria até ao vale. Eu conto o sonho, que foi recorrente:

Os meus pais tinham permitido aos caseiros que, no lote anexo, construíssem uma pequena casota para aí viverem. (na realidade, nunca existiram caseiros)*. Mas nesse sonho, que sentia vir a repetir-se, o casal aos poucos ia alargando a sua área, com hortas, gaiolas para galinhas e outras para coelhos. Cada vez mais invadiam o que considerávamos o nosso jardim. Havia um mal-estar generalizado com essa invasão gradual, esse avanço pelo nosso espaço. Da nossa parte, só acontecia um progressivo constrangimento.*

Eu visitava os coelhinhos novos e também os pintos, que mal saíam da casca já se bastavam a si próprios. Em vez de ficar encantada, como qualquer adolescente, sentia um aperto no peito, porque sabia que meus pais também sofriam por esta supressão da nossa intimidade.

Depois, a caseira, que usava um lenço branco na cabeça, começava a estender a sua roupa no nosso jardim e soltava um cão de que tínhamos medo e entravam na nossa casa sem que ninguém lhes barrasse a entrada ou perguntasse o que desejavam. O caseiro tinha um defeito numa perna e coxeava; servia-se de todo o nosso material de jardim. Penso que a passividade de meus pais era o que mais me afligia. Aos poucos, refugiava-me mais e mais no meu quarto e tentava ler livros, mas não percebia o que lia e voltava sempre à primeira página.

A sensação de perder privilégios, de haver uma inibição por parte da minha família que a impedia de actuar, asfixiava-me. Quando acordei, gritei por Olga. Nunca conheci nenhuma Olga.

Este sonho, com algumas diferenças, foi recorrente durante anos.

Certa vez, o sonho voltou um pouco diferente:

A caseira apareceu de manhã na nossa casa, com o tal lenço branco atado à cabeça e de camisa de noite. Disse à minha mãe que não queria voltar para o marido, nem tão-pouco o queria ver, e que despedíssemos a nossa empregada doméstica, porque ela a podia e queria substituir. A minha mãe meteu-se no escritório do meu pai e nunca mais de lá saía. Eu esperava o desfecho. O meu irmão Luís abriu as capoeiras e os galináceos fugiram, o homem dos jornais chegou e disse que não acreditava que o homem tivesse pisado o solo da Lua (isto foi em 1969 e nada tinha a ver com a época do sonho)*, eu aproveitei a confusão para arrancar o papel da parede do meu quarto, que começara a descolar-se e me irritava. O caseiro pôs-se a tocar o sininho da porta do quintal e não parava…* Foi quando acordei muito cansada.

Quando o meu pai na realidade utilizou o tal lote anexo ao nosso terreno para aumentar o jardim para o dobro, o sonho nunca mais se repetiu. Eles, os caseiros virtuais, tinham sido banidos definitivamente, e nós usufruíamos de um espaço de que, nos sonhos, estávamos a ser espoliados. Nunca tivemos caseiros, é preciso insistir neste ponto. Recearia eu que a casa um dia deixasse de me pertencer? Ainda hoje passo ali parte do ano.

= Sonho 6 =

Em muitos sonhos, há sempre alguém que cai a um poço ou somos nós a cair. Comigo também aconteceu. Naquele terreno havia uma velha construção coberta de hera e um poço que estava sempre tapado por tábuas.

Tudo isto se passava num sonho muito rápido como se tivessem acelerado a rotação dos acontecimentos.

De vez em quando, aparecia um homem que accionava uma roldana, retirava as tábuas que cobriam o poço e tirava baldes de água que dizia ser muito boa para cicatrizar feridas ou para dar banho a bebés. Eu estava sempre atenta, porque as diversões naquela casa de Trás-os-Montes não eram muitas. O que me valia era o Faísca*, um cão rafeiro, de barbinhas encaracoladas no focinho, que eu protegia. Sempre que saía à porta de casa nem era preciso chamá-lo. Ele acompanhava-me até à zona dos castanheiros, e aí eu sentava-me no chão a abrir ouriços e a soltar as castanhas.*

Uma vez, o homem, vendo o meu interesse pelo poço, disse-me: — Só o Raimundo mexe aqui, ouviste?

Eu afastava-me sempre, acompanhada pelo cão, que arrebitava as orelhas mostrando entendimento.

Talvez porque nunca tivesse olhado para dentro do poço, talvez porque o medo me atraísse, a verdade é que dou por mim a levantar as tábuas e a espreitar com curiosidade para o buraco escuro.

O Faísca *ladriscava, eu mandei-o calar. Tanto olhei para o fundo, que os meus olhos se habituaram à escuridão e percebi que havia umas escadinhas que se interrompiam junto de uma pequena plataforma onde se reflectia uma luz.*

Desci e deixei o Faísca *a uivar de mansinho. O medo deixara-o cá em cima.*

A luz vinha de uma cavidade com tamanho suficiente para eu poder entrar; apenas receava os bicharocos que esvoaçavam nesse ambiente húmido. À medida que avançava, o espaço alargava-se e a luz tornava-se mais forte. Já não ouvia o Faísca *e, como uma personagem*

divorciada dos próprios sentimentos, avancei por aquele corredor sinuoso cujo chão começava a secar. Nisto, identifiquei a voz do Raimundo. Aproximei-me sem que ele desse pela minha presença, e ouvi:

— Nunca fui rico nem serei, mas este dinheiro a ninguém deixarei. (A figura do Raimundo identificava-se com a personagem do Scrooge, de Dickens.)

Fiquei encolhida tanto tempo (o tempo não conta nos sonhos) *que vi uma aranha construir uma teia, e esta brilhava com a luz, que ali já era forte.*

Saltei o rebordo do poço e comecei a ouvir o uivo cansado do Faísca*. O cão desatou a fugir como se tivesse visto um fantasma, e eu dei um grito estridente chamando: Faísca…ca…ca…*

E assim acordei, olhando o quarto que por escassos momentos me pareceu um quarto de outro sonho e onde entrava por acaso. Nunca tive um cão com aquelas características. Há muitos anos que não temos animais em casa.

= Sonho 7 =

Sete é um número mágico. Sete são os braços do candelabro israelita - o *menorah* - sete os pecados mortais; sete os espíritos de Deus; sete os passos no sentido de alcançar a perfeição do espírito humano; sete os arcanjos: Miguel, Rafael, Uriel, Samuel, Jofiel, Ezequiel; sete os raios de energia por via esotérica etc.

Não sei se o relato com este algarismo aconteceu premeditadamente ou por um acaso. Foi um dos sonhos mais estranhos de que me lembro. Revestiu-se de uma tal nitidez que não desapareceu rapidamente como é usual.

Ficou nimbado de uma aura que para uns é um sinal esotérico, para outros a assepsia de fortes emoções, e para outros ainda, talvez os espíritas, recados do mundo dos mortos.

Entrei nele como Alice na toca do coelho. Impelida por uma força telúrica que me comandava os trajectos e tirava o poder de decisão.
Havia uma cidade desabitada na parte baixa de Lisboa. O terramoto de 1755 deixara-a soterrada e, a mando do Marquês de Pombal, tinha de ser rapidamente coberta por uma estrutura, para que a reconstrução da cidade se fizesse sobre o que fora abalado. No projecto de reconstrução, as ruas paralelas seriam pelo menos sete, segundo a ordem imanada do Governo. Algumas desembocariam no Terreiro do Paço e outras cruzavam-se com estas.
Martelava-me a cabeça esta descrição, que devo ter ouvido a uma das guias dos passeios que há muito fazia com um grupo de «Amigos de Lisboa».
Resolvi (no meu sonho) *percorrer esse labirinto que correspondia a parte da cidade soterrada. Deparei com sete entradas. Todas diferentes e todas viradas a oriente. Apesar do seu aspecto escavacado, apenas de lado me podia esgueirar entre os restos de arcadas e ruínas de pórticos.*
Percorri sozinha essa cidade de arcadas de calcário erectas ou vacilantes. Entrei em divisões onde vestígios de um passado interrompido deixaram sinais macabros da efemeridade dos destinos.

Entre teias de aranha e insectos indescritíveis, caminhei com a cabeça baixa, como se o peso dos séculos me obrigasse a isso.
Numa divisão um pouco mais ampla, sentei-me numa pedra. A luz ali era escassa. Aos poucos, habituei-me àquela semi-obscuridade e reparei numa sombra encostada a um desvão do terreno. Aproximei-me com tanto medo como curiosidade. Fixando bem o olhar, percebi que era um berço de verga onde uma colcha de renda de bilros ainda era identificável. A medo, levantei-a, e os meus olhos encararam com um esqueleto diminuto, encurvado como um feto saído do útero do tempo. E a mãe? Perguntava-me como exigindo o desvelo de um comportamento esperado, e a mãe?
(Foi aí que o sonho passou a pesadelo.) *Comecei numa busca insana, percorrendo todos os recantos onde teias de aranha e bichinhos cegos e húmidos se esgueiravam perante as minhas correrias. Teriam todos fugido e deixado este bebé? Que mistérios haveria para contar naquelas catacumbas onde só parte era visível a visitantes?*
E a dor de mais uma vez verificar que nunca houve ou haverá justiça? A sensação de ter perdido o meu coração ali naquela cidade soterrada, onde mais uma vez constatei o mistério das civilizações sepultadas em diferentes patamares, enquanto os arqueólogos tentam reconstruir as raízes das eras. Ali perdi para sempre a noção de esperança. Saí por outra das sete portas, onde um sol inclemente me fez cerrar os olhos.

Acordei como normalmente se acorda de pesadelos: contente por saber onde encontrar o pequeno-almoço.

= Sonho 8 =

A campainha soava vibrantemente e eu corria ao portão do jardim. Perguntava: «Quem é?» E ninguém respondia. Estava proibida de abrir, e ficava muita quieta para detectar passos que se afastassem ou vozes que interrogassem. O tempo que ali permanecia em expectativa dava para ouvir os besouros negros à volta do arbusto melado dos «rapazinhos», e para pensar que os dias eram muito compridos nas férias e pouca coisa acontecia. Um dia que nunca mais esqueci nos esfumados sonhos da pré-adolescência, aconteceu o mesmo toque vibrante da campainha do portão, e eu corri sem nexo, sem amarras, sem medo. Abri o portão e vi um lindo rapaz, vestido de branco. Tinha umas calças compridas beges e um casaco branco. Um cabelo castanho aloirado, que parecia ter acabado de ser penteado depois de um duche, e um sorriso inesquecível.
Este foi o melhor encontro da minha vida.
Parecia que nenhum de nós esperava que fosse preciso falar. Não sei o que ele podia estar a pensar desta miúda vestida de fatinho de tobralco às florinhas. Eu sei que ao fechar o portão atirei com a figura do amor para fora da minha vida. Aquela aparição masculina de olhar sorridente foi-me enviado por Afrodite, deusa do amor, para que jamais, no mundo real, pudesse encontrar uma que se lhe assemelhasse. Depois, sentei-me num degrau da horta e com um graveto partido da velha oliveira fiz desenhos de corações distorcidos no saibro do patamar.

Ficou para sempre no meu subconsciente este sonho: a visita do amor indefinido, autêntico? Ao longo da vida, essa imagem de uma paixão infantil sem nexo e mantida no segredo que cada um entesoura no cofre inexpugnável dos sonhos, aparece como se tivesse sido real e nem Jung nem Freud poderiam explicar o conceito do amor inacessível. Explicam, sim, ou que uma herança hereditária cria arquétipos, no caso de Jung, ou que o sonho é um protector do sono e um realizador de desejos segundo Freud.[4]

[4] Do livro de Freud *Interpretação dos Sonhos*. Versão inglesa publicada em 1994 pela Modern Library, de Nova Iorque.

Este sonho ficou, para mim, como «a primeira visita do amor».

= Sonho 9 =

Conto:

Todos iam viajar naquele cruzeiro. «Todos» são os que conheço de perto e com os quais falo com regularidade. Fui até ao cais e fiquei a dizer adeus, como um cão que mete o rabo entre as pernas quando o dono o deixa no canil e vai de férias. O volume do barco, as bandeiras abanando à brisa de Junho, as gaivotas em voos rasantes incomodando o meu pensamento e a sensação de não poder dar a notícia que os inibisse de partirem de viagem. Essa ordem rodeada de fatalidade e as caras felizes dos amigos que partiam com ares um pouco trocistas por eu não os acompanhar. Esse enigma que eles não pressentiam e me ancorava a um segredo sem partilha pertencia a uma estada no limiar de outras paragens.
E quando o Sol se escondeu, o barco começou a afastar-se numa penumbra que me aliviava a consciência, e as gaivotas a poisar no cais numa fila indiana como soldados à espera de ordens.
Sei que o barco se afundou. Sei que todos se salvaram, porque no alto-mar os passaram para um vaso de guerra que ouviu o pedido de

socorro. Sei que acordei como se também tivesse partilhado o tormentoso transbordo, os premonitórios receios, a angústia de recados que nunca se dão.

Neste caso, houve um vislumbre real de ligação a este sonho, porque tinha visto na televisão uma notícia de naufrágio no Índico e deram imagens do salvamento. Que decifrador de sonhos, espírita, filósofo, psiquiatra poderá explicar as mensagens que alguns recebem e outros não? O não transmitir premonições é uma defesa, uma cobardia ou uma imbecilidade?

= Sonho 10 =

Finalmente a Gabriela contou-me o seu sonho.

Sabes, é um sonho recorrente, que aparece sempre que uma mulher muito próxima de mim fica grávida e se interroga, antes de fazer a sua primeira ecografia, sobre o sexo do bebé. Não percebo porque estes sonhos me acontecem, e até me perturbam.

Estou num areal estranhíssimo, onde nunca estive. Há um penhasco muito alto rodeando o areal, constituído por rochas escuras, ligeiramente ferruginosas. No cimo, ergue-se uma torre velha que parece ter sido arrancada de um castelo. Na base da torre há um portão, que vislumbro, lá de baixo, do areal onde me encontro. Entre mim e o mar existem duas meias-luas de areal não muito grandes. O rochedo quase que divide estas duas mínimas enseadas. A areia é muito fina — mesmo assim, distingo os destroços das conchinhas que se deslocam com a maré.
Há uma preocupação em mim. Sinto que alguém me encomendou qualquer coisa, sei que esperam uma notícia.
Então, cá de baixo, na praia, olho para a torre e reparo numa figura de mulher que caminha em direcção ao portão da torre. Conheço-a, mas não me lembro bem quem é. A mulher bate à porta, e uma outra, mais velha, aparece. Reconheço a mulher que habita a torre: é a Narcisa...
(lembras-te dela? A banheira[5] da praia da Poça, a mulher do João, a que tinha os filhos loirinhos, tal como eles.)
Apercebo-me de que a mulher fala com a Narcisa e depois volta-se e traz uma criança pela mão. Fico ali como se estivesse a ver um filme. Depois a criança volta-se e vejo-lhe o sexo. Repito para mim própria como se trouxesse uma encomenda: «É rapaz.» Fico perplexa. Sento-me na areia húmida e o tempo arrefece rapidamente. Puxo a roupa da minha cama e acordo.

No dia seguinte, a minha neta pergunta-me porque estou com um ar tão enigmático. Digo-lhe que tive um sonho e que ela ia ter um

[5] *Banheiro*, na época era o termo usado ao vigilante da praia

rapaz. Pulou de contente, porque tanto ela como o marido gostavam de começar por ter um rapaz.
Um ano depois, aproximadamente, outra neta ficou grávida e, como o meu sonho tinha batido certo com a primeira, fez-me o mesmo pedido. Protestei e disse que devia ter sido um acaso e que os sonhos não se encomendam.

A verdade é que uns dois meses mais tarde o sonho se repetiu.

Entrei no sonho como numa casa conhecida. As mesmas línguas de areia rodeando um penhasco alto, e lá em cima a torre que parecia ter sido arrancada de um castelo.
O mar estava cálido e eu entrei na água contente, porque o arrepio de frio que costumava acontecer não se deu. Depois, ouvi um sino tocar e percebi que ia acontecer qualquer coisa. Saí da água e olhei para cima.
A idosa abriu a porta da torre velha, e eu reconheci-a: era a Narcisa. Como no sonho anterior, vi uma mulher aproximar-se do portão, trazendo uma criança pela mão. Avançavam muito devagar, como num filme ao ralenti*. Depois, chegaram ao pé da velha, deviam estar a falar, porque eu olhava para cima em expectativa, como se assistisse a um filme mudo. Nisto, a criança voltou-se e eu vi que era uma rapariga. Um nevoeiro cerrado surgiu e tudo desapareceu.*

Acordei ainda muito sonolenta, como desejando continuar a dormir para desvendar o mistério destes sonhos.

Quando a minha neta me perguntou, eu disse-lhe que tinha visto uma criança do sexo feminino. Mas que não se fiasse muito no meu sonho. Quando ela fez a ecografia, confirmou-se o sexo da criança.

Algum tempo depois, uma pessoa próxima da família e que me estimava, sabendo desta história, que, por incrível que parecesse, já circulava entre familiares e amigos, disse-me que estava grávida, e se a encomenda se pudesse fazer... gostava muito que eu pensasse nela...! Estava grávida de mês e meio na altura.

Eu começava a ficar seriamente impressionada e, talvez por isso, tive o mesmo sonho poucos dias após o seu pedido.

Aquela praia, minha conhecida e aquela torre lá em cima no topo do penhasco, tudo sacudido por um vento feroz, que me fez deitar na areia e abrigar-me numa pequena duna.
Estive assim muito tempo. Parecia que o sonho não era profundo e eu entrava numa meia vigília que tão depressa me levava para a minha cama como me transportava de volta para a praia inóspita.
Depois, o sino tocou vibrantemente e eu olhei para cima e vi uma mulher com uma criança pequeníssima pela mão. Ela batia à porta mas ninguém aparecia. A mulher insistia e reparei que a criança tinha desaparecido. Em vão a mulher tocava, pois a velha Narcisa nunca apareceu.

Acordei tão maldisposta que me mantive na cama até à hora do almoço. Resolvi que não contaria à rapariga grávida este sonho. Diria apenas que não sonhara nada. Contudo, quis descrever o estranho sonho a uma das minhas netas. Qual foi o meu espanto quando ela me disse que a nossa amiga grávida havia perdido a criança.

Felizmente, não tive encomendas de sonhos por algum tempo.

Recentemente, fui confrontada com outro pedido. O da nossa amiga Nini. A neta ia ter um filho. Saberia eu ir buscar a um sonho o sexo da criança? Rimo-nos todas, porque foi numa daquelas tardes em que nos encontrávamos para jogar canasta. Tu não estavas presente.

Por mais estranho que pareça, a encomenda da Nini cumpriu-se, embora o ambiente do sonho fosse um pouco diferente. Sei que vi uma menina loirinha com caracóis. Agora aguardamos que ela nasça. A ecografia, entretanto, confirmou o meu sonho. Falta saber se será loira e com caracóis...

Espero que a série tenha acabado. Aqui ficam, contigo, os sonhos que prometi contar-te.

= Sonho 11 =

Conheço a Bita há muito tempo, nem sei bem precisar o ano em que a vi pela primeira vez. Era muito bonita, e todas tínhamos um pouco de inveja pelo seu êxito com os rapazes. O que nos irritava, penso agora, era o facto de a sua fasquia ser muito alta. Queria um homem bonito, da alta sociedade e rico.

Nós achávamos que ela iria conseguir tudo isso.

Quando entrou para a faculdade houve fatalmente um afastamento. O nosso pequeno grupo de cinco colegas dispersou-se. Quando combinávamos um encontro, a Bita raramente aparecia. Ou tinha uma viagem, ou um casamento, ou estava com aquelas enxaquecas habituais.

Assim fomos perdendo o seu rasto, porém ficámos admiradas quando soubemos que casara. Nunca nos avisou, nem nos convidou.

A Guida, que quer sempre saber tudo, mandou um SMS para cada uma de nós, que dizia assim: «A Bita casou com o seu *personal trainer*, que é um bom rapaz, filho de uns pequenos lavradores de Alpiarça!!!»

Percebemos que fora um casamento aquém da bitola dela. A sua ausência e as suas desculpas estavam explicadas...

Combinámos as quatro que ela não nos fugiria mais. A bazófia da adolescência, cada uma no seu campo, podia agora ser ultrapassada, e pensámos que ela gostaria de nos rever.

O plano consistia em ir esperá-la à porta da faculdade. A Bita foi apanhada de surpresa: — Hoje almoças connosco! — E entrou quase à força no meu carro.

Assim que nos apanhámos juntas, desatámos aos disparates, fazendo lembrar o tempo em que a risota era permanente.

A Bita contou a sua simples história. Apaixonara-se, o Gonçalo era fisicamente um portento... (desatámos a rir), pertencia a gente simples mas honradíssima... (fizemos cara séria), cuidou do meu físico, pôs-me elegantíssima... (mais risos), quando terminar o meu curso vou com ele para a Alemanha... (porquê Alemanha?), os pais

dele tinham sido emigrantes, e ele, falando alemão correctamente, ambicionava vir a abrir um pequeno ginásio na terra onde nascera.

Então, já fora do carro, perguntámos o que pensava ela fazer na Germânia. Aprenderia alemão e aplicaria o seu curso de gestora — explicou.

Quando nos separámos, parecia que os anos em que o nosso relacionamento estivera em suspenso não tinham acontecido. Fui para casa a pensar nas voltas que a vida dá quando o mundo parece ser nosso e manobrável.

Adormeci mais cedo que o costume, talvez pela emoção de estarmos as cinco unidas de novo. Poderíamos agora continuar a falar de tudo.

Havia um congresso de personal trainers*, e eu, que só fazia ginástica na casa de banho, estava como observadora.*
Os congressistas vestiam fatiotas despretensiosas, e eu senti-me mal com os meus saltos altos. Olhava muitas vezes para os meus pés, quase uma obsessão, naquela fila de gente atenta a um conferencista que resolveu fazer a comparação entre os antigos ginastas romanos e os ginásios dos nossos dias.
Ou os meus pés cresceram com a indigestão provocada pelo orador, ou os sapatos encolheram por se sentirem inadequados naquele ambiente. Alguém a meu lado, percebendo o meu desconforto, sacou umas sapatilhas de dentro de um saco desportivo de lona e, sacudindo a cabeça como a dizer «Use-as, não me são precisas», fez-me obedecer como um boneco.
Quando por fim o orador, inchado pela sua performance*, se levantou, ouviu-se um Ah!!! de alívio.*
Saí da fila pelo lado oposto ao da pessoa que me oferecera as sapatilhas (o desconforto de não me ambientar). Andei pelos átrios onde havia mesinhas com sumos naturais e só olhava em frente. Levava as sapatilhas, mas sentia-me humilhada.
Por fim, alguém me bateu nas costas: — Ana, mudaste muito, já não és rata de biblioteca? Vens aprender que o físico também precisa de atenção? —
Não me lembrava da cara dela, o que também era normal (tinha um complexo terrível por não ser boa fisionomista), e respondi:

— Preciso de conhecer e de observar outros meios, conheci alguém que se vai casar com um personal trainer *e fiquei curiosa.*
— Ah! É essa a razão?!
— Não vejo outra… — a minha espadaúda interlocutora lembrava uma equilibrista do Cirque du Soleil que me impressionara por ser bela e uma grande profissional. Depois, ficou mesmo igual à ginasta do Cirque du Soleil, e eu desatei a fugir pelas escadas que levavam à rua. Vi que não tinha devolvido as sapatilhas e reparei que o rapaz que mas emprestara me olhava enquanto abria a porta do carro. Numa corrida, descalcei-as e entreguei-lhas. Ele riu-se por eu ter ficado descalça. Apressadamente, tirei do meu saco os sapatos de salto alto, enfiei-os e sorri. Naquele momento, reconheci nele o meu marido.

Talvez me decida, de facto, por me inscrever num ginásio. Ando com umas dores nas costas desgraçadas. Demasiado computador, demasiadas consultas em arquivos, manuseio de livros pesados... Os sonhos podem às vezes abrir portas.

= Sonho 12 =

Ele disse:

— Aquilo a que chamo harmonia na música não tem sentido para muita gente. Tenho o grande privilégio de me saber ignorante em muita coisa e uma delas é a música. Mas posso afirmar que a música me é essencial como a comida.

Também nunca percebi a minha mãe e sempre a amei.

Ser saudável é reconhecer alguns dos meus limites. Sim, porque os limites são fronteiras que nem sempre nos são dadas a conhecer. Perante um cataclismo, um bilhete de lotaria premiado, um amor inusitado, qual seria a reacção?

Assim, lutando para me superar no que me parece essencial, e deitando ao largo o lastro de muitos quereres, vou aceitando o estrito percurso que se vai desenhando nos dias do calendário. Sabes... a passagem do ano, o fatídico 31 de Dezembro, é o único dia em que gostava de subir num balão como fizeram, em Paris, em 1783, os aventureiros Jean-François Pilâtre de Rozier e François Laurent d'Arlandes. Lá em cima, sem o barulho de motores de avião e sem o ruído do mundo, talvez encontrasse o único poiso para esta data que abomino.

O que me dispus a fazer no ano findo e não fiz, o que sei que não vou conseguir no ano que chega, é como sentir que formigas me trepam pelas pernas e não tenho mãos para as sacudir.

E assim o ano novo começou. Raramente tomo soporíferos, mas tomei. Conto o sonho mais estranho que ouvi.

Na jaula, havia de tudo o que pudesse precisar. A comida, o parceiro que me escolheram, sítio para dormir, e a visão da floresta onde pássaros cantavam. Seria a floresta? Era o espaço que me foi dado para viver. Sempre que as árvores mexiam, havia vento; sempre que o tecto da jaula cantava, a chuva caía; sempre que o tratador punha a comida, era menor a quantidade e a qualidade. Os meus músculos só se exercitavam no vaivém contínuo que o espaço permitia.

Ouvi nitidamente o rugido do leão, que, nas únicas quatro horas que passava acordado, maltratava as suas duas companheiras. As araras

atroavam o ambiente com aquelas fanfarronices de gente de pouca educação, falando alto apenas por não terem nada de importante para dizer. Ao longe, os macacos guinchavam e comiam bananas, que são fáceis de comer. Eram como os homens preguiçosos que se contentam em não competir.
Eu, Tigre da Malásia — era o que estava escrito por fora da minha jaula —, tinha nascido em cativeiro. Nunca subiria a uma árvore na ilha de Bornéu donde vieram meus antepassados, nem comeria um pequeno e tenro alce. Eu, Tigre da Malásia, vivo só para ouvir os ruídos dos animais do Jardim, esperar a hora da refeição e, uma vez por ano, acasalar com uma parceira remelosa... Eu, Tigre da Malásia.

— Talvez consiga ultrapassar esta letargia de homem aposentado e viúvo —terminou ele, um pouco envergonhado do sonho. — Nunca ouvi ninguém tornar-se animal num sonho — acrescentou um pouco envergonhado.

Eu também nunca tinha conhecido ninguém que tivesse encarnado um animal num sonho, mas haveria de ouvir um relato semelhante, por outro sonhador. Mais precisamente uma sonhadora, que sonhou ser pássaro.

= Sonho 13 =

Introdução:

Se estivesse a vender legumes numa feira diria: — Estão fresquinhos, acabam de ser apanhados na horta...

A sonhadora acabou de me contar este sonho. Ela sabe que precisa de mo transmitir depressa, antes de o esquecer. Para que os poucos elementos que vamos apanhar tenham um sentido relacionado com a sua vida, explico muito resumidamente de quem se trata.

Chama-se Guida e tem uma amiga de longa data, a Angelique, que é em parte responsável pelo sonho que aquela me contou.

A Angelique é uma velha senhora de origem suíça, que foi casada com um português de origem goesa. Nunca tiveram filhos e sempre se rodearam de amigos, muitos deles estrangeiros, devido ao cargo que ele ocupava no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A personalidade da Angelique é a de um diamante: tanto pode cortar como brilhar. Tem uma memória fabulosa, que estimula jogando xadrez e decorando poesia. Está ao corrente das notícias da actualidade e viaja sempre que pode. É inclemente perante as pessoas que considera estúpidas e escolhe os amigos como se fossem frutos num cabaz de mercado.

Bem cedo, escolheu a minha amiga Guida. Têm viajado juntas, unidas pela amizade e pelas diversas experiências vivenciais, e suportam-se nesse jogo incrível, alimentando uma convivência espaçada mas constante ao longo da vida. A grande diferença de idade que as separa nunca foi obstáculo.

A Guida anda a dormir mal. Tem preocupações familiares e às vezes devora livros pela noite dentro, deixando-se dormir só de manhã quando não tem nada que a impeça. Assim aconteceu. Mas a Angelique é um galo de alvoradas, pelo que, quando batem as nove da manhã, já o seu dia se desdobrou em múltiplas actividades. Assim, ligou à Guida para lhe contar um episódio que se tinha passado na véspera e que ambas conheciam.

A Guida ficou aborrecida, mas, como manda a boa educação, dominou-se e tentou voltar a dormir. Foi difícil, porque estava zangada. Mas acabou por adormecer.

Aqui termina esta introdução. Passo a narrar o sonho que teve.

Havia um caminho largo de terra batida e vermelha e, num ponto elevado, desenhavam-se casas de aspecto goês. A casa que eu procurava era num declive. Desci e vi, mais ao fundo, a curva que dava acesso à casa onde ia encontrar-me com a Angelique. Não havia ninguém por ali e aproximei-me da casa estranha, de arquitectura indiana e com decorações coloridas. Tinha um balcão coberto (a que nós portugueses chamamos marquise), a porta estava aberta.

Entrei, como se a casa fosse pública. Dirigi-me a uma mulher que vestia um sari próprio da casta que prestava serviços e, sentindo uma vontade atroz de verter águas, perguntei-lhe onde podia ir. Todo o

exterior ficou esquecido e apenas a urgência me impelia. A mulher apontou para a escada, indicando-me que no andar de cima havia duas casas de banho.

Abri duas, três, quatro portas, e todas davam para armários de roupa ou para arrecadações pejadas de malas e sacos. Numa das divisões, um velho dormia num cadeirão de palhinha. Entretanto, alguém passou e tornei a pedir outra indicação: —Olhe, senhora, vá ao serviço da D. Angelique ao lado de seu quarto. — E fui.

A casa de banho era um terror de mau gosto. Bonecos de peluche pendurados em cabides, chinelos obsoletos para uma pessoa de educação, roupão florido de cores espantadas e motivos indianos. O espelho era uma flor de lótus.

Quando voltei ao andar térreo, dirigi-me ao relvado. Passei por salas onde mesas arrebicadas de castiçais e centros floridos indicavam que havia festa. Grupos de convidados por todo o lado. Ninguém reparava em mim. Como um fantasma translúcido, deambulava e observava. Sentia-me uma intrusa.

Gente bem vestida e criados servindo com profissionalismo as bebidas rodeavam-me sem me verem. Numa mesa, pratinhos com petiscos de cocktail*. Reconheci a Angelique falando com convidados no outro extremo do jardim. Não me aproximei. Tive a noção de que ela se esquecera de me convidar e de que eu não deveria estar ali — até porque vinha muito mal vestida. Examinei-me com estranheza, como se não fosse responsável pelo fato que trazia. Era uma espécie de bata de seda com uns motivos feios, e o ver-me num tal ambiente e naquela pobre figura despertava a minha auto-piedade.*

Porque viera de tão longe? Não sabia. Um casal simpático e muito elegante reconheceu-me; senti que talvez pudesse prolongar a minha estranha visita. Conhecia-os perfeitamente... Donde? Também não sabia. A mulher, linda e elegantíssima, tratou-me com a intimidade de quem se conhece de longa data. Debruçou-se para que eu visse o que me queria mostrar na palma da sua mão. Este debruçar-se fez-me perceber a minha pequenez. Vi então três pares de brincos em cima de um fragmento de seda rubra. —" Escolhe um par; não têm valor, mas comprei-os para ajudar uma obra de caridade. São bonitinhos, não são?"

Eu escolhi o menos feio, e o seu toque, a cor, o tamanho eram de uma nitidez absoluta, de um pormenor inusitado, que me arranhava a palma da mão.

Ao acordar, apercebi-me com escândalo de que eram três horas da tarde.

A Guida ainda me contou, como remate deste ilógico sonho, que a Angelique nunca tivera gosto na decoração das suas casas. Sabe que visitou Goa, mas nunca lá viveu. Ela, Guida, que nunca viajara para fora da Europa, neste sonho entrou numa atmosfera que nunca conhecera. O vestido que envergava era irreconhecível, tanto no corte como no material. A amiga elegante que lhe ofereceu os brincos, e por quem sentiu uma genuína simpatia, continuava nítida depois de acordar do sonho. Conseguia descrevê-la em pormenor, mas nunca realmente conhecera ninguém assim. Os brincos nada tinham a ver com alguns que tivera.

Nem a urgência de ir à casa de banho a meio do sonho a fez parar imediatamente de sonhar. O sonho teve de se cumprir, explicou ela.

A Guida telefonou um dia depois à Angelique e pediu-lhe que não lhe ligasse de manhã, porque andava a atravessar uma fase de insónias. A amiga declarou-lhe que tinha uns brincos para lhe dar. Tinham-lhos trazido de Goa e considerava que já não eram para a sua idade.

Este foi o sonho que a minha amiga Guida me trouxe para figurar neste livro.

= Sonho 14 =

Mary, sempre que aparecia, trazia um livro que acabara de ler e que não queria deixar de partilhar comigo. Ela achava que só analisando comigo essa leitura o livro ganhava uma forma mais redonda. Para ela, «redonda» significava falar das personagens, dissecar os propósitos do escritor, adivinhar a substância interactiva subjacente a toda a criação artística. Por vezes, eu sentia uma certa relutância em entrar nesse jogo, no qual cada uma de nós relevava pormenores que escapavam à outra. Um livro, se bem escrito, é um abrir de portas que o leitor tanto pode transpor como ficar apenas no vestíbulo.

Eu, leitora, via e cheirava a obra daquele autor de uma forma distinta dela.

Mary estudara em escolas de língua inglesa, porque a sua mãe era originária de Dublin e a língua inglesa era essencial. Assumira o catolicismo pelo casamento com Bernardo, embora o protestantismo da família lhe oferecesse perspectivas diferentes no seu caminho de fé. Explicava que falava com Deus como falaria a um amigo que lhe tivesse emprestado a vida para que a fruísse em pleno. Eu dizia que o catolicismo enfermava de alguns males, mas que a confissão era o primeiro psiquiatra que se inventara e era de borla. Sabíamos que falar de religião nunca levava a parte nenhuma. A fé para pessoas que pensam e indagam cresce como uma planta de ramos emaranhados numa estufa misteriosa.

A interacção resultante da análise das obras que líamos traduzia-se em confrontos de perspectivas críticas completamente opostas, e tanto sobrevalorizávamos alguns autores, como aniquilávamos outros, que muitas vezes eram considerados *best-sellers.* Os falsos intelectuais, os barrocos da escrita, cujos detalhes burilados até à exaustão nos causavam azias prolongadas ocasionavam ás vezes polémicas que nos afastava do computador e envolvia outros do nosso grupo.

As personagens limpas de frioleiras, actuando como gente autêntica, e os ambientes escalpelizados de retóricas excessivas

constituíam, para ambas, as condições para o livro ser lido até ao fim. Os apreciadores e os críticos de livros de leitura codificada viviam na sua cidadela.

O livro que agora tínhamos para debater era de uma escritora sueca que tratava o sexo como o maior castigo que impuseram à humanidade. O mundo deveria minguar em número de humanos. Cada casal só deveria ter um filho ou optar por não deixar descendência. A amizade, o mais alto valor humano, tratado até à excelência. Haveria, assim, no planeta, amplo espaço para todas as outras espécies (animais e plantas), os bens da natureza seriam preservados, as forças naturais responderiam às necessidades dos homens, e haveria tempo para viver sem uma competição desenfreada. O aproveitamento das faculdades individuais servindo outros objectivos que não apenas o lucro, os mais aptos ajudando com prazer os menos aptos. Um planeta limpo de jogos de corrupção, porque viver a vida de acordo com o gosto e a aptidão não proporciona o descontrolo do equilíbrio humano. Enfim, uma utopia.

Esse livro proporcionou uma crítica profunda. A tertúlia que acabámos por desenvolver com ele foi o início do «Grupo Mudança».

Ela contou:

Na sala, talvez um anfiteatro, havia muita gente a dar opiniões e a discutir as civilizações que sempre se desenvolvem perto do mar ou junto às margens de rios.
*E como o Nilo era o rio mais comprido (*há quem diga ser o Amazonas)*, o sonho atravessou tantos países como o Nilo. Cerca de nove países desde a nascente em Jinja, no Uganda, até ao Egipto.* (Foi um trajecto trabalhoso que proporcionou um sonho dentro de outro sonho.) *Viajava incessantemente. Tanto entrava em barcos, canoas e comboios, como andava às costas de camelos e de burros. Os turistas pareciam imagens que corriam ao meu lado como gravuras de um livro de arte egípcia. Havia umas palmeiras iguais ao calendário que estava na parede do meu sapateiro. As pirâmides, feitas de areia, pareciam diminuir de forma com a brisa que corria e me atirava os cabelos para a cara.*

Por vezes, abria um livro volumoso, pesadíssimo, que me atrapalhava as deslocações. Outras vezes, entrava numa espécie de vigília, onde me mantinha numa indecisão entre estudar o livro ou continuar naquelas viagens meio loucas.
Sentia-me balouçar, e tão depressa sentia que o corpo do animal avançava pelo areal, como um ruído de trânsito me vinha da janela. Tiraram-me do camelo. Tinha vertigens. A ondulação da areia assemelhava-se a um edredão que pertencia à casa da minha avó. Ramsés veio cá fora envolto nas ligaduras, e todos os viajantes ajoelharam e bateram na areia com a testa. As figuras em perfil da arte egípcia saíam dos monumentos e corriam no deserto. O sol ficou incandescente e feria os meus olhos.

Acordei cansada devido à extrema actividade cerebral, que cansa tanto como uma corrida de fundo. A corrida também a fizera, através dos episódios desconexos deste desconjuntado sonho.

No meu subconsciente ficaram fragmentos dos debates do «Grupo Mudança», que desabaram num sonho. Fiquei com vontade de viajar pelo Egipto.

= Sonho 15 =

Sou uma revolucionária contida. Isto disse-o por várias vezes a pessoas que por um acaso singular tinham lido um dos meus livros e se admiravam do anacronismo da minha *arrumada vida* e das severas críticas neles contidas.

Não sei se esta breve questão deu os ingredientes para o sonho. O sonho pode ter várias vertentes; contudo, pelo menos algumas delas são mais frequentes: o sonho alimentado por factos e elementos da vida real; o sonho onírico que nos transporta para épocas passadas e para locais onde nunca se viveu; personagens que nos parecem credíveis sem nunca as termos conhecido; sonhos premonitórios; sonhos repetitivos.

E também há sonhos provocados por mal-estar físico. Esta é uma verdade provada.

Caminhava pela berma da estrada e a estrada não tinha limites. Havia um sussurro de voz que vinha de uma direcção sem direcção e se tornou mais audível: «E quanto a ti, Morte, e a ti, amargo abraço da mortalidade, é inútil tentarem alarmar-me» (frase que eu tinha lido em Whitman).
Ali, onde estava, era afinal o outro lado onde os vivos vão e se esquecem de onde vieram. A razão de todas as filosofias, teosofias, religiões e a inspiração para todas as formas de arte. Não conhecia o meu destino, mas não me sentia preocupada, nem tão-pouco esperava que a voz falasse de novo.
Caminhava sem razão, sem objectivo, sem horizonte, sem enxergar a cúpula celeste, e o caminho não tinha classificação de caminho, mas andava como uma criança que chora sem motivo. Perceber que estava morta não me alarmava, porque ter medo é estar viva.
Apareceu à minha frente uma parede e tinha um quadro que vira algures e depois reconheci que eram As Velhas *de Goya, com as duas mulheres quase cadáveres, bem vestidas e em movimento. Atrás delas, o homem da vassoura, o que as ia banir da vida* (quadro macabro que sempre me impressionou e há quem diga ser uma troça à rainha Maria

Luísa). *Com este choque, passei para uma semi-inconsciência e, revolucionária, tomei decisões temíveis. Desmascararia todos os que me tinham desiludido pelas incoerências, douradas mentiras, hipocrisias e falsas modéstias. Todos os que se produziam para sobressair sem terem valor e que desejavam acima de tudo um estatuto sem o trabalho de o merecerem.*
Sub-repticiamente, com a insensatez de quem se aproxima de um precipício, com a louca ideia de pôr em causa os que me provocavam incomodidade, comecei a enumerar nomes de quem me desiludia profundamente. Na minha mente formavam-se letras e não semblantes. E os nomes pareciam inchar e transformar-se em balões. Ali, na beira daquele precipício, agarrada aos fios desses balões, resolvi atirar-me ao abismo.

Entrei na realidade do meu quarto, dos telefones, dos telemóveis. Viera de longe, retomava a insipidez de um quotidiano pontuado de ingratas obrigações e de alegres desilusões. Também me aguardavam trabalhos aliciantes, a ternura e a candura das crianças. Concluí, a frio, que os amigos, mesmo os que nos desiludem, têm o direito de conservar as suas personalidades. Estar vivo é isto. Aceitar os outros dentro dos seus limites, lembrando as nossas próprias limitações. A única ideia que permaneceu em mim foi a do quadro de Goya, que converteu o sonho em pesadelo. *As Velhas* de Goya e o seu sarcasmo.

= Sonho 16 =

Dois sonhos seguidos mas desconexos.

Percorri ruas antigas, com velhíssimos prédios lisboetas.
Observava uma cena na rua (eu estava lá, mas fora do filme) *e a chuva parecia que caía mas não me molhava. Havia um gatinho-tigre que me fazia lembrar um que, contrariada, tinha abandonado havia algum tempo. A sensação de impunidade por ter abandonado aquele animal indefeso e o egoísmo das nossas opções envergonhavam-me.*

De repente, acordei, esqueci o gato e adormeci de novo, entrando noutro sonho. Havia uma sensação de cobardia que se fixara em mim. A tal cobardia que às vezes somos obrigados a usar na vida.

Ao entrar no sonho tive a sensação de que qualquer coisa me faltava. O meu horror a sair de casa esquecendo-me de levar dinheiro comigo já me assaltara antes, na vida real. Reflectiu-se talvez neste sonho. A desprotecção.

Estou defronte de uma porta gradeada para além da qual avisto três carteiras de mulher, abandonadas no degrau de uma escada que se prolonga até um plano muito inferior ao nível da rua (este pormenor é nítido)*. Reparo que não trouxe nem carteira nem porta-moedas. Assusto-me. Sem documentos, sem dinheiro, o que estava eu a fazer ali? Espreito por aquele portal que dá acesso a uma escada, o qual por sua vez conduz a um pátio, situado mais abaixo* (como já disse)*. Chamo: — Olhe!, ò... ò… alertando para o perigo de as carteiras poderem ser roubadas da rua. Facilmente lhes teria chegado. Uma senhora idosa sobe as escadas e agradece o meu cuidado, mas parece achar normal ver carteiras ali. Recolhe as três carteiras e desce cuidadosamente, receando cair. Reparo que lá ao fundo das escadas há um ensaio para um casamento. Vislumbro um véu branco por cima da cabeça de uma jovem que me sorri ao longe. De repente escurece, é noite e tenho de regressar. Volto atrás e encontro-me a subir uma escada de madeira de um prédio decrépito. Vejo um homem*

precocemente envelhecido enfiando uma chave na porta num dos patamares, digo-lhe que me enganei na rua e que não é este o prédio que procuro. Como é tarde, devo regressar a minha casa. O homem avisa-me de que aquele bairro é perigoso e diz-me que devia chamar um táxi. Explico-lhe que me esqueci da carteira em casa e que tenho de ir a pé. O homem acha que é longíssimo e diz que vai chamar um táxi. Abre a porta do patamar e convida-me a entrar. Telefona. Peço desculpa pelo incómodo que estou a causar e observo que o andar está luxuosamente mobilado. Enquanto o táxi não vem, o homem declara que está à espera de uma filha que chega, de madrugada, da América. Pega numa nota e diz: — É para pagar o táxi. Não se preocupe com devolver-mo; sou um homem rico.

Olho-o admirada. Ele esclarece-me do meu espanto. " Nunca quis sair daqui, porque vivi cinquenta anos neste prédio com a minha mulher, nesta idade, não quero mudanças". Nisto, oiço chegar o táxi. Agradeço e saio.

O táxi começa a acelerar e os pequenos prédios daquele bairro de subúrbio sucedem-se a uma velocidade que me deixa sem voz. O boné do motorista voa para trás e cai nos meus joelhos. A noite avança vertiginosamente como se o táxi acelerasse a rotação da Terra. Depois estaca.

O solavanco acorda-me violentamente e eu levanto-me para atender o telemóvel. Junto ao cabide do corredor, no chão, topo com o boné quadriculado que o meu marido leva à caça. Venho de um mundo desconhecido.

= Sonho 17 =

Um dia, a Matilde disse-me: — Se ainda está a escrever sobre sonhos, vou contar-lhe um que tive. Olhe que é raro lembrar-me; só os pesadelos têm uma vida mais longa.

À medida que me contava ia fechando os olhos, balançando-se na cadeira à minha frente. Desse modo, procurava concentrar-se, para melhor recuperar os elementos do sonho.

As portas do meu sonho foram as portas do Cinema Royal. Grandes grades pintadas de verde-escuro com um desenho do tipo Arte Nova e, a seguir, os portões de carvalho onde a dourado se lia: «Antigo Casino Royal».
Entrei de rompante com uma multidão que estava farta de esperar. Sentei-me na coxia do costume, a rapariga da bilheteira já sabia a receita e dava-me o 30 da fila H.
Felizmente, ficara entre um velho que passou parte do filme a dormir, mas não roncava, e uma mulher de idade indefinida — e talvez de sexo também indefinido.
No palco, antes do filme, assistiu-se a uma série de anúncios ao vivo: palhaços que aconselhavam a comprar roupa de homem no armazém X, para que não se fizessem as tristes figuras que eles estavam ali a fazer; uma mulher mascarada de bruxa mostrando as perfumarias Rosy, onde os produtos garantiam uma tez suave, bela, hidratada, e não a desgraça facial que ela apresentava; uma elegante bailarina que dizia não sofrer dos pés, porque se calçava nas sapatarias Olavo, etc. Nada disto me interessava.
O filme era uma adaptação de uma peça de teatro de que eu já conhecia o enredo, e fiquei decepcionada. As três figuras principais, o velho triângulo amoroso, em vez da regra habitual, tratava o drama de uma mulher que amava dois homens e não podia dispensar a companhia de nenhum deles. O filme aborrecia-me.
A luz apagou-se e eu, aos poucos, sem me aperceber do que estava a acontecer, entrei no enredo. Sim, no filme.

Havia um pomar de cerejas (lembrei-me do *Cerejal* de Tchecov)*, seria Junho, mês do aniversário do Augusto, o meu namorado, mês em que lhe tinha de dizer que já não o amava, mês em que tinha de começar o implante aos dentes, mês que queria arrancar do calendário...*

Acordei e era Dezembro. O Natal estava à porta.

= Sonho 18 =

Eram irmãos e tinham pertencido ao meu grupo na adolescência. Há muito tempo que não os via e, ao encará-los, reconheci a minha própria velhice. Dissemos as frases da praxe, as mentiras jocosas que antigamente mascaravam cenários menos dramáticos. «Óptimos, as nossas rugas são a valiosa patine do tempo...»

Ele era um médico reformado por qualquer doença cruel. Ela, a sua irmã, trabalhara em casa sem horário para uma numerosa família. Eu expliquei que, como era evidente, já não podia ser professora de ginástica e reservava os meus conhecimentos para me manter manobrável até as articulações entrarem em greve.

Talvez este encontro fosse responsável pelo sonho que um dia se passeou entre a minha almofada e a minha cabeça.

Havia o ruído do mar, que tinha duas cadências sonoras: o bater das ondas nos recifes e o calmo marulhar da água lambendo a areia da enseada. Uma espécie de música binária. O sal do mar entrava-me pelos poros. Sem razão aparente, eu corria atrás de alguém que conhecia a orla marítima e nunca se mostrou por inteiro. Esse alguém não parecia dar-se conta da minha perseguição. A praia ia-se alongando à medida que ambos a percorríamos. Haveria uma praia infinita? Pensava eu correndo.

As nuvens começaram a adensar-se e, embora o sol ainda espreitasse, a minha respiração tornava-se mais difícil. Lembrei-me de súbito de que corria para alcançar Zé Manuel, aquele que no nosso grupo queria ser médico.

Quase em desespero por nenhum som me sair da garganta, quase em desespero por o futuro estudante de medicina não abrandar a correria, quase em ruptura por ninguém me explicar porque corria, deixei-me rebolar até à beira das ondas. Ofegante, com a figura já fora do meu alcance, espalmei-me na areia húmida. Senti cócegas na palma da mão e vi um caranguejo a preparar-se para trepar pelo meu braço. A actividade intensa dera lugar à passividade; o crustáceo aproximava-se do meu ombro e aí se suspendeu.

Percebi que me falava num murmúrio: -" Corrias atrás de uma sombra?" - Não sei se esperava que lhe respondesse. Uma rapariga não fala com um caranguejo e nunca corre atrás de uma sombra. Embora a minha voz não fosse audível, o caranguejo ouviu. Tornou então a falar num tom de voz mais elevado: — O Zé Manuel será médico mas nunca vai poder tratar-te, porque só o encontrarás quando forem velhos... — E eu pensei em dizer-lhe que aquela humidade me estava a provocar asma e que ele me trataria se eu o conseguisse alcançar, porque éramos amigos.
O caranguejo estava agora no meu peito, e incomodava-me. Tornou a falar-me. Erguia as pinças e fixava-me com os olhinhos pretos: -" Ele também ficará muito doente, e a sua doença não é para os homens perceberem..."
Então, uma onda maior caiu sobre mim e tudo acabou ou parecia ter acabado, porque senti que alguém me ajudava a levantar-me e era nitidamente a Lela, a irmã do Zé Manuel, que estava sempre pronta a ajudar.

Fixei o olhar no tecto do meu quarto e, num breve relâmpago, reconheci os velhos amigos que encontrara recentemente. Abri o jornal à hora do pequeno-almoço, como é meu hábito, e, na página que sempre destaco para deitar fora no início da leitura, vi o anúncio da morte de Dr. José Manuel Labás Rodrigues.

= Sonho 19 =

A Maria Emília, a meu pedido, contou-me um sonho que teve recentemente e que, por uma razão que não sabia explicar, a perturbara até às lágrimas. De facto, ao contá-lo na nossa roda de amigas, tornou a emocionar-se.

Transcrevo o seu sonho e, como sempre, acrescento-lhe pequenos adereços que, involuntariamente, me desfilam pelo espírito quando oiço um relato.

A atmosfera exibia uma estranha claridade. A claridade do fim de tarde, quando o sol fica de um amarelo alaranjado. A natureza parecia estática como num bilhete-postal, sem som, como se todo o planeta estivesse adormecido.

Eu estava num ponto incerto, como num camarote sem estrutura, do qual avistava um vale onde os meus olhos pousavam num ponto que me causava uma ansiedade crescente. Aí, nesse vale, espraiava-se um deserto amarelado cortado por uma estrada de terra batida. Surgia um carro que rodava a velocidade moderada. O carro também era da cor da terra.

Fiquei estupefacta ao ver, correndo na esteira do automóvel, uma figurinha de criança, nua da cintura para baixo. Ela parecia querer apanhar o carro, mas isso era impossível. Do local onde me encontrava, via tudo perfeitamente, embora não pudesse interferir. Era apenas espectadora.

Estranhamente, ao fitar a figurinha infantil identifiquei nela o rabinho da minha filha Cecília, tal e qual estava na fotografia de um álbum que eu guardava, entre outros, numa prateleira por baixo da mesa da televisão. A figura saíra em movimento da fotografia.

Ao volante do carro ia o meu marido, o António. Ele não se apercebia de nada e guiava em frente, numa linha recta que eu seguia com o olhar.

Tentei chamar: — Cecília, Cecília, António, António… Mas os sons não me saíam da garganta.

A aflição por não poder avisar o António e o cansaço misturavam-se em mim. (O tempo de um sonho é imprevisível e imensurável.)

Continuei obcecada por aquele quadro em movimento que me fascinava e angustiava. Sim, era o rabinho da minha filha Cecília, mas, de repente, a criança era outra. Duvidei dos meus próprios olhos; depois vi, nitidamente, que a criança e o rabinho não coincidiam. Esta criança trazia uma camisolinha amarela da cor da paisagem —era o meu filho João, com o seu cabelo castanho encaracolado, tal e qual estava no seu álbum de fotografias.

O que era absolutamente aflitivo para mim era que o meu marido, o António, continuasse a conduzir sem hesitações. Tudo se desenrolava numa atmosfera cor de areia.

O meu coração começou a pulsar mais forte e, no auge da aflição, a criança que agora observava já não era nenhum dos meus filhos. A criança era eu, também de rabinho à vista, exactamente como no retrato amarelecido do álbum que meus pais guardaram da minha infância. Sim, sim, era eu tentando correr atrás do carro do António, que não olhava para trás, nem interrompia a sua marcha persistente e diabólica.
Eu tinha nos cabelos dois lacinhos de cada lado, como borboletas douradas. As borboletas cresceram de repente, entraram para dentro do carro do António e ele travou bruscamente. A criança, que era eu, bateu com força na mala do carro. Parecia que me batiam na cabeça... Um barulho exterior fez-me sacudir o sonho como um trapo velho. Então o carro parou. O António abriu a porta para eu entrar e disse: — Fizeste bem em ir ao cabeleireiro...

Acordei para a realidade. Estava sozinha na cama, porque o António saíra cedo para jogar ténis. Assim, chorei à minha vontade — como choro ainda quando me lembro deste insondável sonho. O meu sonho abriu-me um álbum de memórias, e as saudades cortavam-me a alma.

= Sonho 20 =

Este sonho é um sonho estrangulado.

Ao acordar, evoquei-o mentalmente várias vezes para mais tarde o escrever. Como a maioria dos sonhos, tem lacunas e inconsistências, que por vezes apresentam alguma relação com pessoas e locais conhecidos. Escrever os sonhos começa a ser uma espécie de vício. Não bebo senão meios-copos de tinto em dias especiais. Nunca fumei, porém... começo a ter esta mania! Relatar sonhos é um narcótico económico, e talvez saudável! Quem sabe se no futuro não será receitado para descontrair e evitar calmantes.

Às vezes há um cansaço que me impede de continuar o sonho, quero continuá-lo e sinto que estou a acordar. O factor saúde, ou doença, condiciona a maioria dos sonhos. Refiro-me à saúde física. Mas será a saúde mental também condicionante? Os sonhos não têm lógica? Ou têm? Descarregar ansiedades, medos, cobardias, será uma forma de o subconsciente se libertar? Sabemos ainda tão pouco!

Eu e uma amiga a que darei o nome de Edvige, por ter uma mãe norueguesa, descíamos uma rua numa estância de Verão onde tenho uma casa. Vestíamos roupa muito ligeira e própria para um cocktail*. Senti que deveria ter trazido um abafo, e disse à Edvige que ela havia sido prudente ao levar um pequeno casaco. Tive a nítida sensação de lhe ver um ar superior, por se achar sempre uma mulher reflectida. Isso aborrecia-me sempre, porque uma amiga verdadeira nunca se deve arvorar em campeã das boas decisões. Essa sensação tirou-me um pouco o prazer de a ter por companhia.*
A rua que descíamos era a de Santa Rita. Lá em cima, a meia encosta, via a minha casa repleta de memórias, onde o riso e as lágrimas sempre se atropelavam. Sentia isto, mas ninguém o sabia.
Nisto, na encruzilhada, e antes que descêssemos as duas escadarias que se nos deparavam, separadas apenas por uma rampa estreita de terra batida, aparece um veículo, uma espécie de jipe aberto, com um toldo por cima.

Lá dentro viajava um grupo de estrangeiros; eram louros, de aparência nórdica e vestiam-se com cores alegres. Ao volante, uma rapariga pergunta-nos a direcção para o Casino Estoril. Eu antecipo-me e dou as indicações, contente por o meu inglês ser quase perfeito e assim poder mostrar à Edvige que, neste ponto, estou à vontade.

A interpelação daquela gente alegre faz-me sentir certa nostalgia do tempo em que também eu tinha grupos de amigas divertidas. Um pouco confrangida, desci a escadaria. Por sua vez, a minha amiga desceu a do lado, quase paralela à minha. (Reparo que em muitos dos meus sonhos presto muita atenção aos pormenores logísticos e materiais...) *Percebi que ela hesitava nos degraus.*

Faço uma corridinha escada abaixo, quando sinto um repelão na cabeça. Já há algum tempo que tenho estas estranhas guinadas (no sonho, pensei o que penso fora do sonho). *Analiso cada reacção que vou tendo, e é desconfortável. Este desconforto parece transmitir-se a Edvige, e ela declara que está um pouco cansada e que vai para casa de carro, está estacionado próximo.*

Como que movida por uma força exterior a mim, dirijo-me ao Casino do Estoril. Senti-me aliviada com a desistência da minha amiga e isso também me desgostou. À porta da sala de jogos está o grupo que antes nos pedira indicações. Reconhecem-me e, sem que haja qualquer convite formal, entro com eles.

O Greg, um dos do grupo dos nórdicos, convida-me a jogar a meias com ele nas tentadoras e maquiavélicas máquinas. Cada um de nós põe vinte euros. Há muita risota, descontracção. As moedas, que por vezes caem em catadupa para depois a máquina as engolir de novo, excitam-me. Arriscamos como tolos naquelas trituradoras de sonhos ou de ganâncias.

Comento com o Greg que é a terceira vez que jogo, apesar de viver bem próximo do Casino. Ele também diz que nas férias faz tudo aquilo de que habitualmente desdenha ou que lhe é indiferente. Parece gerar-se uma química entre nós. Quando aos poucos os outros se afastam continuamos naquele vaivém de moedas.

Convida-me para jantar num restaurante pequeno em que reparou quando se dirigiu à praia do Monte Estoril. Aceito e penso que foi bom ter-me libertado da Edvige.

Fico zangada comigo quando teço estes juízos, e o desconforto que isso me causa não me deixa ser mesmo feliz.
O jantar é óptimo e bebo mais uns copos do que o habitual. Ele diz que quer dar um passeio nocturno pelo paredão até à praia da Azarujinha, e eu percebo que tudo o que ele sugerir está bem comigo. Nos bancos de madeira na curva dessa praia estão alguns namorados. A lua está cheia e nós ficamos em silêncio, o que até ali não tinha acontecido.
Greg, ao fim de um largo tempo e sem necessitar de palavras, ajoelha-se a meus pés e pede-me em casamento. Acho natural e já o esperava. Ele desce até à praia, em maré baixa, e regressa com limos húmidos nas mãos. Põe-me alguns, como um colar, à volta do pescoço, e enrola outros no seu próprio pescoço. Depois, pega-me na mão e enfia-me no dedo uma concha fracturada de bivalve em forma de anel. Então eu falo pela primeira vez e pergunto-lhe pelo anel dele. Ele responde que um homem nunca deve usar anel de casamento, porque nunca tem a certeza de poder ser sempre fiel.
Oiço. Sei que estou a ouvir uma verdade e sei que não gosto dela, mas para quê estragar o momento... Pergunto se o casamento será aqui ou na Noruega (faço a pergunta com ar trocista, porque julgo estar apenas a representar um papel), e ele encolhe os ombros dizendo que essas coisas são as mulheres que decidem.
Quero saber quando é que ele termina as férias e volta para o trabalho. Ele conta-me brevemente a sua história. Há três anos perdera a mulher e dois filhos num acidente de avião. Estas são as suas primeiras férias com os companheiros de trabalho. A mulher mais velha que o acompanha é dona de uma editora, e ele é um escritor que lhe é financeiramente lucrativo. Foi com parte desses lucros que empreenderam a viagem, acompanhados dos dois sobrinhos e herdeiros dela. (Oiço a história com muita clareza; é o que melhor recordo do sonho.)
— Assim, já sabe a minha história, e um escritor escreve em qualquer sítio. Por exemplo, Portugal...
Quando eu me preparava para aceitar o seu convite, alguém bateu à porta do meu quarto.

Minha Senhora, está ali o senhor da sua editora a dizer que tem uma boa notícia para lhe dar. Levantei-me e pedi à empregada que encaminhasse o senhor Ângelo para a sala.

Ainda sob a impressão do sonho, vesti-me como um autómato e fui ter com ele. Sentia-me um pouco desencantada.

— Sílvia, muitos parabéns, o seu livro *O Mistério dos Sonhos* foi aprovado. O Dr. Osvaldo manda dizer que fará uma edição de dois mil exemplares, já tem os críticos adequados para que o livro tenha o merecido sucesso. Prometeu que, se a coisa andasse bem, o produto da terceira edição teria um destino especial. Ou talvez o ofereça a uma obra de caridade, que também é um bom *marketing*. Não sei se o título não deveria antes ser *Os Sonhos Não Têm Lógica?* Que acha?

Sílvia preferia voltar ao sonho e esquecer este ambiente de interesses meio corruptos, falsas amizades e sonhos sem lógica. A vida nunca teve lógica. Escrever, para ela, era essencial como comer, como dormir, às vezes como sonhar.

= Sonho 21 =

A Mafalda contou e eu escrevi.

Sou uma mulher feliz, porque o meu tempo é uma girândola de acontecimentos, empreendimentos, projectos, amizades.

Pediram-me que escrevesse sobre a solidão e eu escrevi. O texto curtinho, porque não gosto de meter *palha*, foi distribuído por muitos lares de acolhimento de pessoas carenciadas.

Como esta curta experiência resultou, propuseram-me que tentasse escrever um curto texto sobre mães adolescentes. Eu escrevi. Assim, comecei a ser chamada para pequenos encontros, onde me faziam perguntas a que eu respondia. Estava bem ciente de que nada do que dizia era inédito, e um sentimento de culpa instalou-se.

Não temos verdadeira responsabilidade por criar adeptos que não procurámos.

Não temos culpa de que o dom de comunicar nos ajude a estabelecer empatia com os outros. Assim, esta pequena actividade de trabalho social convinha-me.

Não sei se foi esta reflexão sobre uma parte da minha vida que me levou a ter um sonho estapafúrdio — ninguém sabe a origem dos sonhos. A única coisa que vislumbrei do quotidiano foi a minha curta experiência num lar de seniores, alguns com graves problemas. Agora conto-te o sonho... absolutamente fracturante...

Havia naquele lar muitos velhos incapacitados, não só para ler, mas também para olharem para a televisão. Aquele ambiente deprimia-me de tal maneira que comecei a desejar que uma hecatombe indolor caísse sobre a instituição e os aliviasse a todos do peso da vida. Procurei qualquer outra coisa que os tirasse daquele estado mórbido que me dilacerava.

Sentia que estava próximo o momento de também eu poder ficar naquela situação. E, num acto irreflectido de insurreição temperamental, pedi para ser recebida pela responsável do lar. Disse-lhe que estava muito triste por nada poder fazer para animar aquela

gente. Tinha sido chamada para lhes ler histórias e para lhes proporcionar simples jogos de cartas.
A dona Donzília disse: " Olhe que não é bem assim; eles sempre estão mais atentos e alguns até perguntam quando é que é sexta-feira, o dia em que vem"... Achei sinceramente que a minha presença aliviava a consciência da directora. Resolvi por isso organizar um teatro em que todos participassem. Arrebanhei folhas de papel frisado, balões, um tambor e chapéus, coisas que muita gente tinha em casa sem uso.
Extraordinariamente, a velocidade em que tudo ia sendo feito era alucinante. O sonho parecia ter urgência...
As senhoras, bastante idosas, depois de uns momentos de indiferença, começaram a confeccionar os seus fatos. Depois, mirando-se em espelhos redondos fornecidos por mim, faziam a sua maquilhagem. Os homens, mais atarantados, deixaram que as mulheres os preparassem.
A directora quis que o espectáculo tivesse lugar na sala do ginásio onde as terapeutas sujeitavam os mais aptos a exercícios de mobilidade.
Aos poucos eu deambulava entre eles não como sou, mas como um pássaro que adejasse sobre todos, corrigindo, incentivando, organizando um show *que não tinha um plano, uma arquitectura, um diálogo.*
Seria um espectáculo inédito, porque se retirara o tecto às salas, e o céu dava uma dimensão sobrenatural aos actores.
Sentia-me pairar acima de tudo. Regozijava-me por termos passado de um teatro de figurantes, parados no tempo, para um estado de extremo dinamismo, mas... mas... não havia som. Seria essa surdez uma doença que eu adquirira? Haveria sons e apenas eu não ouvia?
As personagens, já prontas, desfilaram perante mim e D. Donzília. Depois, começaram a rasgar os fatos, a tocar tambores (ao gesto de percutir os tambores não correspondia qualquer som). Com a decepção acordei.

Foi um sonho irritante, que me deixou cansada. Teria de tomar dois cafés pela manhã.

Não sei se voltarei ao lar. Quando se perde o interesse naquilo que idealizamos, morre-se um pouco. Seria o sonho um aviso?

= Sonho 22 =

Havia um tapete de rosas e malmequeres no adro da igreja. Era a Festa da Senhora do Monte...

Foi o José B. M. que me contou este sonho. Consegui vislumbrar uma certa lógica entre o que me relatou e as leituras que há certo tempo fazia. Recentemente, perdera a mãe e estava em luto interior.

José B. M. tinha uma teoria que certamente outros também perfilham: a fé está vinculada ao homem; com ele nasce, mesmo quando a repele. A ciência avança e deita abaixo crendices, suscita dúvidas, procura instituir-se como deusa caprichosa e prometedora. O homem aceita a doença ou reage melhor às suas dores quando conserva a fé - isso está provado. A esperança, a alegria, o pensamento positivo ajudam a recuperar os males do corpo e da alma.

Há quem diga que a religião é um reino inexpugnável e trata o crente de uma forma distinta. Mesmo quando duvida, mantém uma fé interrogativa. E a fé interrogativa é como o amor: não se define. Há mesmo estudos sobre a possível reacção química que se opera no organismo quando a pessoa tem fé. Por outro lado, sabe-se que o homem sem fé e enraivecido também se pode superar. Ambiguidades da alma. Ambiguidades de alma ou do comportamento humano!

A ciência não explica tudo e deixa um campo aberto a outras demandas — filosóficas, teológicas... O monopólio do conhecimento não está circunscrito à ciência. Isto foi o tema de uma conversa que tivemos.

O meu amigo não quis enveredar pelas pesquisas que fizera sobre este assunto. Achou que seriam maçudas para um livro sem pretensões como lhe tinha explicado. Então, contou apenas o sonho com os apartes do costume. Um sonho sugere comentários que os contadores de sonhos não conseguem extirpar do relato. Eu, a contadora dos sonhos, também viajo pelo seu interior.

Assim contou:

Havia um tapete de flores no adro da igreja. Juntavam-se em redor homens e mulheres que nada tinham em comum e que compunham aquele jardim com empenho. Disseram-me que na sua construção havia gente religiosa e outra indiferente.
Eu, pela primeira vez, talvez porque me sentisse magoado pelos recentes acontecimentos, resolvi colaborar nesta cerimónia tradicional da terra onde nascera. (Lembro-me de que a minha sábia mãe sempre me dissera que o trabalho manual era um bom sedativo.)
O meu papel era só cortar os pés das flores para terem um tamanho preciso. As senhoras participantes, a maioria idosas, falavam dos assuntos do quotidiano e dos acontecimentos recentes da aldeia. Os homens estavam mais silenciosos, talvez com medo de se exporem. A gente nova era mais expansiva e usava de um humor que só eles entendiam.
Encanastrar as flores, campainhas alaranjadas, umas nas outras, dispô-las em roda à volta de flores brancas, era também parte da minha tarefa. Cumpria-a com esmero, com um empenho que até sobrevalorizei, porque não sou paciente.
Um grupo de crianças vindas, provavelmente de uma escola, chegou de rompante e espezinhou o tapete de flores. Um sino repicou, dava as cinco horas. Acordei com o despertador. Eram oito da manhã.

Fiquei estático talvez uns dez minutos. Continuava dentro do sonho e parecia não o poder descolar da realidade. Lá, cinco horas; aqui, no meu quarto, oito horas.

Ao pensar que relação podia ter este sonho com algum facto da vida real, lembrei-me de que alguém na véspera tinha estragado o trabalho de uma semana no computador. Depois, lembrei-me de que aquela festa realmente existira e que minha mãe ma contara, embora sem os pormenores que sonhei — apenas como uma tradição da sua terra.

Felizmente, lembrei-me do teu pedido. Talvez sirva para contares no teu livro.

= Sonho 23 =

Um dia, contei a um amigo que tinha escrito e publicado um poema que intitulei «As Pontes». Sempre que pensava nele sentia que o seu significado se tornava mais visível, mais abrangente. Também lhe expliquei que andava um pouco obcecada pelo tema do poema. As travessias constantes que fazemos, ou devíamos fazer, para entender os outros, as pontes que atravessávamos ou que hesitávamos transpor foi assunto para discutirmos até altas horas. A ideia é antiga como todas as ideias, ainda que, inocentemente ou diletantemente, as julguemos inéditas — afinal o que é inédito?

Sem as pontes entre raças, religiões, descobertas científicas, etc., o mundo só atrasaria o seu desenvolvimento. Há autores que nos últimos anos têm formulado a procura de uma ponte através de uma síntese sistemática que atravesse a ciência e a fé, sem excluir a sua convivência. Em São Tomás de Aquino, as pontes já se esboçavam.

Depois, voltamos de novo à nossa vida quotidiana, onde essas impolutas máximas se vão esbatendo. O quotidiano é de uma absorvência tirânica.

Não sei se foi esta conversa que motivou o sonho que o meu amigo me contou um mês depois.

Todos os sonhos têm qualquer coisa de um quotidiano que lembramos ou que nos escapou — disse-me. Eu contrapus dizendo que muitos sonhos que me foram contados, ou que eu mesma sonhei, se passaram em épocas anteriores e que, por vezes, me apareciam personagens que nunca antes conhecera. Era esse facto que mais me perturbava.

Acho que ele não quis discutir. Os raros sonhos de que se lembrava tinham sempre qualquer referência a momentos da vida.

Contou então:

Parecia uma ponte romana e à minha volta árvores que haviam sido vítimas de um incêndio. Havia uma ponte muito ao longe, mas, ao aproximar-me, reparei que várias pessoas a atravessavam, levando

fardos às costas. Fiquei atrás de uma árvore como um espião. Não me sentia bem, porque eu estava confortável na minha indumentária e não tinha de me vergar, como aquelas estranhas figuras de homens dobrados ao peso dos fardos.

Com um medo sem explicação, fui avançando e, já debaixo da arcada da ponte, vi que alguém se debruçava perigosamente e me chamava em surdina. Era um rapaz, rondaria os vinte anos, ou menos. Mostrou um saco de cabedal que parecia uma velha cartucheira, como usam os caçadores. Pendurou-a para fora do murete da ponte. Fez isto com um ar aflito. Parecia querer transmitir-me um recado. Não percebi o significado, mas, inexplicavelmente, fiz o gesto de apanhar o saco que ele me estendia intencionalmente. Dali via apenas o cimo dos fardos sobre as cabeças dos que caminhavam pela ponte. Eram muitos, muitos...

Assim que o saco chegou às minhas mãos, avaliei-lhe o peso e senti o tilintar metálico de moedas. Entretanto, o rapaz desaparecera, fundindo-se com a fila.

Debrucei-me sobre a sacola e sentei-me entre os arbustos secos que se emaranhavam debaixo da ponte. Deixei de ouvir passos e, como um assassino com a sua vítima nos joelhos, desatei o cordão e olhei para dentro: milhares de moedas romanas com a esfinge de César.

Teria o rapaz roubado aquele dinheiro? Seria ele um filho de algum imperador deposto? Porque estaria eu ali àquela hora, naquele momento e naquele século? Juntei as moedas, que me pareciam de ouro, e enfiei-as num bolsito no cós das calças. O saco, guardei-o no meu alforge, e encostei-me a um dos pilares da ponte que me pareceu mole demais para ser o suporte do viaduto. O zona onde escondera as moedas de ouro começou a aquecer, e o calor tornava-se a minha única preocupação. Insuportável, tão insuportável que puxei as calças para baixo. Afinal, o que puxei foram as calças do pijama, e estava reclinado sobre a minha almofada de penas e não sobre um suporte de uma ponte.

Estava muito calor no quarto. Tinha-me esquecido de desligar o aquecimento.

Levei tempo a perceber que tivera um sonho absurdo. Só mais tarde, quando já salpicara a cara com água fria, me lembrei de que talvez te

fosse útil escreveres este sonho, porque de facto a época em que se passou não era a nossa — assunto que já tínhamos debatido. Aos poucos, lembrei-me da discordância que tivera contigo. Afinal, talvez tenhas razão... Recuei até ao tempo dos Romanos. Nunca antes vira aquela ponte e, ao verificar a cunhagem das moedas, confirmei que eram de facto daquela época... Consultei um livro sobre numismática.

Tempos depois, eu, contadora de sonhos, telefonei ao meu amigo quando transcrevia o sonho para o computador, e disse-lhe: — Afinal encontrei um pequeno elo de lógica no teu sonho. Lembras-te de me ter referido a um poema que escrevi e a que chamei «As Pontes»? Discutimos esse tema. Ora aí está! Além disso, o teu filho está a estudar os Romanos na Península Ibérica; sei disso, porque ele é colega da minha filha e sei que estão a dar essa matéria. Ora, estou a dar a mão à palmatória. Esse teu sonho tem razão de ser, sem mais explicações.

O João ainda acrescentou: — Só é pena não ter guardado as moedas!

= Sonho 24 =

A Anita Braga foi mais uma contadora de sonhos. Dizia sempre que não conseguia reter nenhum; porém, um dia, telefonou-me quase de madrugada, para me contar um sonho de que se conseguira lembrar da noite anterior. Tinha até escrito notas para fixar a memória. Fiquei muito contente com a sua colaboração. Não se esquecera do pedido que lhe fizera num «chazinho» que organizei para as minhas amigas com este propósito.

— Como muitos sonhos, este também é insólito, sem tópicos que se relacionem com a minha vida actual ou passada — disse. Fiquei ainda com mais curiosidade.

Havia uma estrada que se estendia à minha frente a perder de vista. Eu avançava sem propósito. Não estava muito calor, apenas um vento que parecia vir raso ao chão. Caminhava e, como não houvesse nada que me despertasse a atenção, olhava as minhas sandálias de couro com atilhos pelas pernas acima.
Parecia-me que este olhar insistente era uma compensação para ver o que de facto conhecia (as minhas sandálias)*, pois estava num lugar quase deserto, sem referências. Comecei a sentir-me cansada e a desejar um poiso para me sentar. Foi quando vislumbrei ao longe um vulto. Continuei então o meu caminho na direcção do vulto, que pouco depois identifiquei. Era um burro sem acompanhante. Um burro tão isolado como eu.*
À medida que nos aproximávamos, o nosso comportamento alterou-se. Eu perdi o cansaço, e o animal zurrava com entusiasmo. O nosso encontro, porque tomei eu a iniciativa de me colocar no seu caminho, foi uma demonstração de desconfiança e carinho.
O burro não é um animal gregário. Eu julgava-me um animal social. Ali, éramos apenas dois viventes num caminho sem rota nem destino. Tentei montar o burro e deixá-lo escolher a direcção naquela estranha planície sem referências. Escorreguei várias vezes. O animal não trazia albarda… e eu nunca fora boa cavaleira. O burro flectiu as pernas e pousou a barriga no chão, eu montei então sem dificuldade e deixei-o seguir o caminho.

Estranhamente, o burro deu meia volta e tomou a direcção donde tinha surgido. Teria ele vindo ao meu encontro para me levar? E para onde?
O vento raso ao chão desaparecera, a temperatura era agradável e eu aceitei esta boleia com uma resignação que não estava no meu feitio.
Passado um tempo longo, (o tempo nos sonhos não é o do relógio, o tempo e o espaço referem-se a um mundo abstracto...) *vislumbrei uma aldeia de casas baixas e amareladas.*

O burro passou por vielas estreitas e parou junto a uma poça donde jorrava água. Ele bebeu e eu também. Não via ninguém nas ruas. Parecia uma aldeia abandonada, embora as casas estivessem razoavelmente conservadas. As ruas, de terra batida estavam limpas. Pensei que pisava um planeta desconhecido, provavelmente colonizado anteriormente e, por um fenómeno inexplicável, abandonado. Tudo isto pensamentos que vinham soprados.
Como tinha descido do burro, continuei a seu lado como um cego seguindo o seu cão guia. Ele parou à porta de uma das casas; com o focinho empurrou a porta e zurrou. Entrei. Em vez de receio, senti alívio. Com excepção de uma lareira rudimentar apagada, duas cadeiras toscas e uma mesa em tripé, a casa encontrava-se vazia. Havia uns recipientes em madeira como almofarizes, impregnados de cheiros indistintos.
Nada estranhei. Parecia que me ia adaptando ao que acontecia. O único espanto foi a aparição do burro naquele caminho inóspito, sem memórias.
Sentei-me e apoiei as pernas na outra cadeira. Ouvia a respiração do burro junto à porta, que se fechara sozinha (acho que adormeci dentro deste sonho)*. Lá, onde este segundo sonho me levou, havia frutas num balcão e vinho escuro num jarro de barro. Comi e bebi. Ouvi tocar e aproximei-me de uma porta que parecia aquela por onde tinha entrado. Um rapaz tocava cítara e uma rapariga cantarolava numa língua estranha mas maviosa, reconfortante. Assomei à porta e o rapaz entregou-me um papiro. Era um mapa escrito em caracteres estranhos.*

Levei o mapa para dentro da casa e tentei decifrá-lo. Parecia assinalar distâncias entre pontos determinados e continha legendas indecifráveis. Talvez escritas numa língua caída em desuso.

O burro tornou a aparecer. Baixou-se para me convidar a montá-lo e eu obedeci com o mapa na mão como se fizesse parte de um filme onde cumpria uma sinopse num ensaio geral.

Quando olhei para trás, vi o rapaz que tocara cítara e a rapariga que cantara a dizerem-me adeus. Correspondi e continuei, só que reconheci um muro ao longe, que parecia sinalizar um poço. Lembrei-me de que tinha visto no mapa um desenho que parecia indicar um pequeno lago ou nascente de água. Orientei o burro nessa direcção.

Antes de chegarmos, passámos por um local onde havia restolho grosso e seco, que o burro comeu com prazer. Apeei-me e espreitei. Água não havia, mas deparei com uma espécie de poço com degraus escavados na terra, cujas orlas eram debruadas de pedrinhas escuras e muito brilhantes.

Mandei o burro esperar e apercebi-me de que agora era eu que começara a orientar as nossas vidas. Avancei com cuidado e, à medida que me embrenhava nas profundezas, em vez do previsível escuro, via lá de baixo aparecer uma luz cada vez mais forte.

Ao fundo havia um corredor onde um minério luzia, luzia tanto que pensei ser ouro. Mas sabia que o ouro em bruto não cintilava assim. Chegara a um amplo espaço circular, e a luz vinha de um óculo aberto pelo qual se entrevia o céu. Julguei ouvir ao longe o burro a zurrar. Mas agora quem decidia era eu.

Num recanto desse estranho átrio, havia uma reentrância a um nível mais elevado. Subi com dificuldade - não havia escadas. Vi então um túmulo, com uma tampa cintilante em ouro ou algo semelhante, coberto pelas mesmas pedrinhas que orlavam os degraus da entrada. Procurei o mapa na algibeira e lá encontrei o desenho do local onde me encontrava.

Andava por uma época recuada e ninguém me explicava nada. No mapa havia várias palavras escritas, mas a minha cultura não chegava para as decifrar. Senti uma vontade tremenda de perguntar a um amigo do meu pai - que é historiador - o que significavam aquelas palavras, aquele mapa feito num pergaminho. Sem perceber a razão desatei a gritar: «ALEXANDRE! ALEXANDRE!...»

Acordei com a minha mãe no quarto, aflita, dando-me palmadinhas na cara.

Este foi o sonho que a minha amiga Anita Braga me contou. Ela chegou efectivamente a perguntar ao amigo do pai, que nunca tratou por Alexandre, se haveria algum elemento plausível naquele mapa, do qual terá fixado alguns pormenores. Obteve uma longa explicação do historiador, que se admirou por encontrar alguns indícios de veracidade no mapa que ela lhe descreveu.

Avisei logo ao início deste livro que havia sonhos inexplicáveis. Salvo se confiarmos no que dizem os espíritas, que as almas migram e por isso têm acesso a tempos mais recuados, onde viveram outras vidas. Campo fértil de suposições!

= Sonho 25 =

É preciso ser persistente para continuar a insistir com amigos e conhecidos para que se lembrem de me contar os seus sonhos. Mas a persistência é uma das minhas poucas qualidades.

Assim, consegui que a Matilde me desse o seu testemunho, mas foi preciso dar estrutura aos escassos despojos do sonho que ela me contou. A Matilde é uma senhora muito velha que tem uma memória de elefante, ou talvez sejam os elefantes a terem a memória dela...

Ela deu-me uma explicação prévia.

Lembro-me de viver numa aldeia chamada Milharado (talvez uma vila hoje — houve muitas alterações). Meus pais alugaram a casa para o Verão de 1939, porque o meu irmão adoecera com gânglios nos pulmões e, naquela época, os médicos não queriam estes doentes perto do mar. Aí, assistimos pela rádio à declaração de guerra à Alemanha de Hitler proferida pelo rei Jorge VI. A sua voz era inesquecível, a voz hesitante de um homem gago cuja fala, apesar de «educada», fica sempre um pouco retardada. A preocupação que via no rosto de meus pais era para mim um anúncio de maus presságios. Talvez a vivência desta página da minha vida me proporcionasse o insólito sonho que te vou contar, que é apenas uma pincelada do meu passado, pincelada que me marcou para sempre.

Havia uma árvore velha que parecia ter sido calcinada por um fogo antigo. Os ramos verdejantes já despontavam, mas pareciam envergonhados por emergirem de braços distorcidos e fuliginosos. Mas eu amava aquela árvore. Não havia outra no pequeno quintal.
Talvez tivesse assistido a algum combate de boxe quando era ainda mais pequena; sei que peguei num grosso saco de serapilheira e que o enchi de pedrinhas pequenas e de trapos. Calcei umas luvas de boxe que tinham oferecido no Natal anterior a meu irmão, e dispus-me a treinar. Desferia socos sem descanso e sem saber porque o fazia. Achava que praticando aquele estúpido desporto me tornava mais rija e decidida. Depois, sentava-me numa cadeira de baloiço para

descansar. Sabia que tinha exagerado. Era assim o meu feitio: impetuosa.
Sei que entrei em casa e que vi meus pais muito sérios, escutando a transmissão da rádio. Vi nitidamente desfilar os militares do III Reich. Hirtos, de máscaras inexpressivas pagos e domesticados para matar. Vi aviões da RAF a despenharem-se, vi mulheres e crianças sem casa, e muitas já sem lágrimas. Deduzi que as lágrimas, como tudo na vida, se gastam. Quando o espectáculo da guerra crescia em ferocidade, eu ia até à árvore e desferia murros no saco, à toa, sem pontaria, sem palavras, e sem me queixar das dores enormes nos ossos das mãos.
A Maria, nossa empregada e natural desta terra, dizia-me: – A menina vai ficar ferida, parece que está com raiva a alguém.
Eu não respondia, porque, literalmente, não o sabia fazer. Talvez tivesse raiva do que não percebia...
A guerra agudizou-se nesse Inverno, depois entrarem em cena os Aliados, em Setembro. Naquele meu sonho que só existia quando me sentava na cadeira de recosto e via realmente o que apenas ouvira na rádio (não havia televisão)*, as figuras iam passando como num filme que eu própria estivesse a realizar.*
Via crianças loiras aos gritos, funerais com bandeiras nas urnas, gente em fila para comprar comida. Um dia, vi uma igreja em Colónia, na Alemanha, destruída. Pensei que afinal havia maus dos dois lados. Meus pais, anglófonos, não puderam explicar-mo. Percebi que os adultos não têm respostas para tudo. Fiquei mais sozinha do que nunca.
Comecei a não ter força para praticar boxe. A minha raiva já não tinha escoamento naquela violência inconsequente. Tinha perdido as lágrimas de criança pequena.
A rádio agora só era ligada quando eu e meu irmão íamos para a cama. Meus pais sofriam. Minha mãe chorava às vezes em surdina — ela tinha família em Inglaterra e não queria falar disso.

Este sonho, disse a Matilde, mistura-se com as minhas memórias, recriando nos sonhos as imagens do que eu via e ouvia durante o dia. Parte é verdade.

A última grande guerra matou mais de cinquenta milhões de pessoas, entre militares e civis. Eu vivia a castigar-me a mim própria.

Talvez porque entre as grandes desgraças do mundo se conte também a de nos sentirmos fora do contexto, sós com a nossa existência. O espectáculo da guerra não cabe no coração de uma criança.

A guerra é a maior baixeza do ser humano.

= Sonho 26 =

Este sonho foi-me contado por uma querida neta, de treze anos, chamada Maria.

— Foi tão estúpido e impossível que, naturalmente, não vale a pena escrever sobre ele; mas fiquei a odiar *barbies* e *nenucos* — disse ela.

Escrevi o que ela me contou com sal e a pimenta *quantum satis*.

Naquele dia, a mãe mandou-me descansar depois do almoço. Estávamos nas férias de Verão e havia muito calor. Eu não gostava de me deitar à tarde — e lembro-me, desde muito pequena, que nunca apreciei esse hábito. Deitei-me vestida em cima da cama e adormeci... Bem, estava convencida de que tinha os olhos abertos, embora visse coisas a acontecerem à minha volta a uma velocidade incrível.
Senti uma pedrada ligeira na janela. Estava certa de que alguém me chamava, e fui espreitar. Estavam muitas meninas lá fora. Não era bem na rua, mas num jardim, com um lago onde havia muitos patos. As meninas eram todas barbies*, vestidas de diferentes maneiras. Debrucei-me à janela, mas nenhuma me ligou importância. O jardim era só delas… Bem, não só delas, havia vários* nenucos (sabe, aqueles bonecos gorduchos e carecas que eu tive quando era muito pequena?)*. Uns ao colo de* barbies*, outros em carrinhos, e os maiorzinhos a gatinharem na relva. Quanto mais olhava mais* barbies *apareciam, e muitas eram parecidas com actrizes e com gente que aparece nas telenovelas e nas revistas cor-de-rosa.*
Eu já não sabia bem se estava nos bastidores de uma telenovela, num concurso televisivo, numa boîte *do Algarve, ou dentro de um livro que algum piroso escreveu para as crianças.*
Fugi da janela e, ainda semi-inconsciente, tapei a cabeça com um almofadão. As barbies *puseram-se em fuga e deixaram os* nenucos *sozinhos. Eu sabia que qualquer coisa de horrível podia acontecer àqueles bebés (bonecos) e levantei-me da cama de repente e fui precipitadamente pelas escadas abaixo.*

Acordei então.

– Sabe, avó Mana, nunca mais quis ver *barbies* nem quem se parecesse com elas. Eu avisei que o sonho era muito estúpido...

– Não tanto quanto julgas. Anda muita gente mascarada por este mundo...

= Sonho 27 =

Nada é mais decepcionante na vida do que viver amores infelizes. Ao olhar à minha volta, e até bem perto de mim, fui-me dando conta de que as pessoas são mais adaptadas do que amadas.

O amor está sempre dentro de um almofariz onde misturamos as nossas ilusões. Uma mulher ou um homem aspiram a uma alma gémea ou a alguém que lhe seja complementar para que adquiram um viver a dois harmonioso e pacífico. Sabemos que raramente acontece, pelo que, quando alguém diz que vai casar, perguntamos com ironia: «Vais casar contra quem?»

Este preâmbulo serve para contar um sonho tido depois de uma conversa sobre este tema, que se tornou acesa e um pouco filosófica.

Ele contou o sonho, explicando que o tivera oito dias depois daquela conversa.

Ele contou assim, com as interferências normais de quem se recorda ou tenta recordar-se. Misturou o real com o sonho e eu não separei.

Em casa da minha avó, em Campo de Ourique, havia em cima de um móvel de cozinha um grande almofariz. Um dia, perguntei-lhe para que servia. Ela explicou-me que foi das raras peças que trouxera de casa dos seus antepassados, que viviam na Lousã. Eu insisti sobre a necessidade de um objecto tão grande e ela disse: — Olha, senta-te e ouve com atenção.

Eu acedi, mas, por sua ordem, tive de ir acima do armário buscar o almofariz. Depois começou a explicar-me: havia uma espécie de lenda, lá para as bandas da Lousã, que contava que homem ou mulher que estivesse a pensar casar devia deitar num almofariz tantas moedas de prata como qualidades que desejava no outro.

Se as pessoas fossem ricas, punham moedas valiosas; quem as não tivesse, de cobre; ou até feijões, os mais humildes.

E era assim que faziam dizendo: — Mago, santo ou diabo, eu te imploro que me faças encontrar uma mulher bonita, airosa, bem-falante, trabalhadora, alegre, boa esposa e boa mãe, guarda estas moedas que são o meu tributo.

Se fosse uma mulher a pedir, as palavras variavam pouco e só acrescentavam: um homem sóbrio na comida e na bebida.
Ele contou que tinha pedido à avó — no sonho evidentemente — que o deixasse realizar o seu desejo, embora na actualidade as exigências fossem outras.
Encheu o almofariz com moedas de um euro, que teve de ir levantar ao banco. Quando acabou de as deitar no almofariz, este, pesando para acima de oito quilos, caiu-lhe em cima de um pé e partiu-lhe o metatarso.
Deu um grito... e a avó e tudo o resto desapareceram.

Acabando de me me contar o sonho, declarou: — Nunca mais quis ver um almofariz. Uma vez vi um num restaurante e senti uma dor lancinante no peito do pé. Isto dos sonhos tem muito que se lhe diga. Escreve lá este que é dos poucos de que me lembro. Realmente tive uma avó que viveu em Campo de Ourique e me contava muitas histórias. Ela já morreu há muitos anos. Tenho realmente um almofariz muito pesado, que está em cima de um armário na minha casa de Verão. De facto, foi uma das coisas que vieram da casa dessa avó.

= Sonho 28 =

Estava sentada ao piano antigo da nossa casa da Rua Coelho da Rocha. Era nesse o piano que a minha avó — falecida escassos meses antes de eu ter nascido — tocava as músicas que mandava vir de Londres, no período em que viveu na África do Sul. Todos estes elementos do sonho, eram referências autênticas da realidade.

Eu dedilhava o A. SCHMOL para diante e para trás, e essa monótona música de aprendizagem era uma rotina que abafava os ruídos da rua, sobretudo os pregões, que nessa época eram usuais. Havia uma espécie de desgosto por saber que ninguém se preocupava com o meu desejo de vir a tocar piano. Portanto, praticava incessantemente como um gesto de revolta, um sentimento de insurreição que trazia sempre

comigo. E nem a tosse irritante do senhor Chichorro, que me chegava do jardinzito das traseiras, nem o cantarolar da cozinheira gorda que se chamava Conceição e era amante do senhor Laranjeira, que era casado e a vinha buscar ao domingo para passear, me distraíam da tarefa inconsequente de dedilhar os temas do método A. SCHMOL.
O tapete que se estendia debaixo da mesa de mogno da casa de jantar tinha alguns fios levantados e as franjas rebentadas, talvez das minhas correrias à volta da mesa quando ninguém reparava em mim. E essa correria era tão inconsequente como o dedilhar no piano. Nenhuma das duas atitudes acrescentaria uma valia ao meu percurso nesta vida. Teria nessa altura cinco, seis anos. Não fazia julgamentos sobre se era feliz ou não, porque não tinha termos de comparação. Havia sons e não havia mais ninguém à minha volta. E assim o mundo era só eu, as coisas que me rodeavam e os sons. Havia também revolta. Alguém dissera que eu era uma revolucionária.
Como tudo isto me acrescentava cansaço, e os meus dedos pouco ágeis se entorpeciam nas teclas pretas e brancas do piano, dei um pinote na cama e ouvi a minha mãe dizer:

— Estava a ver que ias dormir todo o domingo!...

Este sonho aconteceu já eu tinha filhos na faculdade, e ajudou-me a recapitular uma época muito esquecida, até vaga, em que o único elemento com alguma coerência era a minha faceta de nunca desistir dos meus objectivos. O senhor Chichorro era o proprietário do n.º 16 da Rua Coelho da Rocha, onde nasci e onde funciona a Casa Fernando Pessoa.

Nunca fui pianista, mas persisti noutros projectos.

= Sonho 29 =

A Mónica contou-me:

Enquanto não adormecia profundamente — julgo que se chama estado de vigília —, sentia-me medrosa. Talvez por isso não adormecia em pleno.
Parecia que estava no limiar de um acontecimento, na véspera de uma reunião de augúrios que nos avisariam de factos que iam ganhando vulto. Ainda via alguma claridade da janela, mas apenas isso.
Depois, estava lá.
Havia um campo de batalha. Não o das batalhas que se vêem agora em directo na TV, mas um campo aberto, com tropas em lados opostos. Como nos desenhos dos livros de História antiga, em que os guerreiros se apresentam com armaduras, elmos, viseiras...
Olhar a guerra de fora é uma coisa, e estar rodeada de combatentes, de ruído ensurdecedor, de gritos de feridos... é o susto do imprevisto. O pior é que eu estava no campo de batalha, e algumas amigas de escola andavam, como eu, perdidas entre os combatentes. Por toda a parte, o barulho estrondoso de canhões e de gente a gritar. Algumas das minhas colegas tentavam fugir, e também eu procurava uma saída. Tão depressa via uma figura num cavalo, que me parecia Nuno Álvares Pereira, como uma amiga chamada Verónica, que aparecia como uma imagem vista através de uma vidraça verde. Ela era a figura principal.
Depois, talvez num momento de lucidez, considerei que ela não podia estar ali, porque tinha morrido dois anos antes, num acidente de automóvel.
O sonho continuava barulhento, aflitivo.
Em certos momentos, via-me a folhear um livro enorme. Nesse livro só existiam gravuras a preto e branco de guerreiros a cavalo ou batalhando a pé. Tão depressa me confundia com os guerreiros e via ao longe as minhas colegas, como me escondia atrás das páginas do livro gigante. Comecei a gritar e vi a minha amiga Verónica a ser levada numa maca. Corri ao seu encontro, e ela, erguendo-se da

maca, disse-me, com uma expressão luminosa e sorridente: «Não te assustes, vou estar sempre bem.» Desapareceu e eu acordei.

Só de lhe contar isto, fico a tremer. Essa colega tinha uma grande influência sobre todas nós. O grupo era precisamente formado pelas colegas que vi no sonho. Quando ela morreu no acidente de viação, ficámos todas muito abaladas e foi um desgosto colectivo que nos fez mais adultas e mais unidas.

= Sonho 30 =

Eu sei que a amizade é um dos valores maiores dos seres vivos. Lembro-me de ter lido um conto infantil, semelhante a uma lenda, escrito por Madalena Gomes, devotada autora de literatura para crianças, que narrava a amizade entre um crocodilo e um passarinho[6]. Recordo-me de um sem-número de pessoas e de animais que estabeleceram amizades, por vezes anacrónicas.

O livro *As Velas Ardem até ao Fim*, de Sándor Márai, um escritor húngaro, é uma profunda dissertação sobre a amizade, que nos leva a percorrer um caminho extraordinário pelos labirintos da alma humana.

Vários dos meus amigos tinham lido este livro, pelo que me parecia um óptimo tema de debate para o nosso encontro mensal à roda de uma leitura. Sabíamos, no entanto, que a dissecação dos sentimentos pode deixá-los inutilmente escalpelizados. O amor, o nascimento, a morte, a existência da fé são temas eternos. São a terra e o sol de todas as literaturas. A amizade é um terreno movediço, porque o amor que se esgota é menos grave do que a amizade que se abandona.

Parece-nos que mesmo nos sonhos estas premissas existem. Por mais fugidios e ilógicos que eles sejam, os sonhos beberam a destilação do que vivemos, lemos, vimos — quem sabe, doutros provires sem explicação. No entanto, os sonhos são importantes, uma vez que o sono, e frequentemente o sonho, consome parte importante da nossa vida.

«Sonhos e pesadelos são para esquecer», diz a maioria das pessoas. Não haverá também tantos episódios das nossas vidas de que nos esquecemos realmente, ou que desejamos esquecer? Quando recordamos com amigos e familiares episódios do passado, o relato das memórias não é coincidente. Cada um recorda acontecimentos diferentes, embora muitos se assemelhem. Os sonhos, a memória, pregam-nos partidas. Fazem parte dos mistérios que a ciência persegue incessantemente, constituindo matéria de estudo e

[6] Madalena Gomes, falecida em Março de 2010. Livro: *O Crocodilo e o Passarinho*, 3.ª ed., Lisboa, Vega, 1998.

interpretação de filósofos, psiquiatras e outros estudiosos da mente. O significado dos sonhos tem dado origem a muitos livros, teses e conferências. Em livros antigos, fala-se dos sonhos enquanto portas de acesso a «Revelações». Também este tema conduz a muitas especulações. Foi intencional o facto de não ter dado exemplos das Revelações em livros sagrados ou pseudo-sagrados.

Então, o sonho foi alimentado com estas considerações e apresentou-se como um prédio em construção que um fogo destruiu. Apenas resta o esqueleto.

Julgo que este sonho não devia ser transmitido. Foi o Xavier que exigiu vê-lo escrito. Tinha-lhe sido contado com mais pormenores, que ele resolveu atenuar.

O André é um homem de cinquenta anos que mantém um físico notável. Ainda vai à caça e conta histórias fantásticas. Esta história, reservou-a para que eu a contasse no livro dos sonhos.

É sempre bom ter em conta que o que escrevo encerra muitas vezes, mesmo sem que me aperceba, as minhas reflexões ou os meus desvios. Mas o essencial fica expresso. E assim transcrevo a sua história.

O jipe seguia pelas tortuosas vias da encosta de um monte e, a cada solavanco, os dois cães de caça ganiam. O ganir dos cães ficou sempre a ouvir-se como um som de fundo, que se perpetuou mesmo quando o jipe ficou arrumado debaixo de uma azinheira.
Começamos a varrer o terreno com o olhar, de espingarda pronta. O João, o António e eu, companheiros de há muitos anos, desta vez levávamos um novo companheiro: o Romano*, um cão meio arraçado de perdigueiro, que se estreava naquelas andanças. Pertencia ao João. Tinha tido um bom treino, e a expectativa do dono era muita.*
As perdizes pareciam ter feito um conluio para não aparecerem. O João, cujo interesse pela caça era ultrapassado pelo convívio e pela hora da refeição, sentou-se num montinho rodeado de estevas e sacou do cantil. O calor começava a apertar. Tanto eu como o António trocávamos sinais e posicionámo-nos silenciosamente atrás de um chaparro. Estávamos de atalaia. Os cães, atentos, de focinhos erguidos, mereciam figurar numa gravura — aliás, lembravam-me uma que havia em casa de meus pais, muito romântica, onde uma elegante

senhora, vestida à antiga, de sombrinha florida, caminhava por uma vereda olhando para trás, na direcção de um grupo de caçadores e de cães.
De repente, ouviu-se um restolhar. Os ganidos aumentaram. O António, erguendo-se de um salto entre as estevas, atirou àquela ave que se erguera com alarido detrás de uma moita.
O Romano *chegou primeiro; abocanhou o pássaro que estrebuchava e depositou-o aos pés do dono. Era um triste mocho. A risota foi geral, e o caso não se restringiu ao grupo, pelo feito inédito que entraria nos* curricula *do dono e do* Romano*, que se estreara com esta peça.*

Nesta fase do relato, eu disse ao meu amigo:

— Olhe que esta história não parece um sonho. Não estará a descrever-me apenas uma caçada?

— Este preâmbulo é necessário, porque o sonho é curto — respondeu ele. E acrescentou: — O sonho é este:

Estava muito calor e a caçada tinha começado com os cães a ganir de um modo pouco usual. O jipe ficara mal travado e galgou duas escarpas, ficando de pneus para o ar.
O cão do João trazia na boca um mocho, que desatinadamente levantara voo de trás de uma sebe. Quando a risota parou, o tempo enfarruscou-se. Subitamente ouviu-se um trovão cavernoso, como se os demónios debaixo da serra se tivessem zangado, e uma chuva inclemente começou a cair em torrentes que nos toldavam a visão. Deixei de ver os outros. O som dos cães a ganir era agora muito longínquo, e eu sentia-me só. Apressei-me a sair debaixo da árvore, por saber que um raio a podia rachar ao meio, e deitei-me no chão. Sem me aperceber, apoiei-me numa coisa mole que não consegui identificar. Tive a sensação de serem penas ainda quentes. Pensei que seria o mocho que para ali ficara, e afastei a mão, um pouco enojado. A meu lado, uma rapariga ergueu-se, com ar ofendido. Sacudiu as saias compridas, apoiou-se à sombrinha florida e afastou-se, olhando-me com desdém.
O tempo melhorara e nem sombra de caçadores ou de cães. Eu estava vestido com um fato de veludo esverdeado, de calça entufada e de

botas atacadas até ao joelho. Levantei-me para ir atrás daquela silhueta que se desvanecia pelo mato fora.
Onde tocara eu, para tanto a ofender? Teria de lhe pedir perdão, pelo que avancei com um ímpeto tamanho que... me achei em cima do tapete do quarto.

A minha mulher, que raramente se descontrola, limitou-se a perguntar: — Onde andavas tu a mexer para gritares: «Menina, não foi por querer... pensava que eram as penas de um mocho!...»

= Sonho 31 =

Ela telefonou-me e, mesmo antes de se identificar (que nem precisava, conhecia-lhe a voz), disse: — Como me pediste, vou contar-te um sonho; curto, sem tecido para fazeres senão um biquíni. Mas prometi e aqui vai...

Havia claridade à minha volta. Seria um sol desconhecido, uma lua abusadora, ou teria antes origem nas luzes de cena de um teatro improvisado. Não sei.
Eu caminhava através de um espaço plano, onde estavam montadas talvez três ou quatro tendas quadradas de pano grosso muito branco. Tinha a noção de que nada do que iria acontecer precisava da minha presença. Contudo, eu era essencial para que tudo se desse.
A música que tocavam parecia uma balada que eu já ouvira antes. Levantei um dos lados da tenda e vi aparecer uma rapariga. Ela foi acolhida por uns discretos aplausos, vindos de uma plateia que eu, do local onde estava, não via, mas pressentia.
A rapariga era de estatura média-baixa, rosto oval, de um moreno claro, e cabelo curto e penteado de um modo pouco elaborado. Vestia uma saia escura e uma blusa pouco volumosa, caindo solta até à cintura. Lembro-me de que não tinha mangas e rematava nos ombros com uma curta laçada de dois nós. Enquanto durou esta cena, preocupei-me apenas com o facto de a ponta de um dos nós estar metida na cava da blusa e não solta, como devia. Era uma preocupação que me afectava. Ela ia cantar, estava em público e não ficava bem aquela ponta ali metida.
Por fim, a música baixou de intensidade e ela começou a cantar. Sentia-me suspensa. Olhava com obsessão para a ponta do nó que se enfiara na cava. Quando acabou de cantar, ouviram-se aplausos vibrantes. Ela agradecia àquele público que eu nunca conseguia ver, mas apercebi-me de que conquistara a plateia.
Talvez eu fosse a produtora daquele espectáculo?! Sentia-me feliz pelo acolhimento à cantora, que eu via tão nítida como se tratasse de

alguém que eu conhecesse desde sempre. (Não se parecia com ninguém dos meus conhecimentos.)
De novo, cantou e encantou. Vi-a nitidamente a aproximar-se daquela plateia invisível para mim, e prestar atenção aos diversos pedidos para que cantasse determinadas canções. Esse facto alegrava-me, julgo que até me excitava, mas preocupava-me saber que não estaria preparada para o êxito. O público começava a indisciplinar-se. Queria que ela soubesse que não devia ceder ao excesso de entusiasmo, que devia agradecer e retirar-se (preocupação que atravessava todo o sonho)*.*
Eu não tinha forma de comunicar. Verdadeiramente sentia que a minha presença era irreal. Nunca poderia fazer nada para a auxiliar. Mas estava contente com o seu êxito.
A luz sob a qual me encontrava apagou-se. No palco a figura iluminada da cantora projectava um clarão. Os aplausos cresciam, choviam pedidos de mais e mais canções, que eu sabia que ela jamais poderia interpretar sem defraudar o público. Era apenas essa a minha preocupação, mas não tinha como avisá-la, porque, apesar de estar ali, não podia intervir.
Ao longe começaram a ouvir-se sinais de trovoada que cresceu até se tornar ameaçadora e desabar numa bátega violenta. Houve uns momentos de confusão. Percebi que o público debandava em alvoroço. Quando olhei para o palco, só vi, no chão, a blusa dos laços encharcada.
A mim a chuva não chegou. Senti que, a mim, nada me podia chegar.

Pronto. É tudo. Nunca conheci a rapariga que cantava, mas retive a sua imagem pelo dia fora. Recordava-me nitidamente das suas feições. A sua presença ficou a pairar no meu subconsciente como alguém que eu tivesse conhecido noutra época, quem sabe se noutra vida. Incomodou-me, porque eu não encontrava relação com nenhum facto da minha existência. Ao contar-te este sonho talvez me liberte, quem sabe... espero que, de futuro, te possa contar um sonho com mais material. Este foi intenso mas fugaz.

= Sonho 32 =

Os meus pedidos frequentes para me contarem sonhos começavam a dar frutos.

A Joana nunca teve gatos e por isso começou a fazer um longo intróito, que verdadeiramente não interessa para aqui. Ela precisava de me dizer que o sonho que me ia contar não tinha nada a ver com ela. Sosseguei-a, dizendo-lhe que não estava preparada para relacionar os sonhos com os sonhadores e que nada do que tinha lido até ali me ensinara sobre a lógica dos sonhos.

Estava a viver num andar de grandes divisões, onde os móveis escuros de madeiras antigas deixavam muitos espaços à sua volta. Encontrava-me sentada na sala de jantar, em frente a uma mesa vazia, e esperava com tédio que o dia terminasse para me ir deitar. Nada à minha volta me interessava. Havia uma certa monotonia naquele fim de tarde de um dia sem acontecimentos.

A mulher entrou com ar assustado e disse: — Minha senhora, veja lá o que apareceu na cozinha!...

— Francamente, a última coisa que me interessa é saber se as baratas voltaram a aparecer... — disse eu com um ar absolutamente blasée*.*

A Celeste retirou-se e, quando voltou, trazia nas mãos um gatinho mínimo, dizendo que o encontrara ao pé da máquina de lavar roupa — naturalmente porque o animal tinha frio e ali estava mais quentinho.

Eu achei que o bicho, além de indefeso, era bonito e que escolhera a minha casa para viver. Sem me dar conta, saí da apatia em que estava mergulhada. Pedi à Celeste que me trouxesse uma tigelinha com leite diluído num pouco de água, e peguei no animal ao colo.

Comecei a fazer festas ao gatinho e, sempre que as festas eram na cabeça, entre as orelhas, o bicho ronronava e crescia. Ao descobrir isto, insisti e o gato aumentava de tamanho. Por fim, o gato parecia um pequeno tigre. A Celeste nunca mais voltou à sala de jantar.

Comecei a temer que o animal me atacasse e, aproveitando a sua distracção enquanto dava dentadas numa almofada, saí e fechei a porta da casa de jantar. Chamei pela Celeste, mas ela não estava em

casa. Quando cheguei à porta do quintal, vi dois carros de bombeiros e a Celeste, ao lado do motorista, de braços no ar e a apontar para mim.

Acordei e ainda me pareceu ouvir um miado debaixo da cama. O sonho levara ambos, o gatinho e o tigre, para um espaço distante. A Celeste tinha sido empregada da minha mãe e saíra da nossa vida quando ela morreu. Já se tinham passado vinte anos.

— Foi um pesadelo, Joana — disse eu à minha amiga.

= Sonho 33 =

Fui ver a exposição do Darwin à Gulbenkian. A evolução das espécies é um fenómeno apaixonante, que nos ajuda a ver o homem na sua devida escala.

Os livros sobre Darwin e as diversas teses que nele se filiam só podem pecar pelo excesso. Os crentes em vias espirituais são os que expõem as suas opiniões com mais frequência.

Um dia perguntei a um padre católico, homem de grande fé, inteligente e de alma simples, o que achava sobre este assunto. Ele disse pouco, mas deu-me que pensar:

— Sabes, minha amiga, que ainda ninguém conseguiu provar cabalmente alguns factos da vida de Cristo. Apenas se conhecem episódios, mesmo esses, sempre abertos a controvérsias. Quando andava no seminário interroguei um velho padre que tinha sido missionário em Angola sobre o mistério da ressurreição de Cristo. Que provas é que a História nos dava sobre a verdade dos factos? Ele respondeu apenas: Cristo apareceu aos seus apóstolos depois da sua morte e falou. Esses homens, de culturas e origens diferentes, foram, na sequência das suas vidas, vítimas mortais, por asseverarem que Jesus tinha ressuscitado e que O tinham visto. Não foi apenas um que sofreu a morte por garantir que tinha visto Jesus. Embora a religião possa levar a excessos, e ainda hoje acontece, o sacrifício de homens simples em nome de uma causa que consideravam verdadeira leva-nos a acreditar na Ressurreição de Cristo, na divindade de Deus.

Será possível que tanta gente esteja a mentir?!

Não sei se é por conveniência que quero conciliar os caminhos da ciência e os caminhos da fé, mas assentei as pedras do *puzzle* desde essa altura como um axioma. Deus tudo concebera e não se colocava à parte dos planos. Era, antes, um maestro de uma orquestra onde todos os seres têm o seu papel. A nossa estada no mundo pode ser curta ou longa, mas deixamos uma marca absolutamente necessária, para o bem e para o mal. A astrofísica chama-nos a atenção para um Universo onde as dúvidas sempre perduram, embora se pressinta uma harmonia criada após o caos. A vida e a morte das estrelas, a agregação e a desagregação dos planetas, as poeiras

cósmicas e muitos outros fenómenos sugerem um equilíbrio extraordinário que nos faz supor que há um Criador responsável pela conjugação dos elementos.

A sujeição ao mal, à doença, as catástrofes da natureza continuam a levantar dúvidas cujas respostas ultrapassam o discernimento humano. Depois, alguém atesta um milagre que nenhum humano considera possível pelas leis que se conhecem, e a dúvida incrusta-se na mente como um cais de pedra para uns e de areia para outros.

Não sei se foi aquela conversa com o padre ou alguma leitura feita e esquecida que se enraizou e que deu azo a este sonho.

Darwin estava sentado num estrado à porta de um túmulo. Parecia esperar por algum acontecimento. Eu estava no cimo de um pequeno monte e não me podia mexer. Tinha a sensação de que podia despenhar-me cá em baixo e transtornar a espera de Darwin. Precisava de me manter alerta e silenciosa. O meu entretém era apenas o de observar as nuvens no céu, que se moviam a uma velocidade incrível. Pareciam querer compensar o meu poiso estático e também o de Darwin.

Nisto, uma nuvem escura parou mesmo por cima da figura do cientista e largou à porta da gruta uma escada. Darwin não ficou surpreendido. Puxou a escada, fixou-a com muito cuidado e subiu até ao cimo da gruta, que estava coberta de um restolho acastanhado.

Eu olhava como uma espectadora num balcão de um teatro.

O cientista adormeceu em cima do restolho e eu fiquei como que embalsamada. Nem as minhas pálpebras tremiam. Depois, ouviu-se um barulho enorme e uma grande rocha desobstruiu a zona da entrada tumular. Cristo saiu vestido de branco, caminhando apoiado a um bordão.

Vi nitidamente Darwin ir ao seu encontro, mostrando a Cristo o que me parecia uma lagartixa em ponto maior que o habitual. Sentaram-se frente a frente e falavam, mas eu não percebia o que diziam. As palavras que empregavam pertenciam a uma língua conhecida, contudo eu não lhes apreendia o sentido. Pareciam muito cordatos e o tom das vozes era de uma suavidade que me parecia música e não palavras.

Por fim, Cristo disse, numa voz audível, que ainda tinha muito para fazer, porque o século XXI estava cheio de alçapões. Darwin concordou e, alegando que estava muito cansado, pediu licença para entrar no túmulo de Cristo e ali ficar a descansar de tantos anos de investigações.
Eu era a única testemunha daquilo e sabia que jamais alguém acreditaria nesta minha visão. Felizmente, uma mota incivilizada acordou-me.

É evidente que eu, uma contadora de histórias por gosto, poderia construir de cada sonho um conto com alguma lógica, mas o desafio que me propus foi o de fazer um livro de sonhos. Assim, vou contando estas fracções de acontecimentos que, mesmo não deixando memórias com raízes, fizeram parte das nossas vidas.

= Sonho 34 =

Vou contar este sonho com as interferências que, de facto, aconteceram.

Sei que me meti num transporte e que fui deixada numa zona desconhecida de Lisboa. Havia uns vestígios de uma enorme construção que se assemelhava ao Templo de Diana em Évora. Tinha no entanto algumas paredes de pedra no interior. E essa minha constatação foi o primeiro sinal de espanto.
As ruas em redor eram íngremes, com chão em terra batida, e as pessoas que circulavam não despertavam a minha atenção. O local e o meu desconhecimento da zona eram aparentemente a minha única preocupação.
Afinal, o transporte que me trouxera não era o que eu esperava, e deixou-me sem referências. Senti o incómodo de não ter escolhido o sítio, de não conhecer ninguém, de não ter a quem perguntar nada — porque era evidente que quem vai num transporte para um sítio é porque escolheu esse sítio.
Aquele sentimento de isolamento no meio de outros não era novidade. Sempre gostei de me encontrar onde julgo poder controlar as situações. Ao confrontar-me com essa minha faceta, senti um certo desconforto. O desconforto de não ser aventureira. Contudo, estava a viver uma aventura.
Toda a gente parecia pertencer àquela zona, e eu, uma estrangeira, sem ter escolhido sair do país. A sensação de ser uma intrusa que desmancha a paisagem humana sedimentada à volta de um local.
Assim, percorria as ruas e parecia invisível, ninguém me olhava. Ou ninguém queria olhar para mim? Entrei numa loja muito escura que vendia vassouras de várias qualidades. Perguntei a um homem — talvez o dono — que nome tinha aquela freguesia, porque eu viera de fora e não sabia. Ele respondeu: «Santa Eulália, a virtuosa.» Eu conhecia Santa Catarina, Santa Engrácia, Santa Marta, Santa Maria de Belém, etc. Devo ter mostrado uma expressão assaz patética, porque

o homem convidou-me a sentar num banquinho de tripé e trouxe-me um copo de água.
Ao beber, a friagem da água fez-me acordar por um brevíssimo momento.

Raciocinei — um sonho, ainda bem... E logo tornei a adormecer, caindo noutro sonho vagamente relacionado com este.

Havia um edifício alto, amarelo e com muitas janelas. Depreendi tratar-se de um hotel. Entrei e sentei-me numa cadeira perto de um pequeno bar. Um empregado, todo vestido de preto, como se tivesse chegado de um enterro, perguntou-me o que eu queria. Pedi uma sanduíche de vitela e um copinho de tinto. Vira anunciada num placard *esta sugestão. Não me lembro do paladar, nem dos restantes acontecimentos, apenas da urgência em sair dali. Voltei-me na direcção donde viera — só existiam portas fechadas. Abri uma, e era um quarto; abri outra, e era de novo um quarto; e ainda outra, que parecia uma divisão de arrumos. Porta de saída não havia. Tornei ao canto onde tinha estado a comer ao lado do bar. O empregado, especado como um manequim, depois da minha insistência, acompanhou-me escada acima até um longo corredor. Ao fundo desse corredor, fortemente iluminado, que eu percorria com aquele estranho acompanhante, havia qualquer coisa que precisávamos de alcançar. O quê? Era preciso continuar a avançar, mas o trajecto parecia não ter fim. Ele disse qualquer coisa que não entendi, mas obedeci, andando até ao extremo do corredor. Não havia porta nem janela. O empregado desaparecera. Espreitei de um patamar em meia-lua, projectado para fora do edifício. À minha frente o precipício, a rua muito lá em baixo. Tão em baixo que o medo me pôs hirta. Depois, sem outra opção, acerquei-me perigosamente. Quase a meio metro desse espaço aberto para a rua, erguia-se uma escada de madeira. Para a alcançar tinha de pular do patamar, onde estava, para o primeiro degrau da escada. A meio dessa escada estava outro homem vestido de preto, que me disse: — Desça devagar que eu ajudo. — Lembro-me com uma nitidez espantosa de o material do patamar ser igual ao material da escada. Madeira nova, clara, muito envernizada. Era o mais nítido em todo o sonho. Era a*

grande realidade de todo o sonho. Tive um medo terrível de me aproximar da beira do patamar e de dar o salto para a escada que me libertaria daquele prédio donde não havia outra saída. Quando a indecisão tomou conta de mim, acordei.

É um sonho... ainda bem. Tornei a adormecer.

Havia um jardim bem cuidado e, ao longe, viam-se as ruínas do tal templo romano parecido com o Templo de Diana em Évora, com construções no interior em pedra enegrecida. Sentei-me. Ninguém deu pela minha presença, apesar de haver muitos idosos com crianças e alguns vagabundos com sacos e mantas fazendo dos bancos o seu poiso. Também me senti uma vagabunda que se esqueceu de trazer seus parcos haveres.
O sol começava a declinar e os últimos raios passavam entre as ramagens das tílias e consolavam o meu desconforto.
Chegara a um ponto da cidade de Lisboa onde tudo me era estranho.
Uma criança passou por mim numa correria tão veloz que me pareceu um pássaro acossado. A criança estava vestida à antiga. Tinha um fatinho de algodão com muitos folhos de bordado inglês. Reparei nisso quando parou do outro lado do lago. Ela olhava para a água, numa postura invulgarmente estática. Parecia ter vindo do início do século passado.
Eu olhava-a esquecida de tudo o que me estava a acontecer. Os factos anteriores tinham-se desvanecido. De súbito, a criança avançou e mergulhou no lago. Fiquei petrificada, porque só eu estava no jardim. Todos se ausentaram ou já não existiam? Corri e, quando me lançava à água, acordei.

É um sonho... ainda bem. Fiquei então acordada. Já eram nove da manhã. Prosaicamente, lembrei-me de que tinha hora marcada no dentista. Foi um exagero de sonhos.

= Sonho 35 =

— Pedi sonhos, não pedi pesadelos — expliquei na altura ao grupo de amigos a quem resolvi contar as minhas preocupações. Um pouco por todo o mundo, a vida era feita de pesadelos, dos quais não se via a saída. Também admiti que a informação global acentuava todas as catástrofes e misérias e pouco realçava os avanços positivos da humanidade.

Aproveitei o facto de ter algum público para me escutar, o que é raro, cada um atropela os outros para pontificar e fazer-se ouvir — é cada vez mais difícil uma troca de ideias. Como disse, aproveitei para falar daquele meu projecto antiquíssimo de organizar um jornal semanal em que só se escrevesse as *boas notícias*. Esse projecto datava do ano 1998. Haveria uma equipa para a pesquisa em Portugal dessas boas notícias e, se houvesse aceitação, poderia alargar-se para as boas notícias internacionais. Este era um sonho muito antigo, mas um sonho acordado. Nunca o iria realizar.

Também achei que devia referir uma diligência absolutamente ingénua que num almoço social fizera junto de um grande empresário que eu conhecia bem. Ele respondeu-me convictamente que seria um fracasso. Os leitores preferem tragédias, desgraças. Como raramente desisto de projectos que me são caros, escrevi uma carta ao director de programas de um canal de televisão. Depois de uma demora considerável, escreveu-me a dizer que estava de acordo com o meu projecto mas que o canal televisivo a que pertencia já começara a accionar essa vertente. De facto, notei que, embora espaçadamente, alguns programas passaram a mostrar a faceta positiva do desempenho humano em Portugal. Digo humano e não financeiro. Pouco depois, esse director cessou funções. Actualmente, a crise financeira mundial e o estado catastrófico do nosso país levaram a que, por absoluta necessidade, alguns programas e jornais passassem a dar boas notícias. Fico contente por haver quem concretize os meus desejos. Talvez seja uma forma de mascarar a verdadeira catástrofe: um modelo de sociedade que se afasta dos requisitos de uma época em que a multidão dos marginalizados se avoluma, se mostra e incomoda os bem sucedidos. Mas o que desejava mostrar era os actos

humanitários que muitas pessoas e instituições fazem quase no anonimato.

Evidentemente, nunca poderei saber qual a razão que desencadeou esta necessidade de aliviar o mundo de tantos pesadelos. A coincidência, ou antes, a sincronicidade, é um fenómeno que se manifesta de formas ínvias. Fico feliz sempre que tenho uma ambição e ela é posta a funcionar seja por quem for. O êxito pessoal é apenas um grão de areia no deserto. Ambição é assistir a uma caminhada dos homens em direcção a um mundo melhor, para a felicidade da nossa descendência, e o desespero é observar os recuos, as contradições. Sempre achei que o protagonismo exagerado é uma prova de pequenez humana.

Não sei se foi tudo isto que andava no ar na altura, ou se foi apenas uma coincidência, como referi, que me levou a ter este pesadelo e a ter de o escrever.

Alguém tinha falado das preocupações de Al Gore e do último livro de Amin Maalouf. O Tratado de Lisboa, o Encontro de Compenhaga, enfim, as grandes preocupações com as mudanças climáticas que iam colidir com interesses económicos. Seria o que motivara este sonho?

O aquecimento global estava aí. O mar subira pela praia como uma maré-cheia sem limites. Invadira o Vale de Santa Rita e começara a cobrir as ruas da zona baixa. Da minha casa, a meia encosta, assistia e afligia-me com as famílias que residiam no Vale de Santa Rita. Conhecia algumas, e especialmente uma, à qual me ligava uma amizade de longa data.

Tentei telefonar para sugerir que contornassem o vale pela vertente norte, ainda não inundada, e que viessem refugiar-se na minha casa. Os telefones não funcionavam. O telemóvel não respondia. Improvisei um altifalante, toquei campainhas, gritei… Nada.

Subi às minhas águas-furtadas e reparei que as águas já cobriam as casas todas do vale. Havia um silêncio perturbador. Morria-se em surdina. Depois, o mar começou a rugir como um animal que já matou a presa e se prepara para a devorar.

Se eu não fugisse a tempo, o mar podia encher o vale e trepar até onde eu estava. Felizmente, o meu pesadelo não se transmitia à

restante família. Estava sozinha com este problema. Eles pareciam alheados, talvez verdadeiramente adormecidos.
Lembrei-me de que o vale era profundo e se estendia a norte por um estreitoe apertado caminho. Pensei que talvez os habitantes da zona se tivessem apercebido primeiro da catástrofe e estivessem refugiados. Por isso o silêncio.
Desci as escadas íngremes do meu sótão e vi que a casa estava na penumbra apesar de ser manhã.
Depois lembrei-me dos dois gatos que tinham escolhido o meu jardim para aí viverem e fui ver se os encontrava. Dormiam placidamente no telhado da casota dos artigos de jardinagem. Dizem que os animais pressentem as catástrofes da natureza. Eles dormiam ou estavam mortos?
Comecei então a chorar. Chorava pelos gatos, antes de lhes tocar para verificar se dormiam ou se tinham morrido.

Acordei com o meu próprio choro.

Esta preocupação de o mar poder invadir o Vale de Santa Rita não era inédita. Ou já sonhara antes ou vivia no meu subconsciente como uma ameaça possível e, no entanto, sem nexo. Para o mar ali chegar tinha de ultrapassar a marginal, depois a via-férrea e então precipitar-se no Vale de Santa Rita.

Uma das boas notícias que fariam notícia no jornal que ambicionava pôr a circular seria exactamente os avanços notáveis que Portugal conseguira implementar aproveitando a energia eólica, e começava a enveredar pela energia das ondas do mar. Foi certamente o que accionou o meu pesadelo. Pesadelo é também querermos ser úteis à sociedade e não termos acesso.

= Sonho 36 =

Estava-se em plena época de eleições (três num curto espaço), e os telejornais vomitavam campanhas extraordinariamente ridículas. Até os políticos mais credíveis tinham entrado numa paranóia alucinante. Havia mais perdigotos visíveis do que ideias. Havia especialmente um teatro montado para enganar o povo. Em vez de se preocuparem com sanar os males do país, procuravam encontrar rastilhos nas campanhas dos opositores para poderem ofender, agredir, desfigurar as intenções postas a circular.

Sei que as pessoas com mais auto controlo evitavam os canais de televisão que emitiam as campanhas e as mesas redondas sobre as eleições. Procuravam outros canais onde nada de político se passasse. Já tinham feito as suas opções. Sentiam-se enxovalhados com polémicas tão tristemente baixas.

O pior é que ler os jornais se tornava monótono, e o resto era a bola ou as artistas de telenovela mostrando *o material* ou a última paixão. Os jornais queixavam-se de perder leitores! Os artigos de opinião, com raras excepções, batiam sempre a mesma tecla eleitoralista. O desmando era tamanho que o populismo e o fanatismo criavam raízes perigosas.

Terá este contexto motivado o sonho do Francisco? Ele considerou que sim. Estava enjoado de uma democracia ainda tão infantil, perversa e trapaceira. Eu já não tinha forças para me opor. A democracia tinha de ter por base a educação e a honestidade.

Vi nitidamente uma águia que, à medida que eu a olhava, crescia desmesuradamente.
Viera do mar, talvez de um arquipélago desconhecido. Quando planava perto da terra ficava mais pequena, mas as garras eram enormes e poderosas.
Eu parecia estar a segui-la com uma câmara digital oculta. O meu papel era segui-la e fotografar o seu trajecto. O meu espanto foi descobrir que a ave seleccionava homens e mulheres de pontos diversos do país. (Sabes que eu acompanhava o voo da ave pelo país e

via nitidamente o recorte de Portugal, como se sobrevoasse um mapa de um compêndio.)
Aqui, a ave entrava numa casa, trazia um fulano e deixava-o num lugar que eu nunca conseguia ver; depois, escolhia uma mulher, e por aí fora. Eu fotografava o segundo em que a águia erguia nas suas garras a criatura. Sentia que estava a fazer um trabalho encomendado e que não me afectava esta incoerência.
A águia parecia, ao fim de um tempo (tempo imensurável)*, tão cansada quanto eu.*
Essas criaturas que fotografei apareceram nos Paços do Concelho, bem vestidas e aprumadas. Vinham prestar juramento, não como ministros, mas como administrativos de diversas áreas de gestão do país, seriam directores-gerais.
Um homem quase invisível estava sentado num cadeirão velho e gasto. Os homens e as mulheres escolhidos, depois de jurarem cumprir o seu dever, cumprimentavam essa personagem, que não tinha expressão, e seguiam de semblante respeitoso e fechado (mais tarde, achei que a figura no cadeirão podia significar Portugal, não pensei noutra hipótese). *Iriam para os diferentes gabinetes governar o país, e não eram gente conhecida. A governação pertencia a burocratas, que ganhavam um ordenado fixo e seriam despedidos se, num determinado prazo, não apresentassem provas de boa administração.*
Nunca mais vi a águia. Devo ter perdido o meu emprego!

Acordei cansado, como quase sempre. Em cima da cómoda, estava a águia do Benfica que o meu neto me oferecera quinze dias antes, no dia dos meus anos.

Quando fui votar parecia um autómato que vinha de um mundo diferente com uma missão. O sonho ficara tão nítido no meu espírito que aproveitei para o registar imediatamente antes que se desvanecesse, e para to poder contar.

= Sonho 37 =

Sonho da noite de 22 de Setembro de 2009. Finalmente, retive no essencial o sonho desta noite. Mas afinal o que é o essencial?

O que me convém dizer e, também, o que aos outros possa interessar. Como disse no preâmbulo, os sonhos escoam-se rapidamente assim que acordamos, como água que desaparece no ralo de um lavatório. Neste sonho, o que se destacou com maior nitidez foram os sítios e os objectos; as imagens associadas a pessoas são mais indistintas, excepto num caso, que se tornou relevante e inesquecível.

Escrevia há uns meses uma recolha de sonhos, mas, por castigo do destino, a certa altura comecei a ter dificuldade em me lembrar deles.

O que me perturba mais nos meandros dos sonhos é *ver* lugares com uma imensa nitidez e depois, já acordada, verificar que andei por locais absolutamente desconhecidos. As pessoas que encontro nesses «episódios», que também fazem parte da minha vida, são também desconhecidas, mas o seu aspecto físico é, muitas vezes, de tal forma realista que elas passam a fazer parte da minha galeria de personagens autênticas.

O homem da loja de antiguidades é tão real como alguém que fiquei a conhecer para sempre, e não me espantaria se o encontrasse na Rua de São Bento. A rapariga da loja dos presentes «Les cadeaux» é uma graciosa rapariga que tem a qualidade de, no primeiro encontro, mostrar a sua faceta generosa.

As únicas observações que vieram do mundo real são a crise que Portugal e o mundo atravessam, e o facto de eu ter ido buscar a frase de um filho de uma amiga que também trabalha no negócio de antiguidades. Tudo o resto é composto por peças não identificáveis no meu trajecto de vida e que não espelham memórias de acontecimentos verdadeiros. Há, no entanto, traços do meu comportamento, que, embora ténues, podem identificar-se comigo: o sentimento de insegurança quando ajo só, a noção de que a idade me condiciona por

mais que tente disfarçar. Isto estava presente no sonho. Assim, os sonhos trazem muitas vezes material passível de análise.

Este sonho desenrolou-se numa cidade desconhecida. A zona onde me encontrava era uma encruzilhada de ruas em vários declives. Saberia reproduzir em desenho os locais por onde andei. Recordo com nitidez absoluta a topografia do local.
Há uma loja pequena, encantadora, chamada «Les cadeaux», onde entro. A empregada vem ao meu encontro, mas eu apenas pretendo uma indicação. Explico-lhe que tenho de passar para o lado de lá da ponte que corta a rua ao meio. Já o tentara, mas sem êxito. Embora tivesse rodeado a ponte por todas as ruas que a ladeavam, elas nunca iam dar ao local que eu procurava. Contudo, o acesso parecia fácil.
Estou vestida muito formalmente (o que não é o meu hábito), calço sapatos que não são apropriados para as calçadas velhas de macadame muito pisado por onde ando. Tenho o firme propósito de passar para o outro lado da rua, que é, quase ali a dois passos, mas o acesso parece enigmático.
A rapariga, solícita, aponta-me os caminhos que devo fazer e tudo parece fácil. Só que eu já anteriormente tentara sem êxito. Mas vou repetir, porque talvez me tenha enganado… Há uma simpatia na empregada da loja que me faz acreditar no que diz. Ela conhece a área. Eu não.
Rodeio o acesso à ponte, decidida a vencer as minhas resistências e incapacidades anteriores. Não, a rua não é contornável nem ali nem mais à frente. Vou atravessar uma outra ponte rudimentar, com um movimento característico de uma cidade muito antiga (a ponte é de madeira), e que em nada se parece com a cidade onde me encontro. Avanço, mas, a meio da ponte, deparo com fardos cúbicos e enormes, que vêm na minha direcção e que me vão obstruir a passagem. Os fardos rebolam e assustam-me. Só posso voltar para trás para fugir ao perigo iminente. Tenho noção da minha perfeita incapacidade para dominar uma situação tão insólita.
Regresso à loja, porque aí posso falar sobre o ocorrido. A rapariga não está. Não vejo ninguém. Tamborilo com as pontas dos dedos numa mesa de pé de galo com o tampo cheio de saleiros clássicos da Vista Alegre. Ninguém aparece. Penso na facilidade com que alguém menos

sério se poderia apropriar do que quisesse na loja. Volto ao passeio. As imediações estão desertas, embora, mais ao fundo, do lado de lá da ponte que desejo atravessar, e que fica afinal na continuação desta rua, haja um bulício próprio de uma cidade activa e moderna.
Um táxi surge e pára perto do passeio onde estou. De dentro sai a rapariga da loja, dizendo que será mais fácil ser o motorista a levar-me onde eu desejo ir. Acho óptimo, mas ridículo ir para tão perto de táxi. O homem faz um sorriso e diz-me que tem mesmo de ir para lá, portanto pode levar-me de caminho. Vamos em completo silêncio. Não chego a agradecer a simpática boleia porque acordo.

Sento-me na borda da cama, são cinco da manhã, hora a que vulgarmente acordo. Mentalmente, tento recriar o sonho. Não o quero esquecer. Adormeço de novo e surge outro sonho independente do ambiente deste.

Estou numa rua muito estreita que nada tem a ver com a do sonho anterior. No passeio à minha frente a porta larga de uma loja de antiguidades parece convidar-me a entrar. Sinto uma espécie de atracção, à qual não consigo resistir. Sinto que estou a ser observada e não me apetece procurar quem me observa.
Vou visitando a loja sem nenhum objectivo determinado e deparo com um homem reclinado numa chaise-longue *que me observa. É certamente o dono. Não sei porque não se levanta, não sei porque me interroga fora do contexto. Não sei porque retenho na memória a sua cara e o seu casaco de* tweed *axadrezado (*posso descrevê-lo ao pormenor).
Começo a virar as páginas de grandes álbuns com reproduções de fotografias. Numa encontro a de Fernando Pessoa, meu tio. Demoro-me a contemplá-la, e então o homem pergunta-me se estou interessada no álbum. Explico. O dono da loja salta como uma mola e desata a falar sobre o espólio, do seu entusiasmo pelo poeta... por incrível que pareça, conhece alguns livros da minha obra. Diz que assistiu a um lançamento e desata a dizer coisas que me agradam.
Levanta-se então e verifico que o homem tem graves dificuldades ambulatórias. Dirige-se a uma estante e retira de lá um livro que parece uma enciclopédia. Folheia-o com atenção e vira uma página

com determinação. Mostra-ma. Vejo a fotografia de meu avô João Miguel dos Santos Rosa, fardado de oficial de Marinha. Tenho uma fotografia idêntica em casa.
Fico tão enternecida que rolam lágrimas pela minha cara. Sempre que as memórias da minha mãe vêm ter comigo, fico assim. Aqueles membros da família que não tive o prazer de conhecer surgem como heróis lendários, proporcionando-me material para lhes construir a história que me parece mais apropriada.
O senhor (ninguém tem nome nos sonhos) *diz-me que lera naquele livro que o cônsul-geral de Portugal na África do Sul tivera uma reputação notável, pois sacrificara a sua vida por deveres de estado. Decorria a Grande Guerra de 1914. Tal como a minha mãe me contara, ele prolongara a sua permanência em Pretório onde veio a morrer em Dezembro de 1919 para servir o seu país. Eu tinha um grande orgulho nele, porque era fácil a um cônsul-geral ser corrompido, e ele morreu íntegro e deixou a família com dificuldades. Era bom saber que alguém fora da família escrevia a verdade sem esperar retribuição.*
Já sabia de tudo isto pela boca de minha mãe, mas tornava-se mais importante por ser um estranho a contar o que outro escreveu.
Quando lhe propus comprar-lhe o livro, ele disse que tinha dois exemplares e que era um prazer poder oferecer-me um. As lágrimas corriam-me cara abaixo...

... e acordei com a almofada molhada.

= Sonho 38 =

Volto a preocupar-me com a campanha eleitoral, porque o meu país está vestido de miséria perante a Europa.

A campanha eleitoral decorre sem interesse para ninguém, excepto para arruaceiros. Alguns jornalistas de terceira categoria (para não os rebaixar demais) procuram, conforme as simpatias políticas, encontrar os nichos necessários para arrasar a vida pessoal e política dos visados. Para venderem papel, rebaixam-se rebaixando o próximo.

Assim, os eleitores cada vez se tornam mais indiferentes, e as camadas jovens e as mais velhas serão por muitos anos absentistas. Este estado de coisas deveria revoltar os jornalistas honestos e esforçados, aqueles que ao longo das suas vidas, querendo informar (e não inventar), arriscam expor-se. Independentemente das suas convicções, procuram relatar com honestidade. Presto sempre homenagem a uma classe que só deve ser quarto poder quando relata com isenção. Será uma utopia?

Não sei se o facto de ler muitos jornais, mesmo estrangeiros, ou o assistir a mesas redondas sobre diversos temas, debatidos por gente das mais variadas tendências, me torna mais ou menos apta para construir os meus parâmetros opinativos. O facto é que, sem bom senso, a política fica minada para sempre. Entre o ideal e o possível, todos se digladiam e os mais bem falantes parecem ser os vitoriosos.

Esta apresentação não parece ter nada a ver com o tema de um sonho, mas, como verão, teve efectivamente. Adubamos os sonhos com o nosso quotidiano.

Seria um palco lá ao fundo? Ou um episódio de vida no quintal do meu vizinho? Ou estava escuro, ou os meus olhos pouco viam? Atormentava-me ver mal. Depois, alguém abria potentes focos de luz, e havia mesmo um palco onde a uma mesa se sentavam Cristo e os seus doze apóstolos. Bem, não era Cristo mas sim uma figura majestosa indecifrável que estava atenta ao que os seus convidados

diziam. Ela só virava a cabeça para um lado e para outro. (Mais tarde pensei que seria a República.)
Sim, não vale a pena perguntar quem estava nessa «última ceia». Estavam todos os candidatos. Os sonhos não costumam ter cheiro e, assim, não percebia o que comiam.
Todos os presentes, aspirantes a governar o país, queriam as mesmas coisas que nos fazem falta e atormentam. A forma de as conseguir era utópica, mas os ouvintes prestavam mais atenção à exposição verbal do que aos conteúdos. As mais utópicas, que sempre agradam a um público que necessita de rir, eram apresentadas pelos humoristas da época. A Pátria estava em perigo, mas o humor fazia esquecer o próximo terramoto financeiro.
O meu olhar, quase cego, era agora tão abrangente que via a fila dos candidatos em desfile como as misses num concurso de beleza. O palco tão depressa ganhava visibilidade, como se esbatia na penumbra. Nas ruas havia o barulho das fanfarras, dos tambores e gritos de apoio e protesto. (Porque não conseguiria ver com nitidez a figura central? Porque teriam feito aquela «última ceia»? O que personificavam os apóstolos da política?)
Aos poucos as suas vestes iam perdendo o contraste e as cadeiras pareciam albergar fantasmas. Por fim, deve ter havido um curto-circuito, porque tudo acabou, e também o meu sonho.

Foi um péssimo acordar, porque a realidade não seria melhor.

= Sonho 39 =

Se tivéssemos a faculdade de unir todos os nossos sonhos — os que conseguíssemos reconstituir, evidentemente —, chegaríamos à conclusão de que vivíamos uma vida paralela, sem nunca lhe termos prestado grande atenção. Dessa vida, não teríamos testemunhas credíveis, pois as vivências não seriam partilhadas. Viajaríamos por territórios desconhecidos e por outros que pareceriam cópias de lugares por onde já andámos.

Será o sonho um escape, um contraponto das tensões autenticamente vividas, destinado a manter a actividade cerebral? Haverá memórias transmitidas pela herança umbilical? Talvez apenas fragmentos reconstruídos de memórias e de factos vividos e esquecidos. Padrões de um itinerário eterno?

A ignorância é um enigma que a ciência vai desvendando. Actualmente, fá-lo com celeridade, mas chega sempre a pretensos becos. Esses becos vão-se deslocando, porque a ciência avança. Contudo, os cientistas interrogam-se constantemente.

O nosso planeta é um apêndice da Via Láctea; reúne as condições certas para que possamos habitar nele: a distância adequada do Sol, a combinação gasosa que nos permite respirar... Bastariam pequenas modificações neste equilíbrio, para que não houvesse seres vivos.

O homem de hoje morre menos ignorante, mas continua pouco sábio. Tem esperança em que a estrela que lhe fornece energia para viver (o Sol) não se desintegre nos próximos cinco milhões de anos, segundo as previsões científicas. Sabe que nenhuma estrela é eterna e que sempre culmina na desintegração. Será melhor que o homem continue a procurar a lua de algum planeta onde a vida seja possível, pois os planetas conhecidos não reúnem condições para tal. Sabemos agora que há água na Lua; contudo, o resto do universo parece uma incógnita inacessível. Por enquanto...

É possível que a chamada música contemporânea, pós-Schönberg, proporcione ao ouvinte atento um contacto com acordes cósmicos. A constelação de instrumentos, inscrita numa partitura que

foge à harmonia habitual, conduz o ouvinte por outras galáxias e sistemas, numa busca de mundos ainda silenciosos. Afinal, é na desarmonia que subsistimos, ainda que precariamente.

Entrei naquela concha de madrepérola, ou de um material semelhante, mas infinitamente mais leve e transparente. Havia pedrinhas de várias cores no interior, assim como bivalves e pequenas estrelas de pontas esculpidas em filigranas marinhas. Estava ausente do meu invólucro (corpo) e este não me fazia falta. No silêncio do fim da tarde, o mar ouvia-se no âmago da enorme concha. Era esse som encantatório que me deslumbrava, como um amor que se prenuncia sem parecer estar a nascer.
Ali era uma visita esperada. A fada que não conhece o seu fadário. Havia um acontecimento que se prenunciava como um acorde de música regido por um maestro invisível. A escala sonora parecia emergir das profundezas dos oceanos e não do marulhar das ondas na areia.
Dentro daquela concha que se alarga, onde já não se definem os limites, começo a sentir o meu corpo tomar forma; as plantas dos pés são a minha primeira realidade.
Uma criança chora na praia, porque a querem obrigar a mergulhar. Alguém quer impor a sua vontade e vem fragilizar todo o equilíbrio.

Acordo e ainda não sei se a criança estava na praia ou debaixo da minha janela que é num rés-do-chão.

= Sonho 40 =

Um amigo, professor da Faculdade de Ciências, sabendo que eu procurava material onírico, contou-me um seu sonho recorrente. Devido a vários factores, e também a interesses académicos, tanto ele como a mulher, a Maria Antónia, catedrática na mesma área, viajam muito. Como é evidente, de avião.

O sonho que me relata, e que o deve aborrecer, aparece de vez em quando (só se deviam repetir os bons sonhos...). Ele é um homem de ciência, não perde tempo a analisar sonhos. Mas acha graça a estes devaneios e, com um ar um pouco trocista, lá resolve contar-me este sonho, que às vezes teima em voltar e que, por isso — diz ele —, talvez mereça aparecer neste livro. Conta-mo depois de um jantar.

— Tenho tido este sonho recorrentemente e só agora que o estou a contar reparo que a Maria Antónia nunca está no avião quando o pesadelo começa. Bem, o pior é que ele devia ser classificado como um pesadelo, se eu fosse um tipo bem formado... Mas parece que, afinal, não sou.

E explica:

O avião põe os motores a trabalhar. Naqueles primeiros minutos de silêncio que antecedem a descolagem, há um clima de suspeição, porque mesmo a técnica aeronáutica mais apurada pode falhar. Fico um pouco hirto. Esse espaço é talvez um patamar de angústia que nunca expliquei a mim próprio.
Depois, as pessoas vêem as luzes acenderem-se e começam a procurar livros, revistas ou os documentos que trazem para aproveitar o tempo. O avião atravessa sucessivos poços de ar, a luz apaga-se de novo, os cintos têm de se manter apertados e ouvem-se pequenas explosões, seguidas de outras, e o pânico instala-se naquele avião que se anuncia vir a ser um túmulo.
Quando o avião começa a cair a pique, eu deixo de sofrer; estou de fora como um ser imaterial que tem o dom de ver o desastre. Vejo o

filme desenrolar-se sabendo que os actores não morrem ali, observo do meu posto invisível, imaterial. Espero que rapidamente o episódio acabe, porque estas coisas só acontecem aos outros.
Vejo a tragédia dos outros e, em vez de sofrer, sinto o alívio de me ter subtraído ao interior do avião e de pairar como um espectador calejado por tragédias.
Sinto-me um ser abjecto que não devia alguma vez ter existido. O mal dos outros é-me indiferente. Estou vivo e é para mim o essencial.

Depois ainda acrescentou como remate:

— Este sonho aparece episodicamente, e embora eu continue a dizer que não receio voar, sei que o medo sempre me acompanha. O mais grave é furtar-me a sentir-me condoído com a morte dos outros, os meus companheiros de viagem. Um dia, contei este sonho a uma amiga psicóloga. Ela explicou-me que «os que mais profundamente sofrem pelo próximo procuram meios para se protegerem». Que caminhos ínvios tem o estudo da psicologia! — afirma ele com aquele seu ar trocista de homem que lida com as abstracções da matemática. Não fiquei muito convencida com esta explicação, mas percebi que a vida e as desilusões que vamos tendo nos endurecem ao ponto de por vezes deixarmos de sentir. É o que acontece com os noticiários. Mesmo que nos abalem não sofremos na proporção da tragédia.

Esta recolha de sonhos tem sido uma viagem que faço depois da meia-noite e me leva aos patamares da consciência que é um local muito nebuloso.

= Sonho 41 =

Os amigos, às vezes pressionados, lá vão contando os seus sonhos. A Fernandinha contou-me este, bastante original.

— Ainda não o tinha contado porque é estúpido demais! — disse ela. — Sempre desejei voar. Desde criança que vou tendo sonhos que me aliviam do peso da gravidade. Talvez por isso este sonho tenha ficado tão colado a mim. Nunca o esquecerei.

Eis o seu relato:

O espaço não tinha fim e eu via tudo de bem alto com uma alegria esfuziante. Eu era um melro. Sim, um melro de bico amarelo e de penas pretas. Cantava naquele tom um pouco chocho de ave que espera um melhor desempenho.

O poder movimentar-me daquela maneira, e a alegria que daí advinha, era o meu sentimento humano, e a consciência de estar diferente, de ser «outro» e de ainda não me ter esquecido de como era anteriormente. Era bom, mas embaraçoso: o que se deseja nem sempre se concretiza, fica-se dividido entre duas personagens; é um desdobramento que incomoda. Talvez por isso havia uma preocupação que se tornava aborrecida para mim, melro.

Com aquele bico amarelo não podia falar. Embora estivesse muito feliz por poder voar, aspiração máxima de toda uma vida, nunca mais falaria... Com os olhinhos piscos, via o bico amarelo que não me deixava articular palavras. Esse estado ambíguo fazia parte de um momento raro em que a fronteira entre o humano e o animal conviviam desajeitadamente.

Ensaiei um bate-bico, mas palavras nunca as diria. Aquele bico útil, bonito, agressivo quando fosse preciso, nunca me deixaria falar. E, assim, sentia-me um melro com um problema. Faziam-me falta as palavras, muito mais do que qualquer outro melro poderia imaginar. Nunca se aproximou de mim outro melro. Seria que, cantando, conseguia comunicar com os da minha espécie? Talvez outro melro me ensinasse a sentir-me feliz com a minha actual condição. Era certamente um melro novo que ainda não sabia adaptar-se.

Voar, voar era ser feliz. Tornei-me um melro hiperactivo, raramente pousava nos troncos das árvores. Para ser realmente feliz tinha de satisfazer aquele desejo de sempre. Voar, ver o mundo de cima. Esquecer que um bico assim não dava para articular palavras. Queria aproveitar a faculdade de sentir a minha leveza de ser.
Pousei num relvado muito verde, onde a frescura da última rega deixara pérolas de água a deslizar. Ouvi as vozes das crianças num infantário muito próximo, e chorei. As lágrimas queimaram-me o bico amarelo e fiquei mole e pesada em cima da minha cama. A sensação de peso excessivo e de gravidade caía com força sobre toda a minha pessoa humana. Acordei.

E a Fernandinha pediu desculpa por me fornecer um sonho que, como ela afirmava, era estúpido, curto, inverosímil... Eu verifiquei, com esta recolha, que o homem sempre desejou voar. Os pássaros são verdadeiros estetas na construção dos ninhos. Preocupam-se com todos os pormenores.
E, ao concluir este relato, lembrei-me de ler num verso de Lamartine: *Est-ce que les oiseaux se cachent pour mourrir?*

= Sonho 42 =

Os sonhos dele eram muitas vezes pantagruélicos. Dizia-me que não valia a pena contar-mos, porque já me castigava bastante com as suas narrativas de locais e ocasiões envolvendo refeições inolvidáveis.

Depois de eu insistir muitas vezes, um dia ao acordar, com aquele seu sorriso um pouco maroto de homem que ama os prazeres da vida, disse: — Olha, hoje lembro-me do sonho. Não te zangues, é sobre comida.

Tinhas convidado dois casais amigos para jantar, e eu era da opinião de que devíamos ir a um restaurante. Tu, poupada como és, explicaste que tinhas em casa uma bela picanha e acompanhamentos e que devíamos jantar os seis em casa. Reparei que estavas com umas sandálias velhas e que não as foste tirar. Fiquei na expectativa, sem saber se isso queria dizer que decidiras não ir ao restaurante. A minha atenção passou da minha vocação habitual para jantar fora, para a preocupação com o facto de não mudares de sandálias, o que significava que querias ficar em casa. Acho que só me preocupava olhar para as tuas velhas sandálias. Era uma obsessão. (Não fiques aborrecida. Eu sei que sempre te arranjas bem, quer haja amigos em casa, quer estejamos sozinhos.)
Depois, as visitas ficaram esquecidas e eu apenas queria sair e deliciar-me com uma sapateira.
Comecei a fixar os teus pés, e acho que tu devias estar a pensar que era altura de deitar aquelas sandálias fora e de te dedicares a comprar sapatos, o teu desporto favorito. Depois, comecei a ver em detalhe a porta do nosso sapateiro de Lisboa. Sabia que tu o admiravas por ele também ser poeta. Seguia-te na rua sem que tu te apercebesses, um pouco cabisbaixo até ao tal senhor Mário, vate nobre e desconhecido. Acho que tu e o sapateiro não me viam. Eu era invisível. Dirigindo-te ao senhor Mário, ouvi-te dizer: — Faça-me umas sandálias com estas solas que ainda estão boas e a parte superior com casca de santola... Fica original, não acha?...

Não ouvi a resposta do homem. Voltei para casa tristonho, porque, além de te entenderes com a veia poética do sapateiro, ainda te davas ao luxo de em breve teres nos pés aquilo que deve estar bem condimentado e na mesa. Acho que fiquei magoado.

Acordei com a boca azeda e com vontade de implicar contigo pelo dia fora. Afinal, não tive ocasião de me desforrar deste estúpido sonho, porque tu tinhas ido para fora com o teu clube cultural e só regressavas no dia seguinte. Acho que deitei fora as tuas sandálias usadas. Foi uma vingança estúpida, motivada por um sonho também estúpido. As sandálias eram vulgares. Se eu pudesse orientar os meus sonhos como tenho orientado tantas teses de doutoramento, reduzia tudo a zero. Ou seja, esquecer os sonhos inconsequentes. Sonhar com o desejo de comer sapateira e acabar com a vaga suspeita de que talvez seja melhor vigiar a minha mulher e o sapateiro é triste e não melhora o paladar.

= Sonho 43 =

Registo aqui as impressões deste sonho, ou sonhos, para que a memória não se esvaia como água.

Havia uma modista num sítio inacessível. Para lá chegar, passei por muitas dificuldades. Sei que levei uma blusa antiga para que a modista tivesse as minhas medidas. Lembro-me de que essa blusa era de uma seda natural lindíssima e que alguém me trouxera a seda da China, muitos anos antes. Isto era certamente um facto prévio a este sonho, e estava implícito nele.
O feitio da blusa era clássico e, ao acordar, lembrei-me de que era o modelo que a Cremilde levava na viagem que fizemos em grupo a Vila

Viçosa. Sei que devia ter tido um desejo especial de encomendar blusas. Mesmo assim, ao chegar ao atelier *da modista por caminhos de difícil acesso, fiquei surpreendida quando na sala de provas a empregada entrou com umas quatro blusas, em acabamentos finais para eu provar. Pareciam-se com as lindas blusas da Cremilde!*

Recordo nitidamente a cor das diferentes sedas e os feitios. Registei um pormenor, perfeitamente inusitado: nas costuras do lado das blusas, quase no final, a cinco centímetros da bainha, havia uma espécie de molhinho de lacinhos feitos com o desfiar dos fios da própria seda. Era uma espécie de marca de acabamento que dava uma matriz de qualidade ao trabalho daquele atelier*.* (Isto era um dado nítido no sonho.)

A blusa cor de areia tinha rendas e nervuras e decote redondo; a blusa azul-claro tinha pregas pespontadas com aplicações finíssimas de cetim do mesmo tom; a blusa rosa era inspirada nas cambaias chinesas; e a verde era um chemisier *cujo suporte eram os botões de grande delicadeza e novidade.*

Vejo duas empregadas da modista entrarem com estas quatro blusas na sala onde eu esperava acompanhada de uma amiga. Estava estarrecida com as blusas, e não me lembrava de ter encomendado senão uma. O ar profissional das ajudantes da modista, digo mais, o ar triunfal, exibindo as obras do atelier *a que pertenciam e consideravam de eleição, tudo isto vi e senti, e interiorizei o significado: teria de pagar sem me lembrar de anteriormente ter feito tão grande encomenda?!...*

Então comecei a provar uma por uma e, embora todas impecáveis enquanto peças de arte de costura, nada tinham a ver comigo. E porquê? Talvez porque essa era de perfeição e beleza de materiais já tinha passado por mim. Assim, num raciocínio-relâmpago evoquei duas épocas distintas: os anos 40, aquilo de que gostava e o que sentia nesse tempo; e a época actual. Comparava a rapidez de execução, o pronto-a-vestir, com o esmero e o cuidado posto em cada peça apresentada. Quando pensei que tinha de voltar a casa depois das provas e galgar os caminhos difíceis, digo, perigosos, por onde viera desde minha casa sobrepôs-se ao facto de ter de pagar o que não me lembrava de ter encomendado.

A modista ficava longe. Para ir e voltar, tinha de me aventurar por rochas que as marés podiam deixar inacessíveis. O mar subia agora. Tinha-me demorado demais na modista. Como faria o caminho de regresso sem ser atingida pelas ondas? Sei que falava para trás, para a pessoa que me acompanhava, mas já não me consigo lembrar de quem era. (A sensação de ter sempre a responsabilidade das opções! O cansaço de não poder relegar decisões...)

Foram essas dificuldades de acesso à modista que, uma vez acordada, deduzi poderem demonstrar as duas épocas em questão: anos 40 e presente.

Poderia desenhar as blusas com todo o pormenor. Os materiais, as cores, tudo tão nítido.

Na mesma noite houve outro sonho mais sério. Talvez mesmo preocupante.

Lembro-me apenas de estar com outra pessoa no consultório de um médico e de querer convencer o médico de que o meu caso, embora parecido com o da minha amiga, não podia ter o mesmo tratamento. Julgo que a doença evolutiva deveria ser avaliada tendo em atenção a nossa diferença de idades. Eu tinha, pela minha idade, uma esperança de vida curta e devia viver este tempo sem agressões cirúrgicas. Ela — não sei quem — devia ser operada, porque tinha uma maior esperança de vida. Convencer o jovem médico foi o problema (a questão profissional e a questão humana e social). Fixei apenas a zona muito iluminada do consultório onde três vidas, num ápice (no sonho), formavam um nó.

Porque não terão sido pacíficos os sonhos nesta noite? O meu pobre diagnóstico: porque comer refeições pesadas e de difícil digestão não ajuda a um sono descansado. A comida alentejana não é para estômagos cansados da vida.

= Sonho 44 =

A Lúcia não me queria contar o sonho, porque, segundo ela, era tão fragmentado que tinha dificuldade em perceber-lhe um fio condutor. Depois, lá foi descrevendo os episódios de que se ia lembrando, como acontece com as memórias do nosso passado que se tornam mais nítidas quando as descrevemos — ou, melhor dizendo, quando as ficcionamos, porque as queremos mais vívidas. Pela minha parte, procuro sempre preencher as lacunas, pelo prazer de contar e de construir a partir de sonhos dispersos. Em compensação, os que

colaboram neste livro têm a oportunidade de ser co-autores. Que me perdoem as inexactidões...

Ruas desconhecidas numa cidade onde nunca estive. Nítido, nítido, apenas alguns sketches*, como numa linguagem filmica.*
Havia alguém a acompanhar-me. Sei que era uma amiga, mas não consigo identificá-la. Subimos umas escadas íngremes; os próprios degraus eram também altos. A cor da madeira das escadas tinha uma tal nitidez que parecia que eu trabalhara em marcenaria, ou cuidara de árvores, para ligar tanto aos nós da madeira e à sua textura.
Subimos a um patamar onde, ao fundo, se abria uma porta para um restaurante um pouco desleixado. Havia várias mesas com toalhas verdes; poucas estavam ocupadas. Parecíamos estar fora do horário de atendimento. Depois, olhei para a minha amiga e reconheci a Luísa Sá. Ela é que chamou um empregado. Eles não se mostravam atentos. Pensei que talvez tivessem os ordenados em atraso, ou que estaríamos fora da hora de expediente, ou que o espaço seria só para sócios, ou que eles apenas não gostavam do nosso aspecto... (Tudo muito rápido em pensamento, ao contrário da lentidão dos procedimentos.)
Disfarçadamente, tirei do meu saco uma escova e compus o cabelo (a noção de fazer errado, pentear em público, e o desconforto disso)*.*
Quando, finalmente, depois de longa espera, apareceu o prato de lulas com legumes, estávamos já desejosas de que tudo acabasse. Não sei para quê a pressa, porque tudo sempre acaba! A Luísa ficou a pagar a conta e eu dirigi-me para o patamar que dava acesso à escada. Parece que devia haver um seguimento para tudo isto, mas tudo sucedia como um imprevisto, um não-programa, um não-acontecimento, um tempo extra que nos deram para viver e que estava mal programado, um preencher de horas de um dia sem referências, sem estímulos. Ter de viver um tempo sem utilidade...
Dirigi-me ao tal átrio e reparei em que havia ali um sofá velho de napa. Os assentos e as almofadas das costas pareciam ter acolhido sucessivos visitantes, que se demoravam esperando por lugares nas mesas. Sentei-me. A minha mão direita encontrou entre as almofadas do assento um volume estranho, que a medo puxei. O objecto estava muito enterrado no estofo, mas eu estava ali só para o encontrar. Sentindo-me culpada, puxei uma bolsa escura e vi que continha

moedas antigas, algumas pareciam de ouro. Depois, afundei de novo a mão e encontrei, numa zona mais funda do sofá, outro pequeno volume. Sentia-me incomodada porque parecia que estava a roubar. O medo instalou-se e comecei a ter sintomas de indigestão, porque o estômago não aprecia ansiedades. Dentro das entranhas moles e fétidas do velho sofá aninhavam-se surpresas que alguém, certamente tonto, ali guardara.
Seria eu descoberta naquelas manobras de palpar colchoarias? E se os donos do restaurante ou o gerente me apanhassem naquele despropósito de investigação clandestina?
Que caminho seguir? Abri o segundo saquinho que puxara das entranhas. Continha um lindo laço de brilhantes e safiras de um qualquer mestre ourives. Mostro-o à Luísa? Entrego-o ao gerente? Dirijo-me a uma esquadra da polícia? Guardo-o na carteira e espero que alguma ideia me ilumine?
Achei que era importante demais para que alguém tivesse negligenciado este «achado». Achei que o proprietário do sofá não devia saber o que ali se escondia. Achei que a minha amiga nunca teria uma opinião mais abalizada do que eu e que só me iria confundir ainda mais.
Enfiei tudo na minha carteira. Aconcheguei as almofadas coçadas de napa e pus-me em pé com o ar decidido de quem finalmente sente que conduz a sua vida... e acordei*.*

— A sensação de ser uma criminosa impune durou toda a manhã — disse a Lúcia, que continuou a explicar-me: — Sabes, este sonho só tem uma ligação à minha realidade. O laço de brilhantes e safiras era igual ao da minha mãe, e ficou destinado, por sua morte, para a minha irmã. Fui compensada de outra forma e nunca mais pensei nisso. Actualmente, ninguém ousa adornar-se com jóias que não pareçam pechisbeque. Ela guarda-o num banco.

Eu escrevi o sonho com gosto, porque me deu para outras reflexões. Se a Lúcia recebeu valor em dinheiro ou bens menos afectivos e facilmente vendáveis, ficou muito melhor. Uma boa viagem dá sempre mais prazer do que uma jóia num cofre de um banco!

= Sonho 45 =

Mais uma amiga, a Maria Alice, me telefona e me conta um fragmento de um sonho. Ela é viúva há muitos anos. Fez o aviso do costume: — Olha que é muito curto e estúpido, vê lá se o compões.

Saí de casa com um propósito tão firme que quase corria. Tinha resolvido contar um sonho às minhas duas amigas. Aos sábados, ia sempre almoçar a um certo restaurante com duas colegas, professoras como eu. Tínhamos a cumplicidade de poder falar sobre quase tudo: dos afectos familiares, dos problemas de adaptação a uma vida cujos valores haviam mudado, das desilusões que não nos destruíam mas que nos abalavam. Era como uma ida ao psiquiatra sem psiquiatra. (Isto realmente acontecia na vida real de Maria Alice.) *Estávamos as duas nesse restaurante e olhávamos com frequência para a porta de entrada, esperando ver a Isabel, que ainda não tinha chegado e se deveria juntar a nós. Esse desassossego misturava-se com o ruído produzido pelos empregados do restaurante, que tilintavam fortemente com a loiça como querendo reivindicar a importância da sua presença.*

Depois, a Isabel apareceu. Vinha esbaforida, tinha trazido a «viatura» (dizia isto troçando do próprio termo) e deixara o carro longíssimo.

— Estive à tua espera para contar uma novidade — disse-lhe.

— Vais afinal com os teus filhos à Turquia?... — perguntou a Manuela.

— Parece que será outro género... Ela está com um brilho novo nos olhos — disse a Isabel, largando a tralha que sempre atirava para o chão e se espalhava a seus pés.

— Vou contar, porque preciso mesmo de falar disto. Há coisa de três meses encontrei o José Miguel, aquele que foi aluno de meu pai e viveu parte da sua vida em Angola. Lembram-se?

Entretanto, o barulho dos copos, pratos e talheres subia de tom e eu queria falar mas parecia que as palavras se perdiam. Precisava que ouvissem e disse como quem arrota depois de uma refeição copiosa:

— Comecei a sair com ele, íamos ao cinema, almoçávamos em Bucelas, que é perto da casa dele, e propôs-me casamento ao fim de uns dois meses de convívio.
O barulho era infernal; eu queria falar e as palavras não me saíam da garganta, mas eu insistia e, subitamente, já não estávamos no restaurante ruidoso, mas num banco do jardim da Gulbenkian. Eu estava sentada no meio delas e lembro-me nitidamente dos sacos e da tralha da Isabel espalhados no chão. Expliquei que dissera ao José Miguel que gostava dele, e que estávamos ambos livres, mas que havia um problema grave. Ele estava muito envolvido na actividade política de um partido, tinha muita visibilidade e eu não gostava nada dessa sua faceta. As minhas amigas soltaram um ahahhh exagerado, como se eu estivesse a recusar um prémio de lotaria, e questionaram-me sobre a reacção dele.

Neste momento acordei sem saber quem era o José Miguel, que eu nunca conhecera. Também não identifiquei as amigas. Não se pareciam com ninguém que eu conhecesse. «Não eram vocês, mas tinham os vossos nomes...», disse-lhes assim que as encontrei. E agora conto-te a ti.

— Como sabes, Manuela, estou viúva há muito tempo. Nunca pensei em tornar a casar-me, mas aquele romance não concretizado deixou-me um vazio no peito. Talvez depois de tu o escreveres, e de eu o ler, me seja mais fácil esquecê-lo.

Eu insisti com a Maria Alice para que tentasse encontrar algum fio condutor do relato que me fizera. Ela então, esforçando-se por rebuscar naquela experiência as possíveis causas, disse:

— Sabes, sempre me decepcionou o comportamento de alguns filiados em partidos políticos. Parece que esquecem os interesses do país e que procuram extremar posições só para criarem fracturas irremediáveis. Conduzem-se às vezes como associados de um clube desportivo, com a cegueira do clubismo. Talvez essa raiva que me invade sempre nos debates políticos tenha sido o motivo daquele sonho curto mas marcante. Talvez o vazio da minha vida afectiva se tivesse imiscuído no sonho... Ora, sei lá!

= Sonho 46 =

«Eu adoro o mar para o ver ao longe.» Esta frase, já a ouvira à Leonor várias vezes. Muitas das minhas amigas e conhecidas de longa data tinham esta característica: através dos anos, repetiam histórias, conceitos, amores, repulsas que as acompanhavam como um *chip* de identificação. Mal abriam a boca, eu já sabia qual a disquete. Este facto levava-me a procurar ambientes diversificados, onde os códigos fossem outros e o meu enfado se desvanecesse. Enfado que também sentia por mim própria!

Sempre encontrei na leitura o prazer de me evadir do restrito círculo da minha vida. Os livros representaram o meu maior escape ao tédio. O *spleen* dos anos do Charleston abatia-se sobre mim nesta época de intoxicação pelos *media*.

Peguei n'*A Cidadela Branca*, de Orhan Pamuk, e li-o de um trago. Sou assim, gulosa de chegar ao fim. Apreendo o ritmo e aquele odor que perpassa no ambiente criado pelo autor. O odor da peste que todos receamos e da réplica de nós próprios, que nos enoja também.

Mas no livro havia os sonhos.

E li: «Finalmente avistámos o castelo. Erguia-se sobre uma colina bastante elevada; o fulgor do Sol poente tingia ligeiramente de vermelho as suas torres, onde esvoaçavam os estandartes. Era branco, imaculado e muito belo. Não sei porquê, pensei que não se podia imaginar senão em sonhos uma coisa tão bela e inacessível.»[7]
Talvez devido ao cansaço de ter lido e entrado no segredo daquela cidadela branca adormeci e sonhei.

Sabia que fugia. Mas de quê? Silhuetas de mulheres passavam contra o sol que se esgueirava a oriente. Não as identificava, mas calculava quem eram. Saberia eu esconder o meu pensamento delas? Andaram, andavam ou andariam sempre comigo? Então, uma vereda já mergulhada na sombra estendia-se a meus pés. A penumbra afastou-me a atenção das silhuetas das mulheres; mecanicamente caminhava sem saber para onde ia.

[7] In: *A Cidadela Branca*, de Orhan Pamuk, Lisboa, Editorial Presença.

No fim da vereda havia uma lagoa de águas transparentes, e depois dela vários caminhos estreitos e sinuosos trepavam docemente por uma suave colina. Ao olhar-me nas águas como um enfatuado Narciso, sobressaltei-me. A imagem reflectida mostrava a mulher que eu gostaria de ser. Procurei um espelho no meu saco de lona onde guardo o essencial. Não havia espelho, mas eu sabia que qualquer espelho seria dispensável. Conhecia-me: aquela ali parecia-se comigo, mas era em tudo superior. A paz, a suavidade do reflexo, não coincidia com meu desassossego. Lancei à água um seixo redondo, como um berlinde, e o reflexo estrebuchou, dando-me a sensação de me estar a afogar nas águas paradas. Fugi por um dos caminhos que se avistavam para lá da lagoa. A minha roupa estava húmida embora eu não tivesse tocado na água.

Sabia que tinha de ir por aquele caminho e por mais nenhum outro. Foi meu propósito fugir de mim própria. Os passos conduziram-me por uma vereda serpenteante, que me levou ao outro lado da colina onde o sol ainda raiava, vermelho. Olhando para cima vi o castelo. Seria uma cidadela? Ofuscava, de branca e brilhante.

Sabia não merecer o Paraíso. Era possível que estivesse apenas num patamar intermédio. Na lagoa, talvez a minha imagem tivesse ficado para sempre presa ao feitiço.

E se tentasse alcançar o castelo? É sempre melhor não deixar as coisas a meio... Mas eu era duas: a reflectida na lagoa, perfeita sem pensamentos tortuosos ou críticos, e a outra, a que andava em demanda e se amarrotava em frente ao espelho. Procurei de novo o espelho no saco de lona onde guardava o essencial; encontrei-o partido em múltiplos raios, como um sol. As coisas estão no sítio delas, mas de início nunca as encontro. É uma espécie de fatalismo. Já não desejei ver o castelo, nem a «cidadela branca» de Pamuk.

Acordei confundida e fui ter com a Isabel, a amiga que dava apoio a crianças em perigo. Contaria histórias aos miúdos, que era o que sabia fazer melhor. Os sonhos, esses, conto-os ao livro. Ele guarda-os entre as suas folhas, aconchegados pela capa e, um dia, talvez alguém leia e fique por momentos feliz ou admirado por nunca se lembrar dos seus sonhos.

= Sonho 47 =

Ela era uma mulher muito gorda, mas extremamente ágil. Os seus pezinhos, quase redondos, giravam como se tivesse aprendido a andar com uma fada. Um dia disse-lho, e ela respondeu: — Ah! Não sabes? Tive uma fada madrinha.

Nunca me explicou, mas vim a saber, pela D. Amélia da mercearia, que havia alguma coisa de verdade nesta afirmação.

E contou:

— Aqui em frente à minha loja havia à volta da laranjeira um balcãozinho onde a D. Angélica mostrava os seus trabalhinhos de renda. Os seus dedinhos nunca paravam e ela recebia encomendas especialmente de jovens casadoiras. Mas o curioso é que ela tinha um «dom»...

— Um dom!? — exclamei eu. — Que quer isso dizer?

— Olhe, nem sei explicar. Parece que conhecia as pessoas muito antes de elas se conhecerem. Um dia, ainda a Rita era muito novinha, olhou para os pés dela e, de olhos meios fechados, como se estivesse a ler uma mensagem vinda de longe disse: «Sendo tua madrinha te acrescento esta nova: serás leve como uma pena, irás aprender a dançar.»

— E ela aprendeu a dançar? — perguntei.

— Oh, se aprendeu! E não pergunte mais, porque a história é velha e tem barbas. A Rita fez-se bailarina. Pertenceu a um corpo de bailado no Porto, ganhava bem e era feliz. O macaco do pai quis que ela se casasse com um primo emigrante, porque não gostava de dizer que a sua filha era bailarina. A rapariga obedeceu, casou-se, separou-se e para esquecer o seu fracasso vingou-se a comer. Mas os pés parecem ainda borboletas...

Ali, numa breve troca de palavras, fiquei a saber mais um drama de violência contra as mulheres. Fiquei a saber que ainda existiam fadas-madrinhas.

Voltei para casa, que distava uns oitenta quilómetros desta vila. Estava cansada e adormeci.

Entrei no teatro, ao toque final, e sentei-me ofegante num lugar da coxia. A música do Bolero *de Ravel irrompeu. Um bailarino fez a abertura e, depois, um corpo de sete bailarinas deslizou pelo palco. A principal era a Rita. O seu corpo redondo, enorme, de vestido cintilante, fez-me esquecer o resto dos figurantes. Olhava-a... Ela não dançava. Voava. Com as sapatilhas presas por atilhos às pernas abarriladas e de* collants *faiscantes. Ninguém na plateia dava sinal de admiração, muito menos de troça.*

Eu tinha a meu lado um lugar vago. Pensei que pertenceria a alguém que teria faltado por motivo de força maior, pois a sala parecia cheia. Afinal, a Rita contrariou o pai, vingou um casamento infeliz, tornou-se célebre. Eu estava demasiado estupefacta para ter opinião. Queria bater palmas, mas as minhas mãos caíam ao longo do corpo como mortas. Os pés da Rita, à medida que a música subia num crescendo, transformavam-se em grandes borboletas.

Não ousava olhar para ninguém, e o meu corpo pesava, pesava... Alguém apareceu na coxia e pediu desculpa em silêncio, sentando-se ao meu lado, no lugar vago. Era ela, a madrinha da Rita, aquela de quem a dona Amélia dissera ter «o dom».

Ela pressentiu o meu constrangimento e disse: «Não estranhe, venho sempre no final do Bolero *de Ravel, quando as sapatilhas da Rita tomam a forma de borboletas... Fui eu quem lhe disse que isto lhe aconteceria quando ela era muito pequena. Sou a sua fada-madrinha.»*

E, dizendo isto, evaporou-se deixando-me de boca aberta.

— Estás a respirar mal — disse-me a minha tia que me abria a janela todas as manhãs às 8 horas.

= Sonho 48 =

Pedi à Graça que me contasse um sonho. Ela disse que os sonhos dela eram absurdos e que frequentemente se passavam numa casa muito grande e bonita, que ela percorria sem nunca encontrar gente e sem portas de saída.

— Como entraste? — Perguntei eu...

— Ora, isso não sei. Começo sempre o sonho estando lá dentro.

Um dia disse: — Hoje tive um sonho realmente surrealista, não sei que pintor me inspirou...

E contou-mo.

Aquelas dunas do Guincho onde me rebolava, rebolava, sem que as dunas tivessem princípio ou fim... A areia finíssima envolvia-me e emanava um calor tépido que me consolava o corpo. Via gigantescos papagaios de papel colorido a vogar ao sabor do vento num céu muito azul, e um rapazinho sentado na retaguarda do jipe tocava a sua pequena flauta. As ondas batiam no areal fazendo um baque cavo e refrescante, e eu rebolando sempre, sem tempo de chegar ou partir, sem pensamento de antes ou depois.

Parou de contar, olhou-me bem nos olhos como se só agora acordasse e continuou, noutro tom de voz:

Cheguei a casa pejada de areia e com os ouvidos carregados. Tomei duche e o corpo ficou limpo, mas não as orelhas e os ouvidos. Em vão, esforcei-me por lavá-los; o areal inteiro tinha-me entrado pelos ouvidos. Como uma decisão de guerra, arranquei uma das orelhas e esguichei água para dentro com a mangueira do duche. Depois, recoloquei-a e fiz o mesmo com a outra. O mundo exterior abriu-se para mim. Um mundo de muitos ruídos, zunidos, palpitante de vida. Acordei.

A Graça depois pediu-me desculpa por me ter contado este sonho. Eu agradeci muito, porque o sonho podia ter sido meu, que

tantas vezes rebolei nas mesmas dunas do Guincho no tempo de criança. Mas, felizmente, nunca precisei de tirar as orelhas para as libertar da areia...

= Sonho 49 =

— Tenho medo da morte — disse ela.

— Da morte ou do sofrimento para lá chegar? — perguntei.

— Das duas coisas.

— Às vezes, a morte é uma libertação. Das angústias, das injustiças, da maldade humana... — disse eu.

— Mesmo assim tenho medo da morte e... sabe porquê? Porque quando temos tempo de começar a saber viver, a enfrentar o lobo de olhos abertos, a saber olhar o esplendor da natureza, morremos. Não acho justo. É uma partida sórdida que nos pregam.

— E a fé? O desejo de saber porque vivemos? A grande curiosidade satisfeita? — perguntei.

— Não estou preparada para isso.

Este curto diálogo com a Sílvia, de tão linear, deixou-me enxuta.

Aquele postal que trouxera do Japão representando o monte Fuji estava na minha secretária. Havia sempre um momento de felicidade quando o olhava. Fora uma viagem memorável com um companheiro raro. Porque era belo, inteligente, culto e gostava de mim.

A excursão era numerosa, e os grupos de terceira idade dominavam. O ruído que faziam levava-nos sempre a tentar manter a independência, evitando colar-nos a alguém maçador. Por ano, estima-se que duzentas mil pessoas escalem a montanha.

Entre turistas e desportistas o acaso trouxe-nos Alex Temple, que estivera em Portugal e conhecia o poeta Fernando Pessoa.

Ele, o Alex, andava a escrever o seu «livro do desassossego». Sentámo-nos a uma mesa de uma cafetaria. Ele andava a percorrer o mundo. Estava agora no Japão e ainda lhe faltava visitar duas zonas: a América Latina e a Austrália. «Sabe, ao contrário do seu tio, que viajava sempre no mesmo lugar, eu escrevo um diário de cada ponto onde paro. É um desassossego em trânsito. O livro do seu tio não tem sequência nem nos pensamentos, e o meu também tem essa característica. São frases curtas, pensamentos, impressões que registo e me fazem companhia. Talvez também o seu tio nunca encontrasse o

tal amigo ideal a quem se possa dizer tudo. Não, não me venha com a Ofélia... O seu desassossego era só casar, o dele era uma viagem interior que só se pode fazer a sós. A minha viagem não pode ter companhia...» (Eu devo ter feito um ar interrogativo, mesmo a sonhar.) *Ele continuou: «Às vezes um interlocutor é como a última frase de um capítulo, de um longo pensamento que precisa de* feedback*, mesmo que o interlocutor nada acrescente.»* (Senti que estava a acordar e que não ia ter tempo de lhe dar a minha morada, para que me enviasse o seu «livro do desassossego»...)

E não tive. Acordei e resolvi voltar a ler a última versão do *Livro do Desassossego* publicada pelo último investigador, considerando-o mais bem organizado...

Estes sonhos interrompidos são também um desassossego.

= Sonho 50 =

Acordei e apanhei os fios do sonho.

Encontrei-a e achei que, apesar de os anos terem passado, ela era a Silvina, aquela minha colega de escola que me passara sempre à frente na matemática e no ginásio. Estranho sítio para a encontrar.
O salão em declive devia conduzir a um palco, mas não havia palco. As cadeiras da sala estavam cheias de espectadores. Na totalidade, havia mais velhos que novos, e muitas crianças. Talvez fosse um espectáculo para os avós levarem os netos. Eu não era uma coisa nem outra, estava ali e nem sabia porquê.
Havia uma voz que fazia avisos, e não se percebia se o som vinha da clarabóia esverdeada ou de um aparelho montado numa das paredes. Senti um arrepio ao pensar que talvez tivesse entrado no recinto de uma dessas igrejas salvadoras de homens.
Prestando mais atenção, vi que o público se voltava para a parte de cima do auditório, onde, atrás da última fila, num dos cantos, havia uma pequena mesa redonda e três cadeiras. Afinal o que esperavam? Quem se iria sentar àquela mesa?
Silvina, talvez pressentindo o meu embaraço, veio ter comigo, percorrendo a coxia e uma fila de joelhos encolhidos para ela passar.
— O tema do encontro hoje é «a fuga da geração do meio».
Fiquei exactamente na mesma (na China havia o Império do Meio)*, e ela, explicou: «Hoje os avós são gente activa, alguns já estão reformados e tomam conta dos netos. Cabe-lhes a tarefa de acompanhar, educar, transmitir os seus valores. Os netos estão a ter uma educação bicéfala — a dos pais, ao fim do dia e no fim-de-semana, e a dos avós, no resto do tempo. Estás a ver Rita?»*
Eu percebi a intenção, mas a voz-off que se ouvia só dizia: «Os três intervenientes vão conversar: uma avó, um neto e uma psicóloga.»
Obsessivamente, as pessoas viravam-se para onde estavam a mesa e as cadeiras, mas nada acontecia.

Acordei com um torcicolo tremendo. Massajei a zona distendida e tornei a embrenhar-me num sonho.

Um casal apareceu num ambiente quase idêntico e ameaçou: «Acabem com esta farsa, sempre houve entreajuda nas famílias. Ninguém aposta em educar sozinho. Mãe, pai, subam e tragam a Matilde!» Um casal com bom ar levantou-se trazendo pela mão uma miúda lindíssima de caracóis louros. Obedientemente, subiu as escadas ao encontro do chamamento.
Ouviu-se um sussurrar indeciso, ou eu achei que era de indecisão, e comecei a olhar para o ambiente onde me encontrava, mas era exterior a ele. A sociedade organizava-se como podia e não como seria o ideal. Eu pairava como adejando por cima de um ambiente do qual me sentia excluída. (Não ser notada por outros já me acontecera em sonhos anteriores.) *Fazia-me espécie... Estaria morta? Seria isto a morte? Ou estaria invisível?*
No sítio onde devia estar um palco, havia um amontoado de cadeiras a um canto e, a outro canto, um cesto muito grande, rectangular, onde estavam deitadas três personagens: um bebé que parecia dormir envolto em mantinhas azuis, ao centro apresentava-se uma figura imprecisa de um ser que tanto podia ser homem como mulher e, a seguir, um velho de cabelos fartos e brancos.
O meu olhar concentrou-se nesse cesto com uma amostra de três gerações. Afinal, não era a criança que sofria a pressão de ser manipulada pelos pais e pelos avós com pontos de vista diferentes. Ali, naquele cesto, era a geração do meio que, para seguir a carreira profissional, se restringia a uma posição desconfortável. Da minha perspectiva, via todas as vantagens e desvantagens de qualquer das posições e mergulhei célere como uma águia que enxerga a presa. Apanho o bebé e fujo com ele. Sou, afinal, uma ave de rapina que ninguém vê. Ou alguém viu?
O bebé acorda e desata num berreiro. É uma pena, porque sou solteira, sou ainda nova e não tenho trabalho exterior. A criança ficava bem comigo... Acordo.

É muito tarde. A campainha da porta toca e oiço a minha empregada dizer: «Bom dia, dona Silvina! Vou avisar a senhora de que

já chegou a massagista. Está a dormir fora de horas!... Mal sabe ela (a Silvina) que andou a passear pelo meu sonho e que por isso me atrasou.

Qualquer coisa de real desencadeou o sonho. A existência de uma Silvina e o ter assistido na TV a um debate sobre o comportamento entre as três gerações. Que manobras o nosso cérebro faz para arrumar as peças de uma forma ou de outra... Chamo a estes sonhos «*puzzles* do quotidiano».

= Conclusão =

Que os vossos sonhos – quando acordados – se possam realizar. Quando não conseguidos que vos irmanem com a maioria que sonharam um pouco demais.

Acabo aqui o relato de cinquenta sonhos. Calculo que ainda me virão a contar mais alguns e que fiquem com pena de o livro já estar a circular...

Sonhar também ajuda à criatividade. E apenas isso me satisfez.

Obrigada aos contadores de sonhos porque o livro é também deles.